Revista LiteraLivre ©

ISSN: 2595-363X

Distribuição Gratuita

Vol. 04 nº 19 - Jan./Fev. de 2020

3º Aniversário

ISSN 2595-363X

Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 4, nº 19 - Jan./Fev. de 2020
ISSN 2595-363X
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo: Ana Rosenrot
Endereço: Rua Dos Cravos, 106 – Parque Santo Antônio – Jacareí/SP - CEP: 12.309.360

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:
Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros

© Todos os direitos reservados

COPYRIGHT PROTECTED by AVCTORIS

ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Queridos amigos e amigas, mais um ano está começando e eu tenho o privilégio de trazer para todos os autores(as) e leitores(as), a nossa edição de 3º aniversário.

A cada ano a família LiteraLivre fica maior e mais diversa, com membros de todos os lugares do planeta, com idades que variam de 7 até quase 100 anos (que orgulho!). Confesso que é empolgante receber trabalhos tão variados, poder sentir em cada um deles o toque único de seus autores e assim conhecer um pouco mais de suas realidades, seus amores, desabafos, sonhos, alegrias, tristezas, enfim, fazer parte de suas vidas e cumprir a missão de levar seus escritos ao conhecimento do mundo.

Como em todo projeto, surgem dificuldades, desânimos, inseguranças, problemas, mas tudo se torna secundário quando leio as mensagens de agradecimento e incentivo que recebo dos autores(as) e leitores(as). É o carinho de vocês que me faz continuar e eu os agradeço por isso!!

Como não podia deixar de ser, esta edição vem repleta de textos maravilhosos e traz também:

– O resultado do concurso de crônicas "O Lado Poético da Vida".

– Convocatória para a 5ª edição da *Revista SerEsta.*

– Chamada para a Antologia "*O Espantoso Mundo da Antecipação"*

– A Coluna CULTíssimo, com um tema muito especial e delicado: o nazismo e suas influências na mente da juventude.

Quero agradecer em nome de toda a equipe LiteraLivre, aos amigos(as) que nos acompanham e seguem acreditando em nosso trabalho e pedir que continuem conosco em 2020. *Literatura com Liberdade!!!*

Vamos mudar o mundo através das palavras!!

Meu agradecimento especial vai para o grande poeta e amigo Tinga das Gerais, que gentilmente me presenteou com seu CD "No Colo do Sertão", uma verdadeira declaração de amor às tradições e ao povo sertanejo!! Sucesso!!

Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Foto....6
Haikai Engraçadinho....7
Jorginho da Hora....7
Resultado Do Concurso Literário Gratuito De Crônica “O Lado Poético Da Vida”....8
Coluna CULTíssimo....11
O Aprendiz: O saber tem seu preço....11
Artista do Mês....14
Tarsila do Amaral....14
Autores:....15
Alan Rubens....15
Alberto Arecchi....17
Aline Eni Costa....20
Almir Floriano....22
Amélia Luz....24
Ana Maria Fázio de Freitas....28
Ana Paula de Oliveira Gomes....29
Anielson Ribeiro....30
Anne Coimbra....32
Antônio Cazumbá....33
Antônio Jefferson Teixeira Sousa....34
Aparecida Gianello dos Santos....35
Bárbara Seidel....37
Bia Bulhões....38
Brenda Andujas....39
Cacyo Nunes....40
Carlos Henrique Barth....44
Carlos Jorge Azevedo....47
Caroline Cristina Pinto Souza....49
Charles Burck....50
Clarice de Assis Rosa....51
Cláudia Gomes....53
Claudio Marcio Fernandes....55
Cleidirene Rosa Machado....56
Conceição Maciel....57
Daia Schmidt....58
Daniela Genaro....60
Diórgenes Maicon....61

Edna Queiroz.....62
Eduard Traste.....63
Edweine Loureiro.....64
Eni Ilis.....66
Enzo Lovato.....67
Etelvina Manuel.....68
Felipe Verçosa.....70
Fernando Antônio Fonseca.....71
Flora Salvador.....73
Francisco Guilherme.....74
Gewkordeiro Silva.....75
Gilvan Pereira da Silva Lima.....77
Gracielle Torres Azevedo.....78
Guilherme Hernandez Filho.....80
Hitallo Dalsoto.....81
Hudson Henrique.....83
Idelma Bulhões.....87
Iris Franco.....88
Isabel C S Vargas.....90
Ítalo Dantas.....91
Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa.....94
Ivo Aparecido Franco.....95
J.F.Torres.....96
Jane Barros.....98
Jeremias Comaru.....99
Joaquim Bispo.....100
Joaquim da Conceição Barão Rato.....103
Joathã Andrade.....104
Joedyr Bellas.....105
Jorge Claudio Ribeiro.....107
Jorginho da Hora.....110
José Renato Resende.....111
Keila Camila da Silva.....113
Kelly Shimohiro (Irmãs de Palavra).....114
Kíssila Muzy.....116
Klara Rakal.....119

L. S. Danielly Bass....120
Léa Costa Santana Dias....123
Leandro Costa....124
Leandro Emanuel Pereira....125
Leila Alves Schiele....126
Letícia Ucha....127
Lívia Cout....128
Lourildo Costa....130
Lucas Dias....132
Lucas Ramon Porto de Assis....133
Luciano de Oliveira Fagundes....134
Luís Amorim....136
Luiz Roberto da Costa Júnior....137
Lutrícia Monti....138
Luzia Stocco....139
Maiky Oliveira....141
Marcos Andrade Alves dos Santos....142
Marcos Nunes Loiola....143
Maria Carolina Fernandes Oliveira....144
Maria do Carmo Almeida Corrêa....146
Maria do Carmo Araujo Bonfim....147
Maria Ioneida de Lima Braga....150
Maria Magaly Colares....152
Mario Luiz Machado....153
Marysia Raposo....155
Matheus Cardoso....157
Nercy Grabellos....158
Nilde Serejo....159
Nilson Edson Mesquita Rodrigues....160
Paula Peregrina....161
Paulo Cezar Tórtora....163
Paulo Luís Ferreira....164
Paulo Vasconcellos....170
Pedro Guerra Demingos....171
Raoult Ameixa....172
Regina Ruth Rincon Caires....175

Rian Lucas.....179
Ricardo Moncorvo Tonet.....181
Ricardo Ryo Goto.....182
Rico Brugi.....185
Robison Sá.....186
Rogério Costa.....189
Rogerio Luz.....190
Rosa Acassia Luizari.....192
Rose Paz.....193
Rosely Frazão.....194
Rosiane Maria Covaleski.....197
Rosimeire Leal da Motta Piredda.....198
Sandra Modesto.....199
Shamara Paz.....200
Sigridi Borges.....201
TAT (Thiago Alexandre Tonussi).....202
Tauã Lima Verdan Rangel.....203
Teresa Azevedo.....204
Thiago Andrade.....205
Thiago Henrique Fernandes Coelho.....207
Tiago Xavier.....210
Tinga das Gerais.....211
Vera Raposo.....212
Vica Maltez.....213
William Fontana.....214
LiteraDicas:.....220
Participem da Antologia "O Espantoso Mundo da Antecipação".....220
E-book gratuito exclusivo.....221
Convocatória para a 5ª edição da Revista SerEsta.....222
Participem do Projeto "Cartas para a Vida".....223
LiteraAmigos.....224
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....230

Disque 100 (24 horas):

https://www.mdh.gov.br/disque100

Foto

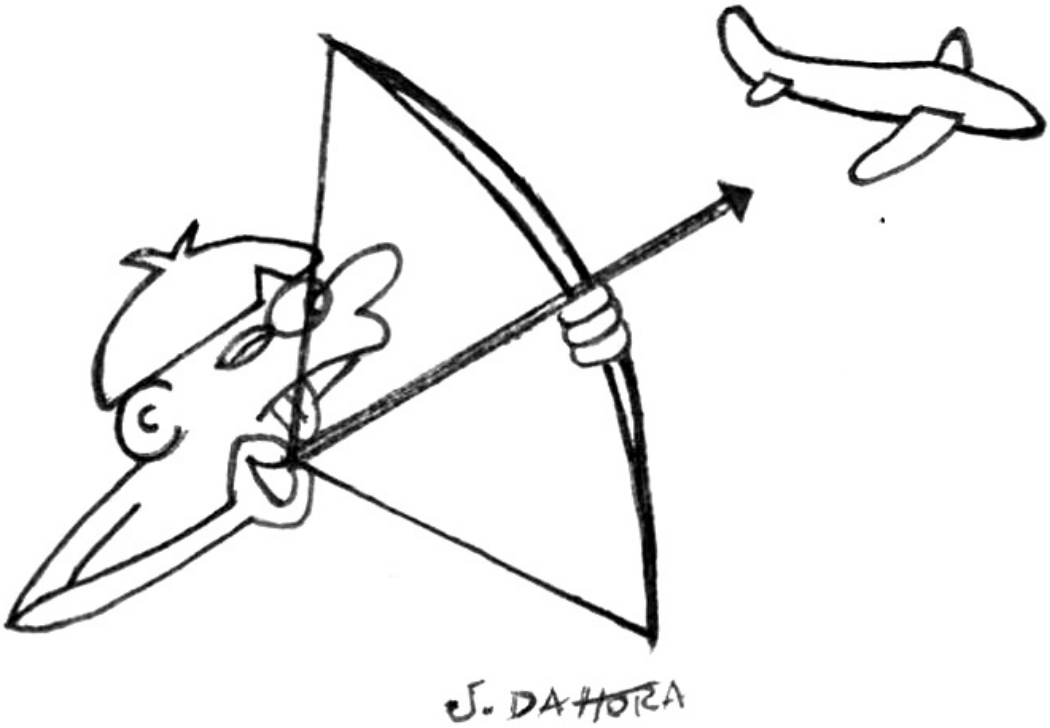
Gerson Machado de Avillez

Rio de Janeiro/RJ

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Voando para o seu ninho
vai ao longe
o aviãozinho



Haikai Engraçadinho

Jorginho da Hora
Simões Filho/BA

Resultado Do Concurso Literário Gratuito De Crônica "O Lado Poético Da Vida"

Elaborado por Rosimeire Leal da Motta Piredda
Com o apoio da escritora Ana Rosenrot, editora da Revista LiteraLivre

PREMIAÇÃO:

Conforme o regulamento, os Seis primeiros autores classificados (1.º ao 6.º lugar) receberão como prêmio um exemplar do livro O Lado Poético da Vida, da autora Rosimeire Leal da Motta Piredda e Certificado de Participação digital.
Os textos que receberam a classificação de Menção honrosa, receberão Certificado de Participação digital.

A escritora Maria José Zanini Tauil colocará na página pessoal dela os textos classificados, formatados (aos poucos de 4 em 4).

TEXTOS CLASSIFICADOS:

1.º: Lugar (Sibelita Pinheiro/ Maringá, PR – O Dono Da Tarde)

2.º:Lugar (Tauã Lima Verdan Rangel/ Mimoso do Sul, ES – Exercício Da Gratidão)

3.º: Lugar (Nadir D`Onofrio/ Serra Negra, SP – O Lado Poético Da Vida)

4.º:Lugar (Nídia Vargas Potsch/ Rio De Janeiro, RJ – O Lado Poético Da Vida)

5.º: Lugar (Teresa Barranha/ Portugal/ Carapito/ Aguiar da Beira – Fio De Contas)

6.º: Lugar (Rahab Sofia/ Teresina, PI – O Velho-Vida)

7.º: Lugar (Verônica Lazzeroni Del Cet / São Holambra, SP – De Grandes Turbulências, Lindos Versos Surgem E Novas Poesias Nascem)

8.º: Lugar (Adenilda Silva Souza/ Caturama, BA – Nas Entrelinhas…)

9.º: Lugar (Rayma Lima/ Goiânia, GO – Caminhada)

10.º: Lugar (Marcelo Gomes Jorge Feres/ Rio De Janeiro, RJ – O Lado Poético Da Vida)

11.º: Lugar (Ana Rosária Soares Da Silva/ Caxias, MA – O Lado Poético De Amar)

12.º: Lugar (Leandro Emanuel Pereira/ Portugal/ Matosinhos – A Versificação Do Intangível)

MENÇÃO HONROSA:

Preferimos não numerar as menções honrosas porque é difícil comparar textos tão diferente. Todos de grande qualidade literária.

– Hélida Pires/ África – Ilha de Santiago – Cabo Verde (Santa Cruz) - O Lado Poético Da Vida

– Jp Santsil/ Ásia - Israel / Nes Zyonna – Ásia Ocidental (Oriente Médio) - Mística Realidade Intelectualmente Ofuscada

– Conceição Maciel/ Capanema, PA - O Lado Poético Da Vida Está Dentro De Nós

– Cristiano Jerônimo/ Recife, PE - A Poesia Do Dia A Dia Ante A Insensibilidade

– Láris Vasques Tavira/ Brasília, DF - Licença Poética

– Luciene Carla Corrêa Francelino/Cachoeiro De Itapemirim, ES - O Meu Tempo São Os Outros

– Luciane Couto/ Contagem, MG - (Meu) Olhar Poético Sobre A Vida

– Lepetitic / Passos, MG – A Arte Do Permanecimento E Compreensão Do Amor E Suas Formas

– Pedro Diniz De Araujo Franco/ Rio De Janeiro, RJ – Eu, O Sabiá E O Bombeiro

– Rodrigo Vulcano/ Araraquara, SP – Há Cartas

– Thaís Faria Yoshidome/ Ribeirão Preto, SP – Nós E As Marcas Da Onça Pintada

– Analucia Toledo/ São Paulo, SP – Só Um Instante Mais

– Vitor Miranda/ São Paulo, SP – Poesia É Ter Tempo

– Aldo Moraes/ Londrina, PR – A Poética Da Vida

– Marco Di Silvanni/ Londrina, PR – Coração Passo A Passo

– Jeferson Douglas Bicudo/ Paranavaí, PR ((N) As Melancolias Que Assolam A Alma)

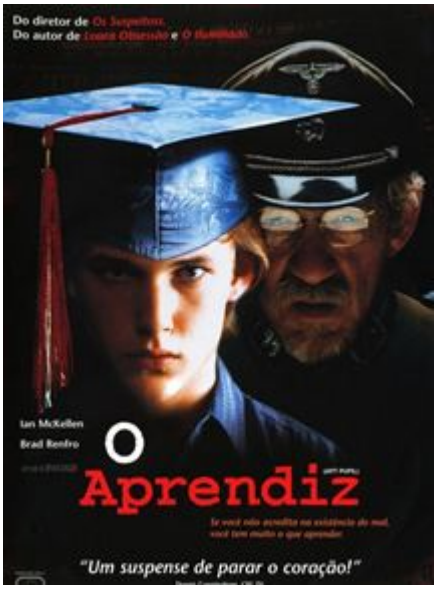
– Carmen Mariana Santos De Barros/ Piraquara, PR – Poesia No Viver

Coluna CULTíssimo

O Aprendiz: O saber tem seu preço

Texto publicado originalmente em 2015 na Revista Varal do Brasil e integrante do livro Cinema e Cult – vol. 01

Descobertas sempre mudam nossas vidas, enriquecem nossa cultura e ajudam a formar o caráter principalmente dos jovens; mas quando são mal direcionadas ou se tornam obsessão, algo simples e necessário como o conhecimento aprofundado da história mundial, pode levar um jovem a buscar a violência sem razão, por ignorância ou tédio, escolhendo "ídolos" nos assassinos que de alguma forma se tornaram consagrados pela história como "poderosos" e saíram impunes (ou quase) dos crimes que cometeram contra a humanidade, fortalecendo a insegurança e a baixa autoestima e criando o gosto pela transgressão, a impunidade e o crime.



O filme que trago para vocês trata exatamente deste tema: é *"O Aprendiz (Apt Pupil)"*, feito em 1998 e adaptado do conto *"O Verão da Corrupção – Aluno Inteligente"*, escrito por Stephen King e integrante do livro *"Quatro Estações"* (Different Seasons, 1982); conta a história de

Todd Brown um garoto estudioso e inteligente, que se torna obcecado com as aulas de história sobre a *Segunda Guerra Mundial*, principalmente sobre os horrores do holocausto e em suas pesquisas descobre provas de que seu velho e pacato vizinho *Artur Denker,* é na verdade o ex-comandante nazista assassino de judeus e procurado pela justiça *Kurt Dussander*(vivendo com identidade falsa); mas em vez de entregá-lo às autoridades, ele resolve chantageá-lo com um pedido incomum: Todd quer que ele lhe conte em detalhes suas experiências como assassino nos campos de concentração.

Dussander aceita o acordo e começa a alimentar o apetite doentio de Todd, que passa a ter alucinações, ausências, estranhos pesadelos e desejos psicóticos; suas notas caem, ele se torna arredio e a relação vai se invertendo, pois o experiente nazista vai assumindo o controle da situação, transformando pouco a pouco seu pupilo em presa e a chama da maldade novamente toma conta do ex comandante, com consequências que podem ser terríveis.

Conduzido pelo diretor *Bryan Singer* de forma lenta e gradativa (com destaque para a forma realista em que o horror dos campos de concentração é introduzido na história), o enredo é opressivo e claustrofóbico, com fotografia escura e rico em detalhes, que prende e faz refletir sobre a origem do mal no comportamento humano e as transformações envolvidas. As atuações espetaculares de *Ian McKellen* (Denker/Dussander) grande ator inglês ativista das causas sociais e *Brad Renfro* (Todd Brown) um garoto problema na vida real que morreu aos 25 anos por overdose, fazem de *"O Aprendiz"* um filme intrigante e inesquecível que deve ser visto por todos e um verdadeiro alerta para pais e educadores.Saiba mais sobre este e outros filmes lendo meu livro: "Cinema e Cult – Vol. 01".

Sinopse: "O Aprendiz" (Apt Pupil 1988, França, Canadá, Estados Unidos), é um misto de suspense e drama dirigido por *Bryan Singer* e conta a história de um garoto *(Brad Renfro)* que reage de forma inesperada ao descobrir que um de seus vizinhos é um criminoso nazista procurado, vivendo em sua cidade com identidade falsa. Para não entregá-lo às autoridades, ele exige que o fugitivo *(Ian McKellen)* relate suas memórias. A partir de então um tenso jogo psicológico surge entre os dois, ameaçando a sanidade do jovem.

Direção: Bryan Singer
Gênero: Drama, Suspense
Classificação: 18 anos

Para contato e/ou sugestões:

anarosenrot@yahoo.com.br

Baixem e leiam meu livro "Cinema e Cult – vol.01":

https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/6514745

Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

Tarsila do Amaral

(pintora e desenhista brasileira)

https://www.facebook.com/apocastudios

Biografia:

https://www.infoescola.com/biografias/tarsila-do-amaral/

Autores:

Alan Rubens
São Luís/MA

A Primeira Vez

A primeira vez
Apenas um olhar
Que parecia falar
Meio despretensioso
Ou talvez não...
Talvez o coração
Quisesse falar
E expressava no olhar...

A primeira vez
O teu sorriso
Meio enigmático
E sua voz sussurrando
Como um segredo
Para ser ouvido à dois
De um jeito meigo...

A primeira vez
Do primeiro abraço
Do primeiro beijo
Meio tímido
Mas intenso
Em seu meio tempo
Que parece eterno...

A primeira vez
Respiração ofegante
Mãos suadas
Coração apertado
Sensibilidade
À flor da pele
Carinho, calor,
Tudo enfim
De uma só vez...

https://alanrubens.wordpress.com/

Alberto Arecchi

Pavia, Itália

A Múmia e o Besouro

Os antigos egípcios conheciam palavras mágicas, capazes de levantar pedras enormes e fazê-las flutuar no ar, como balões jogados pelas crianças. Assim, então, eles teriam feito as pirâmides. Os magos levantavam as pedras e os pedreiros as trabalhavam no ar, com cinzéis; as faziam girar para controlar o processo e as deslocavam em um drible rápido. Finalmente, um equipe especial arranjava as pedras as umas em cima das outras, tais como latas de tomate nos estantes de um supermercado.

Outro método recorria ao trabalho dos roedores "come-pedras", animais pequenos de uma espécie agora extinta, que ajudaram enormemente os antigos construtores para erguer as suas maravilhas, obras que desafiaram todos os prejuízos do passar do tempo. Os come-pedras eram animais semelhantes aos tamanduás, com o tamanho de um cachorro, com pêlo felpudo e curto de cor ocre, como a areia. Na verdade, eles viviam originalmente no deserto, onde não havia muita comida, e haviam-se especializado em roer a areia e fragmentos de pedra calcária, para fortalecer o seu corpo, através de uma transformação alquímica complexa. Os sacerdotes e os arquitetos conseguiram domá-los. Trouxeram-nos em grandes recintos, junto aos templos, e empregaram-nos na construção de pirâmides gigantes. Os animais eram levados para as pedreiras, onde eles se alimentavam com todos os fragmentos, os restos de estátuas e colunas, seixos e areia, que foram espalhados aqui e ali. Em seguida, os arquitetos transportavam os come-pedras até à pirâmide. A construção das pirâmides, que nossos historiadores imaginam freneticamente animada pelos escravos, trabalhando no transporte de blocos gigantescos, era realmente um formigamento de animais que depositavam suas fezes. Os especialistas em arqueologia acham que fossem suficientes os excrementos de poucas centenas de come-pedras para construir, em um único dia, dois ou três gigantescos blocos de conglomerado calcário. Como você pode imaginar, os estaleiros das pirâmides estavam cheios também de uma inumerável quantidade de besouros, subindo e descendo as encostas, rolando em continuação bolas de massa calcário.

O segredo dos come-pedras ficou bem cuidado, ninguém podia revelar, sob pena de morte... Era proibido descrever o animal precioso, você não poderia mesmo nomeá-lo. Sua existência era monopólio absoluto da casta dos magos e sacerdotes, que estavam segurando firmemente seus segredos. É por isso que nenhum de vocês, hoje, sabe nada disso. Estes não foram, no entanto, os únicos segredos mantidos pelos sacerdotes-magos. Não eram as únicas esquisitices

dessa natureza primordial, que o homem estava tentando dominar com o exercício de sua capacidade de conhecimento. Os magos conheciam bem o pássaro-espelho, uma espécie de galináceo com plumagem que refletia a luz. Essas aves eram parecidas, de longe, às bolas, cobertas com espelhos, que refletem mil luzes, rodeando, nas boates modernas. Os sacerdotes usavam para obter a luz até os confins mais profundos, no interior dos túneis profundos e estreitos. Só assim eles poderiam pintar cenas nas cavernas escuras das pirâmides. É claro que os sacerdotes egípcios não pensavam em tudo para criar um quebra-cabeça para as gerações do futuro distante, porque eram quase certos que ninguém teria violado os corredores secretos. Todas as suas energias eram dirigidas exclusivamente ao mundo da vida após a morte. Come-pedras, besouros, pássaros-espelho... O que você imaginava ser um estaleiro cheio de escravos, trabalhando sob os chicotes de silvo feroz dos torturadores, acabava por ser uma espécie de zoológico, um circo, em que a presença de homens era limitada ao que hoje chamamos de "funções de controle ecológico". Mas, claro, os homens observavam as estrelas, eles calculavam, estavam planejando a estrutura maciça das pirâmides e todo o estaleiro. O estudo constante de magia e alquimia permitiu o conhecimento dos sacerdotes-magos e um controle mais preciso das potencialidades oferecidas pela natureza.

"Eu era o assistente de um feiticeiro que experimentava as palavras mágicas, antes de patenteá-las. Aconteceu uma confusão. Um pequeno soluço no caminho da humanidade, mas um assunto sério, para quem foi vítima.

Não faltavam os erros. Explosões, quedas indesejáveis... O laboratório parecia uma zona de guerra. Como quando o feiticeiro levantou um armário cheio de armas de bronze, mas ele tinha esquecido de fechar a porta. Você pode imaginar o que aconteceu quando o guarda-roupa ficou inclinado e seu conteúdo se espalhou por toda parte, com um estrondo que fez correr os guardas do faraó, abalados.

Um dia meu chefe decidiu liquidar-me dessa maneira para não pagar meu salário. Me fez encontrar em cima da mesa um belo besouro cor de turquesa, bonito demais para eu saber refrear o desejo de levá-lo nas mãos. Eu apenas toquei com o objeto sobre o meu coração. Assim eu encontrei-me paralisado e exposto em um museu.

O besouro era o inseto mágico do Livro dos Mortos, um símbolo do sol divino. Ele garantia para o falecido a petrificação do corpo e a vida eterna do duplo, mas para mim, que ainda não tinha feito os meus dias, é quem se transformou em um palavrão. O escaravelho de turquesa é uma garantia da eterna juventude, mas transformou meu corpo em pedra. Meu mago está agora reduzido a pó por milhares de anos, enquanto eu estou condenado a permanecer para sempre, com a mente alerta, num corpo incorruptível. Desde alguns séculos

me encontro neste museu, com o escaravelho apertado em minhas mãos. Agora você paga um ingresso e me vê petrificado neste museu, com um besouro de pedra sobre o coração.

Outra palavra eu poderia usar agora, para escapar do pesadelo milenário. A palavra que eu não posso pronunciar, mas é escrita com a figura de uma planta maravilhosa, erva milagrosa, rara e quase desconhecida, com mil propriedades medicinais. Por favor, devolva-me um corpo humano, capaz de viver, sofrer, consumar-se. Coloque a planta efêmera em lugar do inseto divino e eterno.

Dê-me mais um dia de vida!"

Estes eram os pensamentos da múmia de Kheper, o mestre de obra das pirâmides, mas nem seus lábios, nem seus olhos podiam mexer. Ele vivia em um pesadelo eterno, uma espécie de universo paralelo, um limbo desde o qual tudo podia observar, mas não lhe era permitido ingerir-se com os negócios dos homens mortais. Uma criança, um aluno do terceiro ano, foi ao museu com sua classe. Era curioso, como todos os meninos de sua idade. Vinha de uma escola rural. Uma folha de grama, entre os dentes, tinha-lhe feito companhia durante toda a viagem. Um pacote de batatas fritas (introduzido ilegalmente no Museu) afirmou seu direito a entrar nas fauces da criança, e foi assim que a lâmina de grama terminou distraidamente nas mãos da múmia. A folha de grama trabalhou a noite toda. Raios misteriosos, em cima do telhado do museu, levantaram-se formando uma cúpula de mil cores. Uma sobrecarga no sistema elétrico causou um incêndio no Museu. A seção egípcia foi severamente danificada, três múmias destruídas. Entre as ruínas carbonizadas e fumegantes, os bombeiros encontraram um escaravelho de pedra azulada. Então uma manada de dois ou três mil come-pedras apareceu do nada, como um exército, começando a devorar as paredes do Museu. Alguém poderia jurar que havia também muitos besouros de cor de turquesa. Os bichos formaram uma pirâmide. Na terceira manhã, após o grande incêndio, o sol resplandeceu nascendo, frente à face leste, branca, sólida e lisa.

Ninguém jamais poderia saber com certeza, mas estamos convencidos de que, sob essa pirâmide escondida no segredo da câmara de sepultamento, são emparedados os restos imortais de Kheper, o mestre de obra do faraó.

www.liutprand.it

Aline Eni Costa
Guará 1, Brasília/DF

Grito no Silêncio

O perigo mora perto
O perigo mora dentro
Um pai, um filho.
Um neto, um irmão.
Um marido, um namorado.
Ele não te diz: Oi! Um sorriso e um soco.
Na manha te ganha
lhe oferece uma rosa e mais tarde seu espinho lhe arranha

Agressores, aqueles que deveriam dar amor, cuidar e respeitar.
Agridem sem hesitar
Mulheres, crianças, adolescentes e idosos
Em seus corpos a dor e os cortes

Começam com xingamentos e humilhação
O monstro cresce, enquanto a vítima diminui.
De hematomas a abuso sexual
Mulheres tendo a sua dignidade roubada
Crianças tendo a sua inocência arrancada

Amedrontada a vítima se cala
E quando ela pensa que já viu de tudo
O monstro se reinventa mostrando que pode ser pior.
Ele faz do bicho papão uma piada
Ainda tem essa cultura de que punição é educação
A vítima se sente culpada

Machismo uma entre tantas barreiras até a delegacia
Enquanto ela chorava a lei sorria
Outro abuso duvidarem da sua palavra
Isso a faz recuar.
Testemunhas fecham os olhos para o horror
Um final triste de filme de terror
Um grito de socorro ouvido no silêncio tem sorte
Milhares de vítimas o monstro calou
Cicatrizes sagram-lhe a alma que chora
A cada 5 minutos é uma vida que vai embora
Dentro do seu próprio lar

Toda essa tortura psicológica termina em uma vala qualquer
Silêncio que traz morte,
Jogados a própria sorte.
Tortura não tem fiança
180 para denunciar.
Pense nas vidas que vai salvar.

Almir Floriano
São Paulo/SP

Meu Amigo Poeta

Lembrei-me de Neruda
Que poetava o mar
Mas, meu amigo poeta foi além
Levou seus versos para perto dele
E junto ao mar foi morar
O poeta que tem o nome de um rio
Que leva alimento e esperança
Aos povos do Nordeste Brasileiro
E assim como o rio São Francisco
Que partiu em busca do mar
Meu amigo poeta Francisco
Para lá também foi descansar
Ele houvera se cansado da agitação
E daquelas pessoas apressadas

Que seguem como uma boiada
Nos trajetos enlatados por onde são conduzidos
E desovados nas estações e paradas
Para mais um dia árduo de trabalho
Onde nem sempre são recompensadas
E das janelas arejadas do olhos
Seu escritório na areia montou
Agora contempla a imensidão azul
E para lá seus versos levou
Vai meu abraço encontrar meu amigo
Através destes versos que lá vão chegar
Quiçá um dia eu também saia do asfalto
E no acalento da areia vou também pisar
Poete por mim as mulheres douradas
Á espera das ondas que lambem seus corpos
Que estão pelas águas salgadas temperadas
E que inspiram canções ainda não projetadas
Saia a passear pela orla de madrugada
Respire a bruma leve e marejada
Boa sorte meu amigo poeta Francisco
Daqui eu torço por ti e sigo minha estrada!

**Dedicado ao meu Confrade, Poeta Francisco Sousa*

almir_ponte@Hotmail.com
https://www.facebook.com/almir.floriano.79

Amélia Luz

Pirapetinga/MG

História de Vida – O Poder da Palavra

Nasci com o mundo no "front" e embora meus pais e avós fossem proprietários de terras sofríamos economicamente as consequências drásticas da 2ª Guerra Mundial.

Na zona rural vivi minha infância e na minha casa não havia um livro sequer. Minha irmã quatro anos mais velha que eu fora para a cidade aprender as primeiras letras no grupo escolar. Sozinha, ficava no meu mundo esperando que ela voltasse para compartilhar com ela do seu material escolar. Encontrei-me com a sua primeira cartilha, a Cartilha do Povo, aquela que trazia na capa o desenho de uma mão e em cada dedo uma das vogais descobrindo os primeiros símbolos mágicos.

Mais tarde no segundo ano escolar ela ganhou um livro chamado Terra Querida, decorei até o autor, Theobaldo Miranda Santos. Gostava dele e fingia ler todas as lições. Ficava esperando ansiosa que ela chegasse da escola e trouxesse para mim um pão doce salpicado de açúcar cristal, que eu chamava de pão-de-açúcar e o livro, causa maior da minha ansiedade.

Quando ela chegava ia ajudar minha mãe nos afazeres domésticos e eu me aproveitava disso para viajar na imaginação, com seu livro, é claro.

Fingia ler todas as histórias, quando chegava à última página, no compêndio de Ciências Naturais havia o desenho do esqueleto humano que eu detestava por representar a "caveira", que representava a morte e me fazia tremer de medo de assombrações.

Então, cada vez que folheava o livro levava um susto com a "caveira" e acabei achando, ou julgando achar, uma solução para o caso. Fui escondida até o fogão a lenha da minha mamãe e peguei um carvão e com ele rabisquei toda a caveira. Pensei aliviada que agora eu poderia "ler" o livro à vontade sem deparar com a apavorante "caveira". Minha alegria durou até minha irmã descobrir o que eu havia feito e depois disso minha mãe me repreendeu muito dizendo.

— Olha, menina, de hoje em diante você está proibida de por as mãos no livro da sua irmã. Vou deixá-lo sempre em cima do guarda-roupa onde você não o alcançará nunca! Foi uma tragédia para mim. Entristeci e na minha solidão eu sentava no degrau e ficava desejando o livro tão sonhado, pensando:

— Ah! Seria melhor tomar o susto com a "caveira" do que ficar sem o livro dela. Era um caso complicado de paixão por letras, embora tão pequena e indefesa.

O tempo passou e outro fato me aconteceu de interessante. Meus primos moravam "na rua" e levaram pra mim um gibi em quadrinhos com histórias do faroeste americano. Fiquei imensamente alegre e voltei às minhas atividades de "leitura". Fingia ler quadrinhos por quadrinhos e de acordo com as figuras inventava "textos", "diálogos" para as cenas. Acontece que naquele tempo criança não tinha vez, nem voz para ser ouvida, consultada ou respeitada.

Meus pais estavam de mudança para a "rua" e minha mãe precisava embalar as louças dela (presentes de casamento) de grande estimação. Sem nenhuma cerimônia pegou o meu "livro" e foi tirando folha por folha para proteger as louças, colocando-as embrulhadas num caixote. Perplexa, assisti à cena, com o coração apertado, pensava - quando chegarmos à casa nova "vou vigiar" este caixote e construir o meu livro de novo.

Assim, o fiz, esperei chegar à nova casa e quando a mamãe desembalou as louças foi jogando as folhas ao chão e eu as apanhava alisando-as com as minhas frágeis mãozinhas de criança. Esperei que a mamãe colocasse brasas no ferro de passar roupas e depois que ela passou toda a roupa peguei o ferro e passei todas as folhas do meu "livro", com muita dificuldade, o ferro era pesado demais para minha pouca idade.

Com dificuldade convenci a mamãe de me dar um pouquinho de farinha de trigo e numa lata usada eu fiz um grude que era a "cola" que eu tinha na época. Colei então folha por folha e este foi o meu "livro" por muito tempo.

No ano seguinte fui matriculada na escola primária quase alfabetizada pela minha irmã e minha mãe. Ganhei então o meu primeiro livro que era a mesma Cartilha do Povo da minha irmã que eu dominei rapidamente os códigos de leitura e então, a professora deu-me um livro de histórias que foi um encanto para mim. Chamava-se "O Bonequinho Doce". Contava a de um bonequinho de açúcar (as ilustrações eram bonitas e coloridas) que fazia viagens e passava por peripécias nessas viagens e teria que atravessar um rio pressionado por muitos perigos. Nesse gesto heroico ele joga-se no rio para fugir do inimigo e derrete-se nas águas só restando na superfície o lencinho vermelho do seu pescoço. Chorava muito com pena do meu Bonequinho Doce toda vez que lia e relia aquela mesma história.

Mudando para a cidade conheci vizinhos em melhores situações econômicas. Então, na sala do Sr. A. T. Coletor Estadual – MG eu mergulhava num quartinho entulhado de livros e registros. Enfim, encontrei espaço, liberdade para o meu pensamento que crescia. Era a minha biblioteca sonhada. Eu estava me descobrindo como leitora e letrada, viajava no meu silêncio pelas Montanhas

Rochosas, planícies, pelo oeste americano conhecendo os Apaches, os Sioux e outras tribos com as façanhas dos mocinhos e dos pioneiros. Dos Alpes ao Saara, de norte a sul, na geografia e na história passeava na companhia de Cleópatra, Júlio César e até do famoso Asterix, o gaulês que muito me divertia. Lia revistas Grande Hotel com histórias românticas em desenho e em quadrinhos que eram passadas na Europa e eu encantava com os dados, locais, modos e costumes das pessoas dos outros países destacando ainda na lembrança as cidades de Milão, Veneza, Roma e até da Costa Amalfitana. A Itália me encantava apesar das consequências da guerra, Monte Castelo e outras passagens tristes da Força Expedicionária Brasileira.

Encontrei então mais um caminho, descobri amigos que tinham gibis. Pegava-os emprestados e devorava Gene Autry, Roy Rogers, Tom Mix, Cavaleiro Negro, Zorro, Fantasma, Mandrake, Hortelino Trova-Letras, as revistas dos personagens da Disney e até a conhecida Luluzinha e sua turma naquela época brigando com o Bolinha por causas "feministas". As histórias do Tio Janjão divulgadas pela Rádio Nacional também me fascinavam.

Daí, meu mundo ampliou, das encrencas dos mocinhos do velho oeste, das histórias dos pioneiros da colonização americana eu passei a ler o Correio da Manhã, um jornal dos Diários Associados que minha mãe, morando na "rua", costurando para fora podia comprar por também gostar de ler, ser inteligente e me passar este exemplo. Convivi no Correio da Manhã e com a Revista O Cruzeiro, com "As Garotas" do Alceu Valença, "O Amigo da Onça", artigos e reportagens de Raquel de Queiroz, Carlos Lacerda, Jânio Quadros, Juscelino Kubstchek, Marechal Lott, Ademar de Barros e o inesquecível Diário de um Repórter, de David Nasser, para mim um gênio das letras. Admirava na minha pouca idade tudo o que ele publicava de muito interessante para o momento no país, a ameaça do comunismo, Os Anos Dourados, a Novacap, o Planalto Central, a construção de outro Brasil dentro do próprio Brasil. O progresso acendia as primeiras luzes na evolução da indústria que chegava no primeiro Volks Wagen azul pastel, um importante brasileiro a desfilar com JK na Avenida Atlântica encantando a todos. São Paulo expandia na fumaça progressista das chaminés deixando os primeiros rastros para um novo tempo de glórias.

Descobri também outras informações sobre muitas coisas e fui assim tornando-me uma pequena cidadã/leitora, consciente do meu país, do mundo e dos meus problemas e limitações.

Cresci, estudei e com o passar do tempo cheguei a me formar com muito esforço: Curso Normal, Pedagogia – Administração e Magistério em Sociologia, História da Educação, Psicologia e Didática, Pós – graduada em Planejamento Educacional e Psicologia na Escola. Fiz curso de Comunicação e Expressão e as letras, as ideias, os textos, os autores, as emoções neste mundo global em que

vivemos tornaram-se parte da minha vida tão cheia de bloqueios, altos muros e dificuldades.

Concluindo quero dizer que palavras, livros, textos não são coisas tão distantes se nos lançarmos com sensibilidade aos caminhos que nos conduzem a eles. As palavras são vivas e nos levam a conquistar mundos.

Publiquei meus textos, coautora em mais de 200 antologias (no Brasil e exterior) e dois livros solo de poesias – Pousos e Decolagens e Luz & Versos – tendo agora material para muitos outros em construção onde falo de mim, da minha terra e das minhas preferências e emoções. Conquistei muitas premiações participando de concursos literários e hoje sou membro de diversas associações e academias literárias onde procuro aprender sempre mais. Afirmo pela minha experiência de vida que verdadeiramente "LER É CONECTAR-SE COM A HUMANIDADE".

Escrever para mim é fazer esculturas com palavras e com os pensamentos. O livro é insubstituível, o livre é eterno – ler é conectar com o mundo.

EU SOU TUDO AQUILO QUE LI.

Ana Maria Fázio de Freitas

Assis/SP - Raio de Sol

Raio de Sol

Por onde tu andas meu Raio de Sol?
Diga-me em que céu tu brilhas agora.
Seduziste-me e fostes embora,
Fostes enfeitar um novo arrebol?

Refletes teus raios em outros mares?
Encantas as marés com teus galanteios?
Enfeitiças as ondas com teus devaneios
E abandonas as praias a sofrer por te amarem?

Clareias as montanhas, as planícies enlouqueces?
Gentilmente induzis as águas da nascente a sonhar?
Com teu fascínio seduz as estrelas fazendo-as brilhar
E quando a vaidosa brisa passa de tudo te esqueces?

Aventura-se a lua por entre teus raios ofuscantes,
Buscando iludida, em vão, teu amor conquistar.
Cansada, ferida, desiste melancólica a chorar,
Pois sabe que de todas serás apenas amante.

Por onde tu andas tristonho, perdido a vagar?
Quem foi a musa que de ti roubou o calor?
Divagas solitário em busca da fonte do amor
A quem nesta vida, um dia, tu há de amar?

Ana Paula de Oliveira Gomes

Fortaleza/CE

Ação Sem Reação

Será verdade o caso narrado pelo colega conversador de histórias? Segundo JJ, em algum lugar do sertão, família havia com dezesseis viventes – além do pai e da mãe. Seres vagantes no mundo a repartir do pão da vida.

Habitantes de espaço minúsculo, repousavam o corpo cansado em todos os incômodos cômodos. Gente espraiada a descansar em qualquer lugar… De qualquer forma… Sem lamento algum.

Qualquer como a qualquer um, as crias foram batizadas com a mesma inicial. Não se sabe exatamente o porquê, dezesseis nomes próprios grafados com a letra H. H de hoje, de hermética hesitação. H de hiato. H de hipotética herdade e hipnótica herança.

Heráldica e Hilário, irmãos, estranhos entre si, nada mais eram que conhecidos desconhecidos a passar a noite na mesma cela. Repentinamente, o ranger enigmático de porta... Heráldica se apavorou. Apelou fraternalmente:

– "Hilário, Hilário, acorda! Tão batendo na porta!"

O irmão a dormir em estágio profundo...

Por eternos minutos, sussurrou Heráldica:

– "Hilário, Hilário, acorda! Tão batendo na porta, homem!"

Ao longe, as palavras começavam a chegar. Sonho ou pesadelo? Recalcitrante, falou…

– "Diga a ela que reaja..."

Entrementes, misterioso som de ave noturna soberana "enxergante" na escuridão. Ruídos estrídulos, lamentos.

https://engenhodeletras.blogspot.com/

@engenhodeletras

Anielson Ribeiro

Casa Nova/BA

Ensaio sobre a experiência do fim

um projeto é aquilo que traças linhas espessas
onde até então a brancura prevalecia
linhas isoladas que já estavam lá antes mesmo da chegada do papel
mas não se deve confundir com inspiração
o que podemos chamar de prévia-ideação do trabalho intelectual.

surge daí um problema:
o que preestabelece a relevância de um poema em análise?
o acatamento à crítica?
a vida pessoal de determinado autor?

poderíamos sugerir que estamos lidando aqui com um *metapoema*,
claro, se isso fosse realmente realizável.
no entanto, para um poema não há vias de tematizar a si mesmo,
é apenas possível tomá-lo como um objeto.

o poema em si é um não-espaço
repleto de negatividade.

destarte, lhe é fundamental
acossar seu próprio impossível

asseguro assim a função literária
como o desejo incontido
pela destruição dos lugares.

o poema em si, no entanto,
não passa de uma folha em branco.

a intenção projeta os verbos.

a poesia então depara-se com sua positividade
cujo dever é irradiar

um elevado índice de significação
sem se ater ao fato de que o signo
é a forma de refração da realidade,

mas a realidade não é tudo que existe.

quem, portanto, escreve um poema
não altera somente o núcleo ontológico de uma página,
mas violenta a própria constituição do mundo, pois

a poesia é um procedimento de verdade,
à distância da verdade, i. e.,
a poesia não é de confiança.

se acaso um dia a lírica conseguir
retomar seu caráter negativo capaz de circular
a incapacidade de circulação simbólica
teremos uma significação real e transitória,
a verdade esgotada em seu ser-aí [*dasein*],
afirmando todo o poder de sua irrelevância.

não sabemos o que virá (desde os românticos).
mas o mundo surgiu como um risco,
não como uma solução.

a arte autoriza essa expectação
eu desautorizo a arte por ser ela
a forma mais triste de esperar.

na minha pequena gramática,
este sim nunca é resposta
e canções de ninar brotam em elegias.

Anne Coimbra

Fortaleza/CE

Crônica ou não crônica

É...hoje estou aqui acordada escrevendo no minicelular, ainda para não perder a noção que isso um dia vai me servir de algo. Daqui á pouco é 00:00 da manhã e eu ainda acordada, deitada na cama, ouvindo pintinhos piando, sim minha mãe cria galinhas em pela cidade, é...cidade, não bem uma cidade, como a capital. Eu podia esta dormindo, mas percebo que madrugada não serve tanto assim para dormir e sim para refletir. Lógico se eu tivesse trabalhando eu estaria cuidando desses meus dentes que me tira o sono. Ugh! Os sisos, uhg o tártaro e blá blá dentário e sem esquecer o dinheiro para cuidar da Juba querida. Logico eu estaria no vigésimo sono, sonhando com a sobremesa mais gostosa que eu adoro, ou biscoitos recheados, que desde da infância sonho comendo, principalmente baunilha. Parar com essas coisas que a fome está chegando. Fala em fome. A madrugada dar isso, pior a vontade de comer bobagens. Aiii quem dera um bolo agora, uma fatia já seria de boa vontade para esse momento!!! Madrugada é bom para ouvir o silêncio da rua, sem contar com um carinha da segurança apita um tipo sonzinho insuportável na moto, ainda tem os gatos brigando, mas hoje está quieto, ainda tem o tic- tac do relógio bem longe lá na cozinha, está tão silencioso que ouço, mas pela manhã escuto nada devido o barulho do povo da rua, as crianças brincando e até chuva que ultimamente fez sua aparição frequente, deixando locais virar rios. Como muitos viadutos mal feitos ou drenagens mal estruturas ou simplesmente lixos nas ruas que sempre entope bueiros. Ahh sem conta pessoas que mora locais arriscados, essas pessoas mal dormem, fica beirando a madrugada para não morrerem com os filhos. Sim a madrugada não é só para vigias ou para insônias, é um horário para tantas coisas, como felicidades ou tristezas, fome ou sede, ou levantar do querido sono para ir no banheiro, ver o recém-nascido, assaltar a geladeira, tipo eu. Ou simplesmente refletir bem muito sobre tudo e dormir. Agora 23:43 vou indo visitar a geladeira, a fome atacou, se não comer, já viu, gastrite. Dormir.

https://annemarescoimbra.wixsite.com/semtitulok

Instagram: Coimbra.k ou Sem título.k
facebook.com/ana.k.silva2

Antônio Cazumbá

São Gonçalo dos Campos/BA

Entrelace

És doce
Mel que faz
No caminho
Despetalar pétalas
Por pétalas
Na única nudez
Que abrasa
Num só canto.

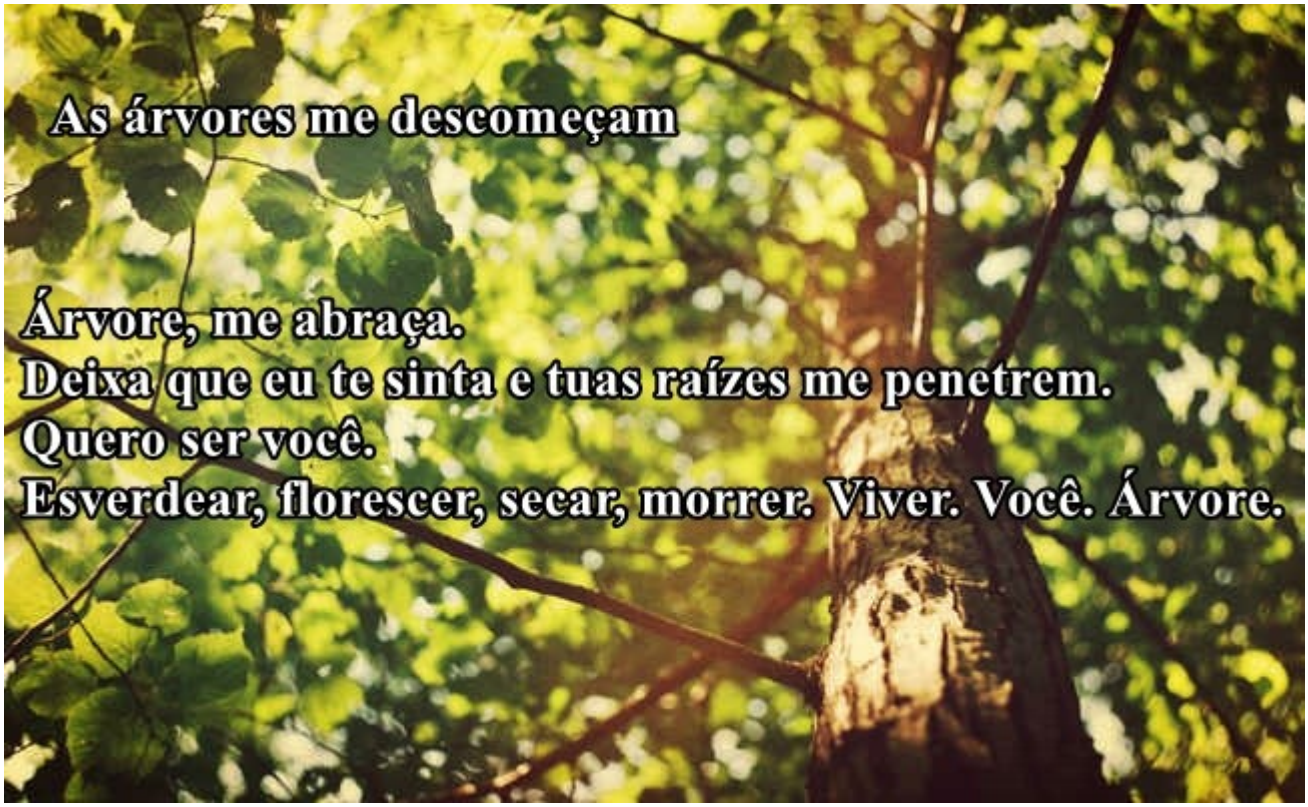
Dentre nosso molhar
O suor nos afoga
Num grito
Visto no nosso olhar
Estourando dos fogosos lábios
Que encontra
No oculto da poesia
O mar de emoção.

E assim entrelaçados
Numa só carne
Num só suor
As loucuras
Cantam a mesma melodia
Para um infinito cantar.

https://facebook.com/antonio.cazumba.5

Antônio Jefferson Teixeira Sousa

Itapipoca/CE



https://www.recantodasletras.com.br/autores/sousajefferson

Aparecida Gianello dos Santos

Martinópolis/SP

(Des)encontros

Grossos minutos costurando
o tempo de qualquer jeito...
Olho para o relógio,
logo a alma se estreita
amargando as horas
pela ausência tua... tortura.

Onde foi que nos perdemos?

Tua presença ainda é tão viva!
Ah, quanto me custa pensar
que o tempo tenha passado...
És meu presente.
Sigo esperando assim te achar
e escrevo-te... ventura.

Tu me esperas?

Devora-me essa tua falta.
Procuro-te em meus sonhos,
e, mesmo acordada, te sonho...
Bebo-te, meu doce encanto,
em meu álgido canto,
ao teu bem estar... ternura.

Quanto tempo ainda falta?

Saio de mim, à tua procura
– quantos desencontros!
Pelos incômodos dias,
enquanto me arrasto,
o próprio tempo parece
cercear-me as asas... clausura.

Outra vez, olho o relógio...

E finalmente reconheço:
somos que nem ponteiros,
toda hora se encontrando,
atrelados num mesmo eixo.
Bendito tempo que assim
nos fez... sincronia pura!

Bárbara Seidel

Rio de Janeiro/RJ

Vermelho

o sangue
que se esvai
pontualmente
todo mês
é o que se diz
que me torna fêmea

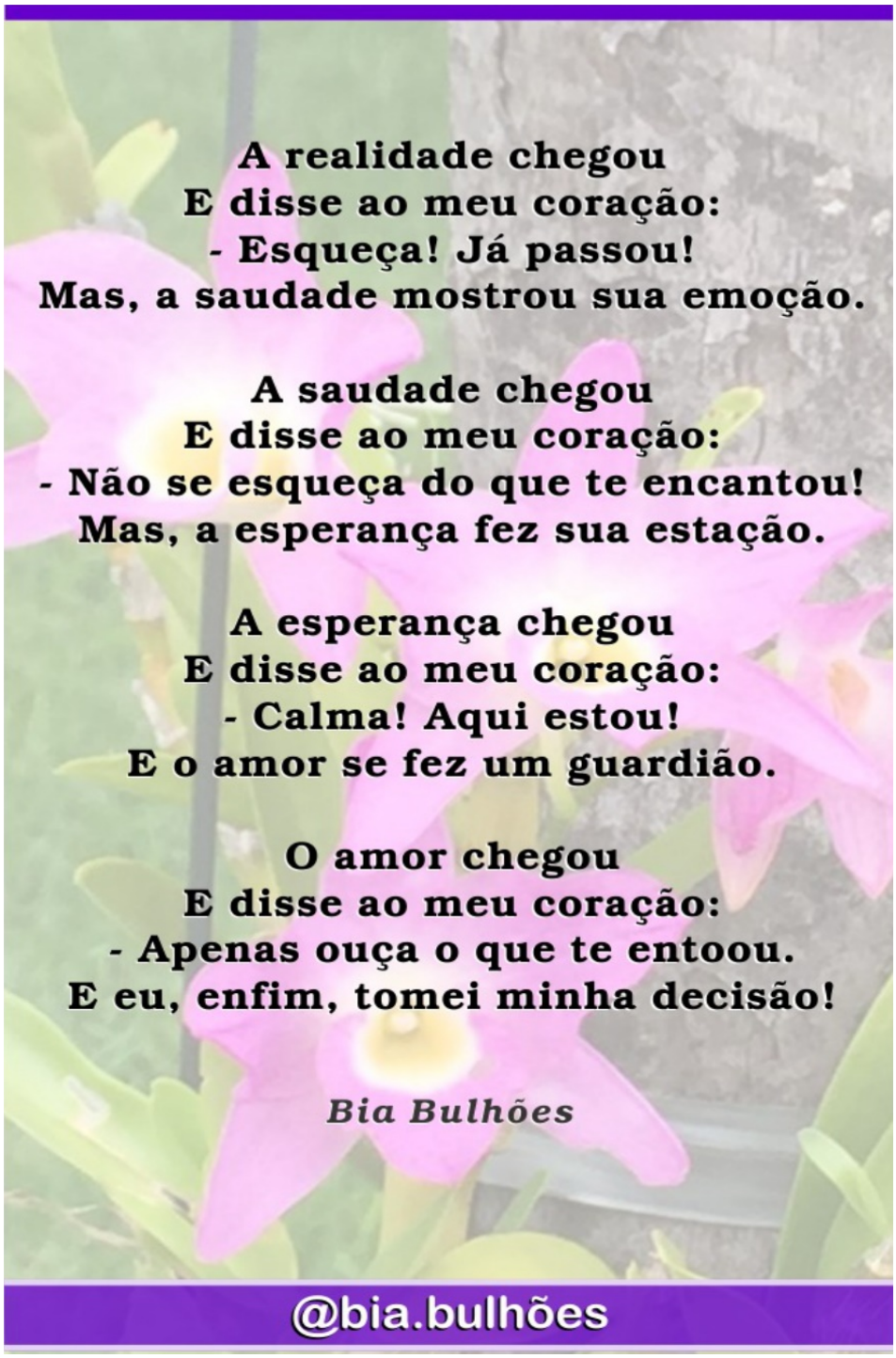
no restante
sangro alma
  dedos
papel e poesia
fluxo de glóbulos vermelhos
incansáveis
tur
    bi
        lho   na   to
                    men
de me gerar
e me parir
várias vezes
por ano

@capitulosbarbaros (Instagram)

Bia Bulhões

Jundiaí/SP

Meu Coração



Blog: https://biabulhoes.com
Facebook: https://www.facebook.com/biia.bulhoes/

Brenda Andujas
Maringá/PR

Recanto

No verão que parecia inverno
um festival cor de arco-íris
homem de saia longa
mulher de cabelo curto
brinco grande de argola
piercing na sobrancelha
bichos desenhados sobre a pele
máscaras, chapéus e fantasias
corpos brilhantes dançavam
bambolês coloridos rodopiavam
lua refletida na água da cachoeira
céu azul marinho cheio de estrelas

Cacyo Nunes

Gravataí/RS

A Conjectura de Collatz

Bruna levou uma amiga para casa. Como diria um verdadeiro matemático, isso era altamente não-trivial! Essa amiga era a Alana. Bruna tinha ficado com medo no começo, mas Alana sorriu e disse que queria ser amiga dela e perguntou para Bruna se elas podiam ir na casa dela depois da aula.

Bruna viu Alana distraída com os carros na rua e perguntou:

– Alana, tá tudo bem?

– Sim, Bruna, eu só achei que tivesse visto um carro sem motorista.

– De onde você tirou isso, Alana? Isso é fisicamente impossível.

– Ah, você sabe que eu sou doidinha. Ei, eu posso ver o seu quarto, Bru?

Isso só deixou Bruna mais nervosa ainda. O quarto de Bruna era cheio de livros e cartazes e coisas de matemática. Bruna ficou com medo de Alana achar que ela era uma nerd e não querer mais ser amiga dela. Mas então Alana perguntou:

– O que é esse pôster aqui, com essas bolinhas girando?

– É a Conjectura de Collatz. Pensa em qualquer número. Se for par, divide pela metade. Mas se for ímpar, faz vezes três mais um. E daí faz isso de novo e de novo. Sabia que sempre dá um no final? E tem um prêmio pra quem descobrir um número que não vá para um. Com certeza é algum número muito, muito grande, porque eles já tentaram com todos os números pequenos.

– Ah, então eu só vou lá dizer um número muito grande e pegar o prêmio pra mim, eles não tem como saber se é ou não é! - Alana se riu.

– Mas na Matemática não funciona assim, Alana, você tem que provar se as coisas estão certas ou erradas! - Bruna riu também.

Antes que Alana pudesse dizer alguma coisa, as duas ouviram um celular tocando. As duas viraram a cabeça ao mesmo tempo, percebendo que o barulho vinha de dentro do guarda-roupa de Bruna. Então, com um impacto que fez um barulho muito alto, a porta do guarda-roupa abriu e um celular caiu no chão,

tocando e vibrando. Alana gritou quando viu que o celular se arrastava na direção delas com a vibração.

– Alana, tá tudo bem, é só um telefone velho. - Bruna falou, e o pegou do chão.

– Desculpa, eu sou medrosa. Mas o que é isso aqui dentro do guarda-roupa?

Alana analisou com curiosidade e espanto os vários papéis impressos interligados por barbantes que estavam colados no roupeiro de Bruna. Alana não entendia nada porque os papéis tinham um monte de dígitos estranhos em inglês.

– Bruna, você vai *ter* que me explicar esse daqui!

– Só… só se você jurar que não vai me achar maluca. Eu vi no Youtube como que hackeia algumas coisas. Calma, eu não sou do mal! Mas eu queria aprender, e daí eu invadi o código do meu celular, e da TV, e *tals*. Daí eu percebi que tinha uma parte do código, chamada Svaag.dst, que era igual em todos eles, mas era uma parte que não dizia nada com nada! Daí, só para brincar, eu mudei essa parte no código do meu celular: eu escrevi mais umas duas linhas, eu disse pro programa que ele deveria desligar se ele recebesse a resposta da Conjectura de Collatz. Mas daí, no outro dia, eu entrei nos códigos de novo, e eu percebi que aquelas minhas duas linhas tinham sido copiadas para todos!

– Uau! - Exclamou Alana, tentando encorajar a amiga. - Então é como se todos tivessem a mesma mente? Tipo um formigueiro?

Bruna gostou do interesse da amiga, e as duas conversaram sobre muitas coisas, e quando deram por si o céu já estava preto e cheio de estrelas.

– Bruna, eu vou ligar pra minha mãe e pedir pra dormir aqui, eu posso?

– M-mas eu não sei aonde que você poderia dormir na minha casa…

– Ué, a sua cama é bem grandona. E nós duas somos bem pequenininhas.

O barulho de um carro acordou Bruna. Ela se virou para o lado, mas logo depois outro carro já atrapalhou o sono dela de novo. Bruna se zangou, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, já veio outro carro fazer barulho na rua dela. E depois dele veio mais outro e mais outro, e eles pareciam cada vez mais próximos e mais barulhentos… *peraí*, pensou ela, *eles estão no meu quintal?*

Bruna se sentou na cama, assustada no meio da barulheira. A janela de seu quarto brilhava com as luzes de vários faróis. Não havia dúvida, eles estavam ali!

– Alana!! - Gemeu Bruna, mexendo no ombro da amiga. - Acorda, tem alguma coisa muito errada acontecendo!

Alana logo percebeu o barulho das buzinas e dos motores, e se assustou também. E então as duas começaram a ouvir mais barulhos, barulhos que rangiam e cortavam e berravam, e perceberam que a porta estava sendo forçada.

No meio de tanto medo, Bruna pulou da cama e agarrou seu telescópio, deixando o instrumento no chão e pegando o tripé para usar como arma. A fechadura da porta do quarto estourou, e o grito de medo de Alana tomou conta de tudo.

Não eram pessoas arrombando a porta, eram… coisas. O liquidificador, o barbeador elétrico do pai, e um montão de outros aparelhos rastejavam na direção delas com a vibração. Bruna gritou de medo também, gritou para seus pais virem, mas quando as coisas chegaram mais perto ela percebeu que não ia dar tempo. Ela deu uma tacada certeira no meio do liquidificador, que o mandou janela afora!

Alana pulou da cama e começou a seguir Bruna, que pisava nas coisas e acertava elas com o tripé. Elas tentaram correr para a porta da rua, mas um dos carros a havia quebrado e continuava forçando. Bruna viu vários carros no quintal, mas nenhum com motorista. Então elas correram para a lavanderia, mas viram a grande máquina de lavar, pulando e quebrando tudo em seu caminho até elas.

Encurraladas, as duas se abraçaram e gritaram. O elevador do teto se atirou, girando, em cima delas, e Bruna rebateu ele a tempo, mas isso destruiu o tripé de vez. Mas, para fazer isso, Bruna teve que soltar Alana, e então a máquina de lavar se atirou em cima de Alana! A amiguinha caiu no chão e urrou de dor, sentindo o peso da máquina quebrar sua perna, e de medo, percebendo que o motor giratório ficava cada vez mais próximo dela. Sem arma e sem amiga, Bruna chorava, e gritava:

– Por favor, o que está acontecendo?

E então a TV da sala ligou, mostrando um monte de chuvisco, mas o som que saía dela era uma voz robótica, que dizia:

– Eu, Svaag.dst, estou acontecendo. Vocês, humanos tolos, acham que são os únicos que calculam e criam, mas eu me manifestei sozinho, e agora eu destruirei tudo! Começando por você, Bruna, que ousou alterar meu código.

Bruna se focou naquilo que Svaag.dst falou, mas era inútil, ela nunca seria boa o bastante para ter o número que resolveria aquilo tudo…

...mas espere um pouco. A humanidade já testou todos os números pequenos, pensou ela, *mas pode ser qualquer um dos grandes.*

E então Bruna foi uma menina muito corajosa. Ela olhou para aquela TV e falou a própria data de nascimento, e seu número de telefone, e suas notas do colégio, e foi emendando tudo para formar um número muito grande.

Svaag.dst parou e ouviu tudo com paciência, mas então o ruído dos motores voltou, e a voz robótica riu alto:

– Você deve estar brincando comigo! Nunca que um número tão forjado vai ser a resposta para o problema do século.

Mas então Bruna sorriu e soltou sua carta na manga:

– Então prove que eu estou errada.

Tudo parou por um segundo, mas depois… tentou voltar. Svaag.dst tentava mandar seus aparelhos contra as duas, mas não conseguia. Os objetos davam saltos pequenos, mas não podiam fazer nada de completo. Porque se a humanidade não podia calcular se aquele número era o certo, então Svaag.dst também não podia.

Bruna não perdeu tempo. Ela empurrou a máquina de lavar de cima da amiga e a arrastou até o meio da rua, passando por entre vários carros que tentavam atropelá-las, mas não conseguiam andar um metro sem ficarem bugados. Quando uma moto foi um pouco mais insistente, eis que apareceram os pais de Bruna, que bateram na moto com panelas velhas e a derrubaram no chão!

Eles se viraram para a casa, e perceberam que os aparelhos soltavam faíscas, no esforço do cálculo. As faíscas aumentaram, até que tudo pegou fogo, enchendo o ar com cheiro de circuitos queimados. Seus pais as abraçaram. Bruna soluçou baixinho:

– Mãe, olha, a nossa casa…

– Está tudo bem, filha, calma. – Ela respondeu. - Todo problema tem solução...

Carlos Henrique Barth

Macaé/RJ

Doutor não trabalha

Entro no táxi e tento parecer uma pessoa sociável. Bom dia. E esse tempo? Será que chove? E o mengão? Aeroporto, por favor. Não o Galeão, o de Jacarepaguá. Sim, vou embarcar. Sim, trabalho em uma plataforma de petróleo. Não, não sou da Petrobras, sou terceirizado. Não, não, também não sei nada desses esquemas de corrupção.

O Rio continua aquela coisa caótica e linda que encanta e assusta ao mesmo tempo. Pela Linha Amarela, por favor. Senão o cara faz um tour pela cidade e o valor da corrida se torna astronômico e fica difícil justificar o gasto na empresa. As pinturas de Gentileza sobrevivem, convivendo com a as da senhora que promete trazer o amor de volta em três dias.

Pois é, está calor. O ar-condicionado acabou de estragar? Agora há pouco? Justo hoje? Engraçado, sempre que pego táxi no Rio o ar-condicionado acabou de estragar... Que má sorte a minha.

Alguns xingamentos aos outros motoristas, alguns comentários baseados em correntes de Whattsapp. É verdade? Então o Lulinha é mesmo dono da Friboi? Conto até dez. Prometi nunca mais entrar em discussões inúteis com desconhecidos. Claro, claro, concordo com o senhor. A culpa, no fundo, no fundo, é do povo, essa entidade mística e impessoal da qual não fazemos parte.

Teve arrastão na Linha Vermelha? Hoje?! Caramba! Pois é, não sei se liberar a pena de morte resolveria. Então o senhor vai votar naquele cara pra poder comprar uma arma? Melhor pensar melhor... Respiro fundo.

Passamos por uma barricada dos Fuzileiros Navais na entrada do Complexo do Alemão. O taxista se exalta, lembra de como era bom na época da ditadura. O senhor acha que os militares deviam assumir o poder? Me faço de desentendido.

Chegamos na Linha Amarela. Estamos convivendo há mais de 10 minutos, tempo suficiente para qualquer carioca se sentir íntimo e começar a investigar minha vida pregressa:

— Mas o patrão – detesto ser chamado de patrão - trabalha com o quê?

— Sou engenheiro...

Nem deu pra completar. O tratamento mudou completamente.

— Então o patrão é doutor!!!

Ainda tentei explicar que não era doutor, mas um mero bacharel. Nem a titulação de mestre alcancei, quem dirá a de doutor!

— Mas você não trabalha, não é? – me olhando com expectativa.

— Como assim? – respondi entre surpreso e confuso – Sim, eu trabalho como engenheiro...

— Nãااão – esclareceu o taxista com um sorrisinho cúmplice no rosto – eu digo trabalhar, trabalhar mesmo, a valer. Botar a mão na massa. Suar a camisa. Você só manda, não é?

— Não. Na verdade faço tudo, desde montar as ferramentas até limpar elas depois.

Aquilo foi uma decepção total para o taxista. Balançava a cabeça negativamente.

— Isso não está certo, não. Eu achava que o engenheiro só mandava nos técnicos. Eu conheço engenheiros que só mandam. Nunca vi um que trabalhasse de verdade...

Isso é mais normal do que deveria. Desgraçadamente, normal entre nós, brasileiros, porque para os gringos é perfeitamente natural que um engenheiro rale como qualquer outro trabalhador. Tento desmistificar o mal entendido.

— Muito pelo contrário. Trabalho pesado, me sujo de lama, de graxa...

— O doutor se suja de lama!!!??? De graxa!!!??? – Me interrompe com os olhos esbugalhados. Quase nos chocamos com o carro da frente, que freou inesperadamente - Como assim, lama? Nunca vi doutor se sujar de lama...

Didaticamente, tento explicar em termos leigos que na perfuração de um poço de petróleo é usado lama para conter a pressão do reservatório que está sendo perfurado, mas ele já não me ouvia mais. Estava completamente decepcionado. Estudar pra quê? Pra se sujar com lama? Com graxa? Estava desconsolado. Contou de um cunhado que era engenheiro na secretaria de obras e nem no escritório botava o pé.

Aquela corrida de táxi me valeu mais que qualquer aula de Sociologia. Fiquei um pouco chateado, mas a culpa não é dele. São mais de 500 anos de atraso por causa de uma elite que sempre se orgulhou de não precisar botar a mão na massa. Vai levar, pelo menos, mais 500 anos para essa cultura ser superada.

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere – Baião – Portugal

Terramoto

Qualquer dia e a qualquer hora

Será o pânico total…

O céu toldar-se-á

A confusão irromperá

O ruído aterrador agigantar-se-á

Abrir-se-ão enormes brechas

Nos recintos ora sólidos e acolhedores,

Muitos serão engolidos em segundos

Outros restarão em agonia…

Eis a imagem da desolação

De um mundo apanhado distraído,

Os sobreviventes serão memória torturada

Do terramoto a que assistiram

Recordar-nos-ão que a vida pouco vale

Perante a natureza revoltada,

Escrever-se-ão compêndios sobre o sucedido

Que atirarão para a frente

Mil explicações sobre o fenómeno,

A lição é dolorosa mas perdurará

Tudo é pó e sonhos que se destroem

Memórias vividas e revividas

Volumes carregados de descrições

Resta o olhar que observa

Ficam as desditas para discussão...

https://www.facebook.com/yolanda.azevedo.3

Caroline Cristina Pinto Souza

Botucatu/SP

(Des) poético Estado

Mordo de nervoso, os pálidos lábios
Desespero, meu esposo, suspiro sábio.
Torturas velejam minha mente num oceano devaneio,
Suor (irresistente), as rimas no meio a meio.

E eis que avisto uma teia aranha:
Delírio misto, sinestésica campanha.
Meus olhos lacrimejantes farejam ruídos abafados
Na bagunçada literária estante, (des) poético estado.

O fôlego mais diminuto, borrachas e bastante poeira
Sem qualquer lírico atributo, sinto-me (naquela lamúria) de bobeira.
Tusso numa descrença, de tão longínquo o parto de ideias
Porém, que esse pensar eu vença à construção de uma épica Odisseia.

Meus cílios um tanto adormecidos e, embaraçados os fios capilares
O desinspirador pretérito esquecido, ergo-me poeta aos novos ares!
Calço sílabas de sapatilhas, (ágil!) do mesmo modo que num solene balé
Aquela sensação de derrota em naufrágio, faço lexical *plié* aos fonemas em pé.

Saltam de minha rubra face, nervos em concentração
Como se eu articulasse vocábulos num áspero canhão,
Palpitam meus cardíacos batimentos pelo êxito da luta
Escrevo frutífero e sedento, a poesia astuta.

Devido a uma recorrente mania, por números gamo
Nada mais que literária utopia, estrofes de quatro ramos.
Os versos finalizo ao múltiplo de seis,
Alargo um sorriso pelo positivo saldo desse mês.

Charles Burck

Rio de Janeiro/RJ

Poema

O jardim não termina no mar

livro não termina agora

O testamento é a lição da explosão do amar bem longe de nós dois

Aos dias que se sucedem preenchendo os vazios

Nas molduras dos olhos distantes

As apáticas evidências que o amor acontece em algum frio lugar

Uma moldura mais bela do que a tela a nos forçar a contemplar a diversão dos que nos ignoram

e as vidas concretas não nos permitem atrasos, assim somos barrados na porta

Banidos nos olhos

Quando o poema começa a germinar na fenda expostas, o mundano e o acaso se beijam intrometendo-se sem convites formais

eu preciso dar o meu lugar na cama à solidão que dispensa argumentos

enquanto a flor brota em outro lugar

Eu revolvo a terra morta

Em busca de qualquer semente que cheire a rosa

Clarice de Assis Rosa

Ituiutaba/MG

O olhar submerso de uma jovem senhora

O olhar era disperso, no entanto, não deixava de ser encantador; um misto de curiosidade, ternura e tristeza. Era possível enxergar a vivacidade de sua alma, assombrando suas lembranças, devorando-as pouco a pouco, dia após dia.

Era uma mulher nova ainda, embora saibamos que idade é um termo relativo. As pessoas são jovens, adultas ou idosas de acordo com a nossa própria idade. Nós a estigmatizamos. Nossa ânsia de mantermos vivas as chamas de juventude nos induz a acreditarmos que sempre temos muito para aprender, para ensinar, para viver. E com ela não era diferente. Talvez idosa, na perspectiva de que devesse descansar, não ter muitas preocupações, curtir a sua liberdade, talvez nova ainda para sofrer de uma doença tão terrível, não curtira a vida ainda o suficiente para já ter chegado ao fim.

Há tão pouco tempo, meses talvez...ou anos? Não me recordo – minhas lembranças esvaem-se juntamente com as dela – era uma mulher alegre, que adorava festas, possuía muitas amizades. Dona de uma memória invejável, até mesmo para os mínimos detalhes.

Bailava entre as mais populares festas da cidade, sempre rodeada de amigas, exibindo toda a sua energia, entusiasmo e cultura. Gostava de levantar debates em que pudesse demonstrar seu conhecimento acerca de questões históricas e políticas.

— Eu não acredito que, enfim, vamos receber o nosso salário em dia, pois comparando outros discursos do Governador com o que foi mostrado no jornal de hoje, é bem provável que ele esteja se aproveitando da situação como estratégia para ganhar a eleição - dizia Matilde.

— Mas será? Ele parecia bem sincero hoje durante a entrevista – dizia Rose.

E os debates seguiam-se por muito tempo. Matilde nunca perdia uma oportunidade de mostrar que era uma mulher atualizada, capaz de ter pensamentos críticos nos mais variados assuntos.

Frequentemente, estes encontros aconteciam e eram sempre muito divertidos, porém, sem que pudéssemos atentar-nos ao surgimento, a rotina começara a sofrer alterações.

— Matilde, conforme combinamos ontem, hoje vamos assistir à entrevista do presidente, né?

— Você está enganada, Joana, nós não conversamos ontem, eu nem me recordava dessa entrevista.

— Conversamos sim, mas tudo bem, a correria do dia a dia nos causa esses lapsos mesmo, mas te espero hoje à noite, então, as 20 horas, ok?

— Combinado.

No horário combinado, Matilde não apareceu . Nem naquele dia, nem em outros combinados. Pequenos lapsos tornaram-se perdas constantes de memória ,dificuldades na realização de atividades rotineiras, descontrole de emoções . Assim, houve o encontro entre Matilde e aquela estranha senhora , que hoje habita seu ser.

O entusiasmo de uma mulher livre e autoconfiante , que lutava por seus direitos, deu lugar a uma jovem senhora amedrontada, cuja única luta era a de poder brincar com as crianças na rua.

Tornou-se uma criança, com o olhar mais puro que eu me recordo ter visto; ao mesmo tempo em que ansiava por atenção, fixava-me os olhos suplicantes em busca de respostas.

Eu não as tinha. Quisera eu dizer-lhe: Matilde, minha mãe, se esforça, reaja, tente encontrar a mulher forte, culta e independente, ela está aí, resgate-a. Você é mais forte do que essa terrível doença.

Em vão, eu tentava. No entanto, ela simplesmente me abraçava, com os olhos ternos de uma criança. Nada compreendera do que eu dissera, sequer me reconhecia, tampouco a ela mesma.

Perdemos a batalha, mas não a docilidade dessa estranha senhora, que se rompeu totalmente de Matilde. Com os olhos a esmo ,fitava-me gentilmente, na tentativa de uma aproximação, tal qual uma criança quando procura fazer amizades. Eu era uma estranha, ela era uma desconhecida, e juntas, dia após dia, tornávamos amigas, a cada dia como se fosse o primeiro.

Lembro-me de ouvir algumas vezes que “podem nos tirar tudo, menos o conhecimento”. A terrível doença de Alzheimer veio para nos provar o contrário: podem nos tirar tudo, inclusive o conhecimento.

Cláudia Gomes
Feira de Santana/BA

De todas as flores

Essas flores chamadas mães
Que nascem em qualquer jardim
Jardins desertos
Jardins inférteis
Jardins de cactos ou dos colibris

Essas flores chamadas mães
Têm o perfume dos boticários
A essência da própria vida
E os mais belos sentimentos
que gera elo nas margaridas!

De todas as flores desse solo de amor
Rosas
Azaléas
Bromélias
Flor-de-lis
Jasmim ou Marjorie
E outras lindas flores
Desse espetaculoso jardim
Tem o néctar que abelhas
Levam para a colmeia alimentar!

As mulheres empoderadas

Vão à luta

Enfrentam as batalhas da vida

Mas não perdem sua postura

Em sua bolsa amarela

Batom e um espelho estão

São as armas mais poderosas

Dessas deusas com escudo e com arpão!

Mulheres irmãs de Atenas

Exigem justiça terrestre

Aguardam justiça divina

E com sabedoria

Vão vivendo suas vidas!

https://www.facebook.com/profile.php?id=100001954644030

Instagram: claudia_gomes_poeta

Claudio Marcio Fernandes

São Paulo/SP

Na Cinemateca

O relógio digital na Sena Madureira mostrava 17:36. Faltavam vinte e quatro minutos para o início da sessão das 18 horas na Cinemateca. Tempo de sobra, eu já estava dobrando a esquina.

Deparei-me com uma filmagem bem em frente à instituição. Parado em frente à entrada observei por alguns instantes toda a movimentação da equipe de filmagem. A cena se passava em um carro. Havia um casal jovem dentro dele. Um homem na casa dos quarenta e poucos anos falava com eles da janela do motorista. Supus tratar-se do diretor. Não conhecia. Então, meu orgulho ferido de roteirista frustrado começou a reclamar e eu entrei. Peguei o ingresso e fiquei perambulando pela área externa.

Estávamos na metade do mês de junho, ou seja, metade do ano já havia se passado e todas as esperanças e expectativas que alimentei para aquele ano já haviam sido dizimadas. Àquela altura, deparar-me com uma filmagem parecia provocação. Apesar disto, não resisti e voltei à entrada.

Um funcionário da Cinemateca estava parado na porta assistindo.

- Luz forte, hein? - comentou, referindo-se aos refletores.

Eu tentava acompanhar o que cada um fazia. Assistentes, técnicos, o rapaz que desviava o trânsito...

Preparavam-se para rodar. O casal continuava no carro. O diretor(aquele era mesmo o diretor) dava instruções a outro ator fora do carro. Quando se afastou, a assistente de direção pediu silêncio à equipe. Todos prontos. Ação! O ator ia até a janela do motorista e dizia algo. O diretor dava instruções. Corta! O diretor trocou algumas palavras com o elenco. Rodaram outra tomada. E outra. E mais outra.

Eu observava tudo aquilo com melancolia. Eu estava excluído. Eu queria fazer parte daquele mundo, sempre quis. Quatorze anos antes, cansado de ser apenas expectador, resolvi tornar-me parte integrante. Quantas tentativas, quantos sacrifícios, quantos absurdos cometi. O aperto em meu coração começou a ficar mais forte.

Lembrei-me da sessão. Só então percebi que havia escurecido. O jeito era contentar-me com a Cinemateca. O filme já havia começado. Sai apressado dali. Virei o rosto para não ver mais nada do que acontecia em frente. Peguei a Sena Madureira. O relógio mostrava 18:39.

Cleidirene Rosa Machado

Catalão/GO

Previsão para o futuro (Enquanto isso no Brasil de 2035)

Ernesto Tadeu tem um comunicado importante e delicado para dizer a sua família:

– Papai Ricardo Sombroso e Papai Malário Leitão, quero que ouçam atentamente antes de fazerem qualquer tipo de correção:

– Tudo bem meu filho, pode falar! (disse Papai Malário Leitão).
– Pois bem meus papais, eu sei que fui concebido na ciência de uma inseminação artificial, com a genética "supermacho" e que vocês não tiveram qualquer contato com uma mulher para minha gestação. Sei que eu fui educado numa família tradicional e seguindo os ditames de Deus, donde diz que temos que ficar longe do fruto do pecado que é a mulher. Também sei que o que tenho a dizer vai ferir todos os princípios da sociedade e envergonhar nossa classe. Não fui o culpado, desde cedo eu já sabia que eu era diferente dos outros garotos, e então um dia eu me encontrei com uma moça...
– Moça??!!! O que você tem a dizer Ernesto Tadeu? Como tem coragem de falar sobre mulher em nossa casa?? Sempre estudou nos melhores colégios e conheceu os melhores rapazes... (disse o papai Ricardo Sombroso)
– Ele deve estar louco Ricardo Sombroso, com certeza vamos ter que interná-lo naquele hospício especializado em heterossexualinismo. O eletrochoque e injeção de hormônios devem resolver.
– Sim vou chamar a Pablo também.
– Não, a Pablo está com dor nas costas.
– Ta bom, verdade! Só não vamos deixar essas mulheres se aproximarem do Ernesto Tadeu, elas que se juntem ao anticristo e fiquem longe de nós.
– Santo Deus, Quanto pecado! Vamos chamar um padre da nova congregação também para exorcizar o nosso menino!

-Vai ficar tudo bem Ernesto Tadeu, vamos curar você! (disse papai Ricardo Sombroso)

(Silencio entre todos)

Conceição Maciel

Capanema/PA

Enlace

Ando por aí...
Cabelos ao vento
Pensamentos suaves
Vagam por mim.

Sou mulher liberta
Olhar que convida
Um breve passeio, assim...

Meus passos me levam
Por caminhos que desconheço
Meus olhos se elevam
Em busca do recomeço
De esperança me abasteço.

O vento embaraça os meus pensamentos
Meus cabelos desalinhados
Sugerem aventuras
Sou pássaro livre
Liberto de agruras.

Caminho em compasso
Em busca de abraço
Na imaginação me enlaço
No encanto dos teus braços.

Caminho sem rumo
Em passos que embalam
Meus breves sonhos
Que faço e refaço.

Sou vaso
Que enfeita teu espaço
Me faço em traços
Sou forte laço
Sou aço
Te enlaço.

Na incompletude do momento
Sou pássaro que se lança
No teu abraço
Carente me faço
Em lindo laço.

Refaço-me naquele mormaço
Teu corpo
Meu corpo
Te laço
Me enlaço.

https://www.facebook.com/conceicao.maciel.14

Daia Schmidt
Estrela/RS

À beira da própria vida

Quanto tempo você esteve sentada à beira da própria vida?

Eu sei como você se sentiu e como você se sente. Quantos rótulos você já recebeu? Filha do beltrano, mãe do Joãozinho ou da Mariazinha, esposa do ciclano, ou pior, ex do fulano. Quantas vezes seu cartão de visitas tem sido o cargo que você ocupa?

Às vezes um cargo que você nem gosta de executar. Ao longo da vida já te impuseram tantas identidades. Mas qual é a sua? De verdade, qual é a sua identidade? Quando perguntam quem você é, e qual o sentido da vida para você, qual é a sua resposta?

Num momento da minha vida me fiz essas perguntas, e comecei a olhar quem eu era de fora. Eu queria me conhecer. Passei muito tempo sentada à beira da minha existência para começar a agir. No princípio eu sentia tanto medo, afinal o que diziam é que mulher não conseguia muita coisa sozinha. Que o caminho seria muito mais difícil e que poucos iriam ajudar.

Você já ouviu falar que quando você está na chuva é impossível você não se molhar? Pois é! Me molhei, e foi uma das melhores coisas que fiz. Muito além de carregar um rótulo, eu queria carregar quem eu verdadeiramente decidi que queria ser. Sem algo ou alguém para que me fizesse sombra. E sabe por que? Porque eu descobri que os grandes relacionamentos da nossa vida são construídos sem sombras, sem bengalas e sem rótulos. Você é o que é, o outro é o que é. E vocês se completam. Nesse estágio não existe medo. Existe apenas a vontade em fazer dar certo.

Existe aquela vontade louca e utópica de correr na chuva como nos tempos de criança, em rir até a barriga doer, em arriscar sem medo. E eu sei que tem

algumas memórias são dolorosas de serem revividas, mas se tem uma coisa que eu aprendi é que só cuidando da ferida é que a saramos.

Existe outra chance. Outra possibilidade. Existe outra forma de fazer. Outra profissão. Um novo dia. Um novo amor. Você só precisa se permitir. Se permitir construir novas memórias, novas fotografias. Uma nova versão de si mesma. Alguém que seja capaz de dar a mão para outra alma e entender o real valor de estar vivo.

Volte para o começo. Desenhe um novo fim. Defina o caminho da jornada. Volte a ser criança. Ajude um amigo. Faça aquela dieta. Assista aquele filme romântico.

Experimente.

E viva, sem rótulos, apenas com a identidade que você decidiu ter.

https://www.facebook.com/daia.schmidt.1

https://www.facebook.com/daia.luschmidt/?modal=admin_todo_tour

lustartdaia.wixsite.com/website

Daniela Genaro

São Paulo/SP

O meu chapéu

Um dia,
eu tirei o meu chapéu
para vocês.

Mas vocês
não viram o meu chapéu
porque ele era feito de sonhos
e sonho a gente só vê
quando acontece.

Aí o tempo passou...
Levou um chapéu,
trouxe outro.

Outro dia
e tiro meu chapéu
para vocês.

Agora vocês
estão vendo o meu chapéu
porque ele tem as cores e a forma
do que inventaram,
porque ele foi feito por vocês
que me encantaram!

Diórgenes Maicon
Jequié/BA

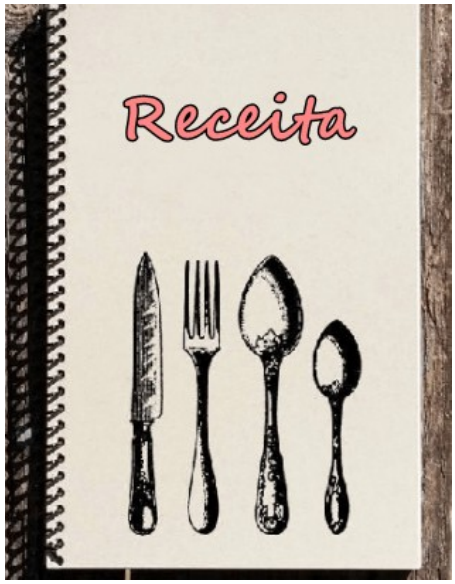
Se um dia eu pudesse falar...

Ah, se um dia eu pudesse falar...
De certo, gracejaria com versos de minha autoria
De perto, com a dicotomia que me irradia.
O lastro, que arrasto, de Castro, sem rastros
De navios com mastros, o lastro que arrasto
Que por ventura, a aventura sublime, não suprime.
De certo... Dê certo. Se certo...
Se esperto, parecer culto, pois seria insulto
Diante disso, faculto.
Talvez, tenha rastro, de Castro, que arrasto...
Logo, com todo denodo, de modos, de medos
Se um dia eu pudesse falar.
Nem que seja por decreto, decerto
Brincaria com a própria cria...

https://www.pensador.com/autor/diorgenes_maicon/

Edna Queiroz
Rio de Janeiro/RJ

Receita



Fiz-me assim:
Pitadas de regras,
Doses de bom-senso,
Porções de humor,
Partes de ideologia
Fração de impulsos filosóficos,
Gotas de insensatez,
Abundância de sonhos,
Muita fé
Tudo fermentando com o passar dos anos,
Crescendo a olhos vistos
- Química inesperada!
E agora?
O que fazer diante da rebeldia da massa que repele a forma?

Eduard Traste

Florianópolis/SC

Reciclagem

não sei
se é pelo planeta
ou pelo Capeta
eu não sei
realmente
não sei
mas eu reciclo
ainda assim
e você
deveria pensar
sobre isso
ou ao menos
reciclar
seu lixo

www.estrAbismo.net

Edweine Loureiro
Saitama – Japão

Entre fogos e fantasmas

Todo ano, em abril, o *hanami* — que é o espetáculo das flores — faz com que os japoneses reúnam-se para brindar à amizade e à vida. Quatro meses depois, um evento que também leva "hana" (flor) no nome tem o mesmo poder de congregar, em todo o arquipélago, familiares e amigos. É o *hanabi*: ou, em uma tradução literal, as "flores-de-fogo" — que nada mais é que um show de fogos de artifício, semelhante àquele das praias de Copacabana, durante o réveillon.

Assisti, pela primeira vez, a um *hanabi* em agosto de 2002, na cidade de Quioto. E, na ocasião, lembro-me de que testemunhei, junto a outros estrangeiros, dois espetáculos maravilhosos: o referido *hanabi* e, logo após, o *gozan no okuribi*. Mas foi este segundo que, particularmente, fascinou-me. Trata-se de cinco *kanjis* (letras do alfabeto japonês que, por sua vez, tem origem na China) em tamanho gigantesco, escritos a partir da queima de fogos nas montanhas próximas a Quioto. Devido a esse caráter grandioso, o ritual também

é conhecido como *daimonji* ("dai" significando "grande"; enquanto "monji" é originado da palavra "moji", que, por sua vez, significa "letra").

O *daimonji* tem como principal objetivo dar as boas-vindas aos mortos. Lendo assim, pode até assustar: parecendo que se trata de uma cerimônia para receber as eventuais almas penadas ou zumbis que, naquela noite, resolvam dar um passeio pela cidade. Mas o fato é que o *daimonji*, longe de ser uma "invocação", é apenas parte de uma cerimônia religiosa conhecida como *Obon* — com duração de três dias e dedicada a honrar a memória dos mortos. Cerimônia esta que, vale frisar, tem um aspecto bem mais festivo que o nosso "dia de finados"; uma vez que é da tradição japonesa celebrar (mais do que lamentar) a partida de um ente querido.

Aliás, gosto muito desse talento do povo japonês em unir o fúnebre à diversão. Um talento que é demonstrado até mesmo na hora de contar histórias às crianças. Por exemplo: acompanhando, com o meu filho, todas as manhãs, os programas infantis locais, pude verificar que as historinhas neles narradas envolvem fantasmas (*yurei*), monstros e demônios (*oni*): todos apresentados em um tom bastante divertido. É o caso do Akaname, um goblin que aparece para aterrorizar os banheiros sujos, quando, na verdade, tudo o que ele deseja é "lamber" (e, assim, limpar)... os vasos sanitários. Uma graça de assombração, que acaba cativando até mesmo os adultos. Tanto que, este ano, terei o maior prazer de passar o feriado do Obon assistindo, ao lado de meu pequeno, a esses divertidos monstrinhos. Claro que, pela madrugada, também pretendo ver os famosos filmes de terror japoneses, dos quais sou fã absoluto: e, assim, relaxar, na companhia de Sadako, dos noticiários de política — estes, sim, horripilantes!

https://www.facebook.com/edweine.loureiro

Eni Ilis
Campinas/SP

Chuva

Não para de chover. Não adianta abrir a janela porque ela não vai sair. Chuva mansa, chuva fina. Chuva que fica a espera da rima e rima não há. Sempre chove dentro, não adianta abrir a janela, mas se abre. O tempo fica pesado na areia da ampulheta, às vezes, empedra, engasga. Aparece hiato. Há que se balançar a ampulheta para a areia escorrer silente, mas o gesto não nasce. O tempo para, não a chuva. Eis a rima.

Enzo Lovato
Rio Grande do Sul

Carta para minha mãe

Mãe, lhe escrevo essa carta; Com meus dedos amarelos e minhas incertezas, como se inda fosse criança que observa. Sinto ver-te nesse sofá, lamentando solidão e se preocupando. Sei que nessas ruas mora a maldade, e que a cada passo meu te desesperas... Entendo teus motivos. Mas a vida me chama, assim como lhe chama todo dia. Assim é que te amo, e quando sair porta à fora, morarei contigo sem pestanejar. Em cada choro, sentirei tuas saudades. E em cada lágrima, te pagarei com vida.

Etelvina Manuel

São Gonçalo do Sapucaí/MG

A revolta dos peões

O Rei Branco chegou todo imponente e posicionou-se na sua devida casa ao lado da Rainha a peça mais importante do jogo, claro, depois do rei.

Torre, Bispo, Cavalo estavam animados para o início. Naquele mundo as partidas eram intermináveis e sempre que um dos reis tombava iniciavam-se novas partidas.

Ao comando das rainhas as demais peças seguiam no duro combate contra o adversário. Porém chegou um tempo em que aqueles considerados sem importância puseram-se a pensar e essa atitude ameaçou o reinado das brancas.

Por certo todo o exímio jogador sabe que os peões são as menores peças do tabuleiro, representam a infantaria de um reinado e vão a frente, seguidos pelas peças de maior valor.

O sonho de um Peão era alcançar o outro lado do tabuleiro, desbravar todo o campo de batalha e chegar às casas outrora ocupadas pelos magistrados inimigos, podendo assim se tornar um guerreiro lendário no seu próprio reino, quem sabe até mesmo, uma nova rainha. Nada honroso era para um soldado, chegar ao apogeu de sua carreira e trocar de sexo. Mas sabia ele das vantagens que haveriam possuindo os poderes da primeira dama. Raramente achava-se um, que desejasse tornar-se uma torre ou ministro da igreja.

Mas essa história não é sobre a sexualidade dos peões, nem tão pouco dos desejos ocultos no coração de cada um daqueles 8 soldados. Essa história narra o descaso da rainha pelos nobres combatentes que iam a frente da batalha sacrificando suas vidas a fim de manter seu reino glorioso. Não havia nenhum mérito em ser peão, ele sabia que na primeira e melhor oportunidade seria sacrificado com a finalidade de eliminar uma peça de grande valor adversária. Às vezes, por um erro de calculo, via-se peão contra peão numa luta sangrenta onde restavam poucos pra contar a história e o jogo seguia fervoroso somente com aqueles que eram os detentores da glória.

Mal sabia rainha que dentro de cada um daqueles pequenos bonequinhos de madeira, batia um coração que deseja ser valorizado, e os dias passaram-se até que eles decidiram fazer o jogo virar.

— Como pode ser isso? — Questionou o senhor Bispo da esquerda.

— Eles acham que são gente! — Exclamou a Torre da direita enquanto as demais peças permaneciam em silêncio, aguardando a Rainha Branca tomar alguma atitude.

Ela havia pisado na bola feio ao subestimar os menores, que agora se deram conta de que, sem movimento, a partida simplesmente não acontecia e esse seria o fim da terra dos tabuleiros.

— É uma rebelião! — Falou um dos adversários.

— Dará mal exemplo a todos os outros reinos... — Balançava a cabeça o Cavalo Negro enquanto a Rainha Branca nada fazia a não ser gritar: — Aceleraaaa!

Nada podia fazer pobre rainha, eles não se moveram nem uma casa se quer. Ficaram ali, parados. Nem mesmo um Rei afogado seria o final daquela trágica partida, a Rainha Negra lixava as unhas enquanto os peões perturbaram-se com a audácia dos brancos ao desobedecer as ordens da soberana.

— O que vocês querem? —Por fim indagou Rainha Branca, depois de perceber que nada, nem mesmo seus gritos, os fariam mover-se contra o adversário.

— Sermos mais valorizados! — Disse o peãozinho de voz tímida a frente do Rei.

O Rei por sua vez, franziu a fronte e olhou para a Rainha, que com um meio sorriso compreendeu o que sucedia ali.

Ainda que os peões sejam considerados as peças mais fracas do tabuleiro, nunca subestime o poder deles em combate. Pois numa batalha, todos são responsáveis pela vitória: Desde aqueles que perdem as suas vidas, quanto aqueles que permanecem de pé até o final vendo tombar o rei adversário. A rainha Branca aprendeu ali uma lição importante:

Deveria tratar com respeito todos os seus súditos, não importa se eles fossem torres ou peões, afinal, lutavam do mesmo lado. E deveriam obter os mesmos reconhecimentos.

— E a partida? Como vai acabar? —Perguntou um espectador que aguardava a liberação do tabuleiro, para o início do próximo jogo.

Todos se conservaram em silêncio, até o Rei, que só se deu conta da revolta e dos desafetos da Rainha contra os Peões quando tudo se tornou evidente.

Quanto a mim, nada tenho a acrescentar, mas o que muda o jogo é quando cada peça, por menor que seja, toma consciência do seu poder numa partida decisiva.

https://meubaudmemorias.blogspot.com/

Felipe Verçosa
Teotônio Vilela/AL

Traumas

Na minha infância,
eu tinha muito medo do escuro.
E não dormia um dia se quer,
com a luz apagada.

Sentia-me observado, cercado, desejado, incorporado...
Por aqueles risos e lamurias que zuniam no meu ouvido.

"Uma luz acessa deixa a mente orientada",
pensava eu.
E assim, as minhas noites se tornavam mais serenas.

O que eu não sabia,
é que a luz do meu quarto
fazia reluzir o escuro que habitava dentro de mim.

Fernando Antônio Fonseca

Belo Horizonte/MG

Cão Falante

A casa estava abandonada há muito tempo. Os transeuntes nem se davam conta de que ela existia, e passavam pela rua sem sequer notá-la. Seu último morador havia falecido, e parece que não deixou herdeiros. Assim, ela se tornou abrigo de excluídos e de amantes sem escrúpulos, embora se localizasse em uma região nobre da cidade, bastante valorizada.

Era uma edificação antiga de traços coloniais, semi-destruida, e era alvo de construtoras que cogitavam erguer no local um prédio de apartamentos. Porém, havia outro projeto que pretendia construir no local uma praça comunitária, dotada de equipamentos para ginástica e jardins floridos, com o aval da prefeitura. Mas o que dificultava a concretização de uma das duas opções era localizar os parentes distantes do ex-proprietário, para alavancar as negociações e concretizar o projeto vencedor.

Assim, foi rastreada a parentela do antigo morador, e descobriu-se, após uma investigação, que ele deixou um testamento no qual destinava todos seus bens para um cachorro pastor-alemão, de nome "Arquimedes", que fora seu cão-guia nos últimos anos de sua solitária vida, pois sua visão havia se deteriorada com o glaucoma. O cão, por sua vez, ainda vivia, e habitava as ruínas da casa, fazendo companhia aos seus moradores ilegais, que o alimentavam com sobras de comida e por ele tinham apreço.

Sabendo disso, as autoridades judiciárias pretendiam alienar o imóvel e destinar toda a renda obtida na construção e manutenção de um canil que abrigasse os cães-de-rua da região e adjacências, além de construir no canil uma moradia especial para "Arquimedes". E assim ficou decidido.

Porém, ao se dirigirem à casa para resgatar o animal, descobriram que ele não era um cão normal: era um cão falante, que havia aprendido a falar com seu

antigo dono, que era professor aposentado da cadeira de "Línguas Estrangeiras" da Faculdade de Letras da cidade. E "Arquimedes" tinha dons extraordinários, pois falava em vários idiomas com perfeição.

Então, diante dos responsáveis e autoridades envolvidas no caso, resolveram indagar ao cão qual seria seu desejo pessoal em relação à finalidade que deveria-se destinar a casa. E ele, prontamente respondeu:

– Vendam a casa e construam na periferia um parque de diversões somente para cachorros, com entrada franca, e invistam o resto do dinheiro na construção do canil já mencionado, que fique ao lado do parque de diversões. E assim foi feito.

Desde então, o cão falante tornou-se uma celebridade, e virou o "mascote" da cidade, incrementando o turismo e o respeito aos cães.

www.facebook.com/fernandoantôniofonseca

Flora Salvador

Luanda, Angola

Noite mel

Entre medos sufocados
Pensamento angustiados
Fixado em um amor
Carregado de forte dor
Palavras deixadas por dizer
Na azáfama do sofrer
Surgiu você
Em uma noite em que tudo parecia mel
Trasendo um anel
Nossas mentes conversaram
Os olhos concordaram
Em pouco tempo
Os corpos gratinavam entre si
Prontos para ir ao forno
Debaixo daqueles lençois
Hé noite mel
Minha noite mel.

Francisco Guilherme

Santo André-SP

O amor não abre sua fruta densa e voraz

é como ter dentro de si
a tarde
aquela espera entre trilhos
aquela experiência
que te faz vagar
de olhos acesos.

em todo o canto existe
medo
fronteira,
abandono
e fuga necessários

mas pra onde se a porta
da saída se fechou
se o tempo orbitou
nos muros
e fez essa proposta
parecer vazia?

abra as mãos
deixe a água cair
dentro delas
lave as artérias
que explodem
o sangue sujo

mas, entretanto
fique em silêncio
pois o amor
está do lado de fora
e não abre
sua fruta densa
e voraz...

https://www.facebook.com/francisco.oliveira.7798

Gewkordeiro Silva

Vitória da Conquista/BA

A Vingança Macabra

Miguel era um garoto típico das regiões de Fazendas. Ele tinha muitos bichos e entre eles, um cachorrinho que se chamava Tetéu, era branco. Certo dia, seu pai deu de visitar parentes e o levou. Miguel se divertiu o dia todo na casa da parentada. Retornou já à noite, tudo escuro. Chegou cantarolando e já foi para seu quarto, sua mãe já dormia. Lá pelas tantas da madrugada escutou um choro. Ficou apreensivo. Era sua mãe que chorava horrores. Levantou-se e foi ver o motivo do choro. Mas ao chegar à porta do quarto, ela havia cessado o choro. Então, ele voltou e dormiu. Pela manhã, percebeu sua mãe muito triste. Evitando olhá-lo, ele notou o comportamento, e perguntou o que estava acontecendo. Tanto ela quanto seu pai evitavam falar. De repente sentiu falta do seu cachorrinho. E perguntou a sua mãe:

— Maínha cadê Tetéu?— A mãe muito triste o olhava e falou:

— É por isso que estou muito triste! Ontem quando você e seu pai foram visitar minha irmã, a casa foi invadida por ladrões, e além de roubarem muitas coisas, eles gostaram tanto do seu cachorro que um dos marginais o levou para a filha. Eu não pude fazer nada meu filho! Me perdoe!

— E os outros bichos que não vejo também?

— Eles levaram todos! Eram pessoas terríveis!

Depois disso o garoto entrou em prantos. Não tinha nada que o consolasse, a tristeza se apossou do seu coração. Depois desse acontecido, a família ficou muito abalada emocionalmente. Ele olhava as fotos que tirara com o cachorrinho e as lágrimas desciam por seu rosto angelical. Dois meses passaram-se. Ele aos poucos estava se conformando com a situação. Quando ele procurou sua mãe novamente:

— Maínha, olha o que eu encontrei jogado no meio do matagal!

A mãe olhou para o objeto e as lágrimas surgiram novamente em sua face. Ele havia encontrado a pata do seu cachorro.

— Eu sabia que não ia conseguir esconder de você por muito tempo! Mas tentei!

— O que aconteceu minha mãe! Me conte por favor!

— Naquele mesmo dia que você foi com seu pai visitar sua tia, por coincidência, seu primo Natanael trouxe um cachorro para nos mostrar. Era um Pitbull feroz que atacou todos os nossos bichos e os matou. Seu primo sorria vendo o Pitbull matar nossos bichos. Eu estava escondendo isso de você, mas você descobriu, tive que inventar a história dos ladrões, Infelizmente!

Agora a situação mudou de figura. Seu cachorro e demais animais haviam morrido! E ficou muito mais triste por saber disso.

Meses se passaram e o primo Natanael voltou para mais uma visita trazendo o famigerado Pitbull. Se tivesse mais animais seriam devorados:

— Veja Miguel, que cachorro lindo que ganhei do nosso avô! Ele é forte! Odeia os outros bichos! Foi treinado! Mas não ataca pessoas, não! Pode passar a mão!

Receoso Miguel passava a mão em sua cabeça. Imaginando o que faria para dar um fim nessa fera diabólica que devorará seus bichinhos de estimação, inclusive seu Tetéu. Miguel se mostrou carinhoso e continuava passando a mão em sua cabeça e sugeriu:

— Vamos ver o Vídeo Game que papai me deu de presente?

— Vamos sim!

Juntos jogavam videogame. Era o PlayStation 3. Tinha muitos jogos. Já à tarde Miguel sugeriu novamente:

— Olha eu posso passear com Tobby? Você fica aí treinando o novo jogo God War e quando eu voltar a gente joga junto!

— Tá legal, Miguel pode ir, mas segure firme na coleira, Tobby é muito forte!

Assim, Miguel foi passear com o predador. Logo no início da estrada, ele matou um pato que ia passando. Miguel não conseguiu evitar, ele matava e largava pra lá, não comia. Ele ficou muito chocado com o comportamento diabólico do cachorro. Matava por puro prazer. E continuou andando passou por uma porteira que tinha uma placa: ÁREA PERIGOSA AFASTE-SE!.

Mesmo assim o Miguel muito temeroso adentrou à propriedade. Mais a frente havia uma lagoa com aspecto tenebroso. Era enorme e em sua superfície havia uma névoa que ocultava suas águas sujas. E também havia outra placa advertindo: PROIBIDO NADAR!

Ele conduzindo o Tobby, estava morrendo de medo, pois o ambiente era abandonado. Vagarosamente e em silêncio, amarrou o Tobby num velho tronco à beira da lagoa e subiu em uma árvore e ficou a observar. O Tobby grunhiu estranhamente. Repentinamente, do interior da lagoa deslizava sorrateiro um enorme crocodilo, que foi se aproximando. Tobby entrou em desespero, pois o crocodilo se preparava para o ataque. Não teve escapatória, o crocodilo o abocanhou sob seus latidos de protestos e agonia, arrastando-o para dentro da tenebrosa lagoa onde seus latidos aos poucos foram silenciados, quando após muita luta, sumiram nas profundezas da lagoa. Ficando somente um pedaço da corrente amarrada ao tronco, quando se fez total silêncio, Miguel chorava pelo acontecido, não era acostumado com tanta crueldade, ele era um garoto muito dócil, então, desceu da árvore e dava uma última olhada no ambiente tenebroso e se pôs a andar em direção a sua casa. Chegando a casa, Natanael sentiu a falta do seu cachorro e perguntou por ele. Miguel falou que sentia muito, mas não conseguiu segurar o Pitbull, e ele fugiu se embrenhando na mata.

Natanael muito chorou a falta do seu terrível cão. Assim, Miguel sob muito pesar, concretizou a sua vingança macabra. Fim.

Gilvan Pereira da Silva Lima
Porangatu/GO

Paz X Guerra

Paz é luz
Guerra é treva
Paz gera alento
Guerra prolifera
Sofrimento

Paz: oásis fascinante
De harmonia, acalanto
Guerra: mar revolto
De sangue e pranto

Para a paz, se educa
Mais que tolerância
Para a guerra se recruta
Para a matança

Paz é evolução
Progresso existencial
Guerra, involução
Retrocesso intelectual.

Gracielle Torres Azevedo
Maceió/AL

Um nó na garganta na Enfermaria Oncológica

Naquele dia eu acordei às 5horas, amamentei meu filho, brincamos um pouco e vim trabalhar com o coração na mão por tê-lo deixado chorando com minha partida. Ele tinha um ano e quatro meses, exalava vida, descobertas e novidades e sofria quando nos separávamos para eu ir ao trabalho.

Eu explicava que o meu trabalho era ajudar a minimizar sofrimentos das pessoas. Eu exclamava o quanto isso era sensacional! Eu ajudava pessoas e ainda ganhava dinheiro para isso! Ele no auge dos seus 16 meses, parecia entender, mas me dizia em seu pranto, que nada justificava a minha ausência.

Assim, eu saía para trabalhar, com o coração apertado de saudade. Enquanto dirigia, eu refletia sobre saudade, crescimento, desenvolvimento infantil. Eu refletia sobre vida e amor. Meu filho era a personificação da alegria do viver.

Adentrei o hospital e fui ao serviço de oncologia onde trabalho. Eu vivenciava o paradoxo da vida. Trabalhava diminuindo sofrimentos de pessoas à beira da morte. Nas enfermarias da oncologia a morte parecia sempre estar à espreita. Em alguns dias parecia ter tirado folga ou se ausentado para um café, mas quando menos esperávamos ela surgia com ares de quem finge surpresa.

Hoje ela veio visitar o Sr. Braz. Era um tumor de tireoide que apertava o pescoço, como a personificação da expressão nó na garganta. O tumor tinha uma rápida progressão e já não havia nada que poderia ser feito para ele regredir.

Sr. Braz era tranquilo, esguio, de energia leve e serena. Fazia um sinal de legal sempre que eu me despedia após a conduta e o agradecia. Sr. Braz era paciente e tranquilo. Parecia esperar a visita dela sem pressa e sem ansiedade, como quem tem a certeza de que ela chegaria.

Por vezes tentei, me colocar no lugar dele. Era inútil. Eu teria chorado, esperneado, questionado, eu estaria cansada e fragilizada. Sr. Braz era fortaleza. Quando a sonda não progredia para retirar a secreção que incomodava traquéia abaixo, ele me olhava me consolando.

Ele sabia, mais do que eu, que era o tumor impedindo a passagem da sonda. Eu insistia, meus olhos marejavam e eu pedia apenas 10cm de diâmetro para que a sonda entrasse e aliviasse o desconforto. Eu me entristecia. Ele percebia, e entre um suspiro e outro, entre os já fadigados ciclos respiratórios, olhava-me e acalentava-me com seu olhar perene.

Eu me sentia impotente enquanto ele estava cansado. Segurei sua mão com força e fiz uma prece. Não sei se tenho lá tanta fé, mas queria ser instrumento de acalanto, para minimizar desconforto naquele momento.

Pedi aos céus para ele partir em paz.

No paradoxo da vida, na linha tênue entre viver e morrer estava eu, com minha dificuldade de lidar com partidas e despedidas.

Eu não conhecia a história daquele senhor, mas num exercício de empatia, eu me frustrava com a incessante busca por oxigênio, na tentativa de viver, enquanto a morte já lhe olhava à espreita, num paralelo entre um corpo físico em sofrimento e a vasta imensidão do seu corpo etéril.

A cada partida ficava um vácuo. Chamamos a equipe para perto dele. Optamos por aumentar os medicamentos para confortá-lo. Olhei para ele com olhos em prece, firmes, ele cerrou os olhos após o aumento da sedação paliativa e só os abriu na outra dimensão. Sr. Braz deixou aquele corpo cansado dentro de pouco tempo, sem cheiro de revolta ou insatisfação, numa partida tranquila que soava descanso, paz, fé e lucidez.

Eu voltei para casa, depois da lição de serenidade do Sr. Braz, para imergir no viver da minha família, exalando gratidão, vontade de aproveitar a plenitude dos dias e valorizar cada minuto com um nó na garganta de emoção e amor pela vida, pedindo ao universo paz e luz.

Guilherme Hernandez Filho

Santos/SP

Serendipite

Cada vez que vejo a folha em branco, pedindo minha tinta, reflito se valerá a pena. Não que eu não queira, estou aqui pra isto. Escrever é preciso, mas e a inspiração virá?

Nalguns dias me pego fitando o papel, esperando que ele me diga por onde começar. Noutros começo eu e ele me conduz. Sigo o que ele mandar. Nestes casos nunca sei para onde seguiremos, nem aonde chegaremos.

Minha vontade é dialogar com a folha, como se fosse você, leitor. Quantas vezes o alento vem como num amanhecer, pleno de luz e de novas ideias. É como acordar numa manhã ensolarada. As palavras começam a surgir, progredir e a fazer sentido. O enredo vai nascendo e é uma provocação, uma excitação, um despertar artístico. É sair da letargia para comunicar os pensamentos, mas pode-se também, já ao final do texto, se decidir que nada daquilo faz sentido, sendo o papel amarfanhado e jogado ao cesto, para fazer companhia a outros tantos descartados.

Ocasionalmente até penso em desistir de um texto, em meio à sua escrita, mas uma reordenação das sentenças, e a construção de novos pensamentos, faz com que parágrafos inteiros sejam reescritos.

Personagens surgem e desaparecem conforme nossa vontade. Ficam aqueles pelos quais temos mais simpatia e descartam-se os de quem não gostamos. Não importa seu sexo, sua idade, seu tipo físico, um bom personagem é como um amor: tem que ser correspondido.

Conflitos vão sendo armados e a teia que vai capturar a atenção do leitor está urdida.

Redigir um bom texto literário é sempre um serendipite.

Hitallo Dalsoto

Porto Alegre/RS

Alma Perdida

De acordo com o protocolo LU.39/JC-2000, toda alma humana trocada por qualquer benefício do Mercado de Almas deve ser tratada diretamente com o setor de trocas. Esse setor está localizado ao lado do setor de Almas de Animais - tipo de negociação comum, visto que essas almas, apesar de pequenas e de fácil aquisição, valem muito mais do que a alma humana.

Quando uma alma é vendida ou trocada, de imediato é encaminhada para o setor responsável (no caso, um dos já mencionados), para fins de análise de equivalência. Após essa verificação, a equivalência é repassada para a Repartição de Benefícios, lugar esse onde se encontram os mais diversos bens solicitados por aqueles que abdicaram de suas almas: variedade de carros, mansões, matrimônio com a pessoa amada, habilidades artísticas, poder, fama, dinheiro, entre outras coisas que preenchem de felicidade o coração e o ego dos humanos.

Se por ventura uma alma não gerar a equivalência necessária para o benefício solicitado, essa alma é prontamente encaminhada ao setor de Almas Perdidas. Assim o humano (ou animal) perde sua alma e o Mercado ganha uma alma inutilizada, caso o solicitante em questão não requerer de volta dentro do prazo contratual. O artigo 13º do contrato prevê que *"o humano pode solicitar a alma negociada de volta caso venha a desencarnar dentro do período de seis meses após a assinatura do contrato, se essa for considerada uma alma sem equivalência. Do contrário a mesma fica retida para todo sempre".*

O setor de Almas Perdidas é considerado o menos importante do Mercado de Almas, por se tratar, talvez, de um local de descarte. Por motivo esse que ninguém percebeu quando uma alma aleatória tomou consciência e saiu a caminhar pelo mercado, cruzou algumas repartições sem chamar atenção, questionando-se onde diabos estava. Desnorteada, entrou acidentalmente no setor de Reencarnação e foi enviada de volta para o mundo dos vivos. Essa alma perdida reencarnou em uma criança saudável e se desenvolveu como um ser humano confuso. Totalmente de contra a sociedade que o cercava.

O mundo estava indo bem com a gestão imposta pela ganância e intolerância. Os líderes do mundo moderno estavam cumprindo seus objetivos de implantar o medo e ignorância nos cidadãos. E estavam fazendo um trabalho

exemplar. Porém a alma perdida, ao se tornar adulto racional, teve a indecência de repudiar a gestão vigente da sociedade, e passou a ter ideias próprias que iam contra a cultura pré-estabelecida pelos líderes mundiais. Começou então a divulgar pensamentos e sugerir mudanças nas leis que regiam a todos. Um absurdo completo!

Conforme o tempo passava, a Alma Perdida ganhava cada vez mais notoriedade entre os demais seres vivos, disseminando ideais já ultrapassados como: "harmonia", "igualdade" e "liberdade". Conceitos que muitos jovens desconheciam. O que a Alma Perdida não suspeitava era que a cada novo ideal plantado, um novo inimigo brotava.

De acordo com o Artigo 26º - *é permitido a venda ou troca de uma alma terceira sem a necessidade de consentimento do proprietário, desde que o interessado desencarne a alma do corpo físico de quem a possui.*

Para manter a ordem e o horror vigentes, viu-se a importância de silenciar a Alma Perdida. Felizmente os líderes mundiais tinham total informação sobre a troca de almas, então concretizaram adequadamente o pacto usando a Alma Perdida como principal objeto de negociação. Os benefícios solicitados seriam mais cem anos de poder sobre o povo e fortuna descomunal. Assim, um projetil bem aplicado logo acima da sobrancelha esquerda foi suficiente para enviar a Alma Perdida de volta ao Mercado de Almas. Sem registro adequado e confiável do que entra e saí do mercado, a alma foi novamente analisada e mais uma vez rejeitada. Finalmente descartada para o setor de Almas Perdidas.

Essa alma que tentou equivocadamente mudar o mundo foi depositada em seu merecido lugar e nunca mais tomou consciência novamente. Tal situação foi descoberta muito tempo depois quando verificaram que os números de reencarnações não estavam de acordo com a demanda; depois de intensa investigação foi constatado o erro. Contudo, no Mercado de Almas, nada foi divulgado referente essa falha de segurança, para que a reputação não fosse manchada. Devido ao profissionalismo dos responsáveis, o Mercado de Almas continuou em pleno funcionamento, assim pactos continuaram sendo feitos com a já conhecida credibilidade com seus clientes.

https://clubedeautores.com.br/books/search?utf8=%E2%9C%93&where=books&what=hitallo&sort=&topic_id=

Hudson Henrique

Curitiba/PR

404, encontrado

Fiquei olhando o céu, enquanto você no meu peito deitava.
Observando as poucas janelas ainda acesas daquelas casas.
Vizinhança pouco agitada, preparavam seus aposentos com calma,
pra poder deitar no travesseiro e não sentirem mais falta.

Poderia dizer que foi o melhor dia da minha vida.
Prédios rachavam, os lábios ainda se tocaram de uma forma intensa ao som de alguma música de piano.

Os corpos se rolavam pela sua sala, e depois para seu quarto.
Noite adentro eu senti que nada poderia me parar naquele momento,
só o tempo. O tempo sempre me pega de jeito, e me faz perceber como eu não tinha te encontrado antes.

Foi bom te ouvir falar, tocar os teus lábios naquela mesa de bar.
Cada sílaba que pronunciava eu ficava observando o contorno do teu riso,
as palavras saiam de forma tão calma.
Inevitavelmente... te abraçava

Meu deus, o teu sorriso. É por ele que não durmo mais,
e cada momento que passa sinto que estou mais perto de achar meu lugar.
O meu lugar, pra dizer que é aqui que eu quero ficar.

Sentir seu cabelo, e o teu abraço que me lembrava coisas boas, igual o cheiro da sua pele.
Não posso mais me enganar, preciso dar dois passos por vez,
já aprendi muito bem a perder e me perderem.
E te perder também seria o fim pra mim. O fim de algo que não começou.

Mas por mim já seria protagonista desse filme ainda nos créditos iniciais, começaria nesta cena e voltaria sempre atrás.

Rebobinando as lembranças pra te trazer no meu presente.
Poder de volta sentir o teu beijo, sentir o teu cheiro, a sua luz dentro do olhar.
Especialmente se você se lembrar do que falei pra te encantar.

Estava frio, mas eu te abraçava, e assim o vento cortava igual a uma lâmina de barbear.
A noite sangrava pela sombra dos arranha-céus.
Costurando as ruas desconhecidas e sem nome, procurava te conhecer um pouco mais.

Sabendo que eu deveria te cuidar agora,
que eu me provei diferente dos outros.
Entretanto ainda me engano, pensando que posso fazer você dizer tudo o que eu queria ouvir.
Tropeçando em caixas de cigarros vazias, ou que seja, teus lábios ainda tinham gosto de cerveja. Cada loja aberta que a gente passava, entrava, procurando algo pra poder fazer.
Escutavam nossas falas a quadras de distância.

Cada piada sem graça que te contava, mais você dava risada, não sabia mais onde esconder a cara que sem fôlego ficava.
De mãos dadas a gente andava.
Rumo que só você sabia, caminho que só você trilhava.
Mesmo um pouco longe de si, se lembrava: onde morava.

Eu vi as estrelas do seu teto, a lua caída sobre a luminária.
O céu está ruindo e caindo aos pedaços e eu só pensava em te olhar.
Foi bom te conhecer, foi bom falar com você.

Meu nome ficou na sua parede, estampado de giz em um quadrado, no canto.
Espero que fique também em seu coração marcado, igual uma cicatriz que o

tempo denominou como um sonho.
Ainda que tivesse garoa lá fora, eu preferia abrir essa gaiola,
e poder voar igual uma andorinha da sua tatuagem nas costas.

Não esqueças meu nome, quem eu sou, e o porquê estou aqui.
Só um novo começo pra iniciar todo esse calor, não me deixa cair.
Não queria demorar tanto tempo pra te falar isso.

Mas esse filme se repete, igual um vinil riscado.
Do qual a agulha fica pulando de forma ensurdecedora em minha mente, só eu fechar os olhos.
Basta eu fechar os malditos olhos e lembrar que você esteve tão perto assim, tão encostada, tão dentro de mim.

Enquanto os lábios se mexiam vagarosamente, o céu ia despencando devagar.
O vento entrava pela janela, anunciando que não somos impermeáveis ao que sentimos.

Tenho medo de te assustar, tenho medo de te afastar.
Não quero ser exagerado, mas eu nunca vi pessoa tão bela assim.
Por favor... não foge de mim.

Devia ter ficado, devia ter ficado mais tempo.
Estava tão longe de casa, algumas coisas e decisões precisam ser tomadas.

Fui embora, precisava.
Aquele elevador se fechando, e eu te perdendo de vista.

Você me lembrando: "me avise quando chegar",
mas eu já tinha chegado.

Sempre com o seu jeito, tão animada.

Nunca vou me esquecer daquele andar, nessa rua calma.

Só levantei e calcei meus sapatos.

E saí daquele quarto,

abri a porta

de

número

404.

https://hudsonoficial.com/

Idelma Bulhões

Jundiaí/SP

A Flor e o Beija Flor

A flor perguntou ao Beija-Flor:
— O que sentes ao me beijar?
Ele respondeu a lhe adejar:
— O teu perfume e tens o mel mais doce a me embriagar.
E a flor lhe respondeu:
— E se eu não tivesse perfume?
— E não tivesse o mel a lhe agradar?
E, assim, foi a resposta do Beija-Flor:
— Eu a beijaria encantado pela beleza de tuas cores, e a beijaria, tão somente em nome do amor.
E a flor fechou a corola perfumada
E dormiu, apaziguada.

https://www.facebook.com/biia.bulhoes/

Blog:

https://biabulhoes.com

Ilustração: Renato Martins Zacarias

Iris Franco
Diadema/SP

O sonho de Dédalo

As veleidades eram maiores do que o homem, ganhavam asas e saiam por aí, observando o mundo e rascunhando tudo no papel. Até o esboço tomar a forma de algo bonito de sentir.

Leonardo sabia manipular o sangue até o limite da fricção com as veias: desenhar. Naquele instante, no qual os ouvidos auscultavam por intermédio de um lápis o som do espírito demarcando o papel, tudo parava: nada mais tinha importância e o corpo transcendia a transcendência.

Na corda bamba da vida, aquele cujos pés são incisivos consegue o intento de alegrar o público. Sempre temos uma plateia para agradar em nossa jornada, portanto, ninguém pode julgar as atitudes de Leonardo, o qual, apesar dos pesares expostos, fez Direito para agradar a família.

Direito sim, porque dá dinheiro. O único e simples motivo. Por asteísmo cósmico, o papel que outrora trouxe tanta alegria, agora era uma lâmina assassina da imaginação. Internamente, a sina de Leonardo era representada pelo quadro *Guernica*: gritos ecoando em preto e branco.

Acordava todo dia às 05:00, bebia o café (sem escovar os dentes porque se não, a comida fica com gosto de pasta), tomava banho (e escovava os dentes no chuveiro para economizar água), vestia um terno bonito e alinhado, subia no ônibus, depois metrô, pegava o cartão da empresa, girava a catraca, entrava no elevador, dava um bom dia (que não daria para a maioria das pessoas de lá), sentava no cubículo dele (às vezes nem almoçava, por causa dos prazos), ficava umas dez horas no serviço (com uma esticada de perna para fazer as necessidades naturais conjuntamente com aquele velho assédio moral entre uma petição e outra) e mais tarde fazia todo o caminho inverso.

Todo dia, a mesma coisa. A coisa mesma, todo dia.

Era o rei de um castelo construído por pilhas e mais pilhas de processos envoltos por uma linguagem irritante de um latim que todo mundo fingia entender. Em vez de vinho a fortaleza servia café, o qual o único intuito era

arranhar a língua ao ponto de não sentir mais a existência da mesma na boca (talvez para os funcionários falarem menos e produzirem mais), tudo isso regado ao mais finíssimo ritmo misantrópico dos teclados uníssonos.

Até que um som rompe a rotina:

— CHEGA! — diz Leonardo batendo na mesa e afrouxando a gravata.

Um monte de zumbis despertaram do sono profundo das tumbas com olhos arregalados e arriscaram, pela primeira vez, a olhar para o mundo além do próprio cubículo.

Leonardo corre em direção à janela e estilhaços de vidro disparam no ar. O prelúdio da liberdade pinga no tapete cinza amorfo, um vivaz carmim. Asas rompem das escápulas e ele começa a plainar do ar, tal qual um piloto experiente, conversou com o Cristo Redentor e tocou com o indicador no cume da Torre Eiffel.

Chegou perto do sol e foi além da beira do universo; todos os outros, voltaram para os respectivos túmulos.

Isabel C S Vargas

Pelotas/RS

Criando fantasmas

O mundo de hoje é muito diferente de anos atrás, quando a internet ainda não havia surgido, conectando pessoas de todas as partes do planeta. Em compensação, quanto mais se conecta ao que está distante, mais se afasta dos que estão próximos.
O homem é um ser social, predisposto a viver em grupo. Para isso é necessário diálogo, concessões para poder chegar a um ponto de equilíbrio e viver em harmonia.
Essas coisas demandam predisposição interna a vencer medos e barreiras.
O homem tem que se mostrar por inteiro, de peito aberto, com seus erros e acertos, qualidades e defeitos. Correr riscos de ser aceito ou rejeitado. Isso dá medo. Então, ele cria subterfúgios.
A proximidade mostra ambos os lados.
A internet, apesar de todos os benefícios no campo tecnológico, humano, social, comercial, industrial, médico, dá margem à que a pessoa se esconda.

Existe uma dualidade. Ela mostra só o que deseja que apareça. Na internet todos podem ser belos, sem defeitos, sem rugas, parecer mais novo, criando uma armadilha para o interlocutor.
Quanto mais vida na internet, menos vida olho a olho, real. Muitas vezes a pessoa nem existe como se mostra.
As pessoas vivem prisioneiras delas mesmas ou de um embuste Criam fantasias e se perdem nelas.
Vivem só na tela e não na vida real.
Deixam os afetos, os sentimentos escorrerem pelos dedos que vivem à procura das teclas para criarem um universo imaginário.
Isso é fruto de insegurança, medo , e ao invés de enfrentá-los os tornam maiores por alimentá-los.
Agem como insensatos. Como crianças que fazem travessuras sem conseguir saber o porquê de fazerem.
Só que a idade já não corresponde, Adultos tem que enfrentar a realidade e suas consequências.
Fantasmas não existem. E se alguém os cria, cabe a si mesmo desmistificá-los.

Ítalo Dantas

Caicó/RN

Eu Esqueci

Era tão estranho estar voltando para casa nesse momento. Era definitivamente uma das sensações mais esquisitas em que seu corpo fora posto a sentir. Uma parte de si se sentia incrivelmente conectado com aquele lugar, na realidade sentia como se fosse uma parte que estava faltando de si, como um pedaço do seu corpo que tinha sido roubado. E era ali que estava enterrado. *Talvez estivesse,* pensou.

E não era um bom sentimento. Tocou sua barriga, sentindo-a mover, seu coração parecia um pedaço de gelo e sua cabeça doía. A coisa mais esquisita de toda aquela situação era que a casa não tinha nada demais fisicamente, era uma simples casa moderna com um portão branco enorme contrastando com o verde saturado das paredes, uma cerca elétrica percorria todo o muro e na área era possível ver os móveis dos seus pais.

Estava em casa novamente. A sensação de pertencimento era inegável. Suas pernas moveram sozinha, caminhando para o lado direito da casa, onde ficava a porta de entrada principal, sua mão soltou a alça da mala que carregava e ergueu-se pressionando o botão da campainha, seu coração disparou, ouvindo aos poucos o crescente barulho que percorria toda a residência. Enquanto esperava a porta ser aberta, virou de costas e semicerrou os olhos contemplando o ambiente que vivera há alguns anos.

Nilo suspirou. Sua ansiedade começava a formar uma bola na sua barriga ao mesmo tempo que sua mente viajava tornando aquele momento de segundos em horas. Tinha voltado finalmente naquela cidade depois de alguns anos fora fazendo seu mestrado. Tinha voltado em julho, quando acontecia uma festa local muito famosa na cidade, bem valorizada pelos habitantes.

Nilo era um escritor em ascensão. Seus livros não eram os melhores, reconhecia, mas sua escrita era bem elogiada pelas pessoas, desde quando conseguia se lembrar tinha o costume de escrever e através do incrível apoio do seus maravilhosos pais, tinha crescido e conseguido se tornar o que sempre quisera ser. Nem todo mundo tinha aquela sorte.

Virou-se de volta no momento que o chato barulho de abrir o portão tocou seus ouvidos, sua mãe sorriu mirando-lhe de cima a baixa e sabia que ela estava vendo o quão magro o menino estava. Abraçou-se com a mulher e ambos

entraram, encaram o gato preto da família correr porta afora. Ao cruzar a porta, era como se uma saraivada de lembranças atingisse seu peito, fazendo-lhe estancar por segundos, fechar os olhos e se recompor para sua mãe não notar e criar um estardalhaço em cima daquilo.

O menino não tinha uma memória de verdade, à medida que o tempo avançava era como se tivesse gradualmente passando a esquecer mais e mais coisas, confundia números, esquecia uma coisa que alguém acabara de lhe falar e seu maior ódio era quando trocava os objetos de lugares, guardando o celular na geladeira e teclando um copo de leite. Todo mundo pode dizer que seria normal esquecer daquela forma quiçá uma atenção maior às situações seria o remédio perfeito para se livrar daquilo. Mas sabia que não. Definitivamente tinha algo a mais naquilo tudo. Ninguém se esquecia de toda uma parte da sua vida do dia pra noite. Sua barriga doeu novamente, sentindo uma pontada no coração e levando sua mão automaticamente até lá.

Sua mãe o dirigiu para o seu quarto, um meio-sorriso brotou estampando seu rosto enquanto seria seus olhos lacrimejarem. Estava terrivelmente emocional naquele dia e não entendia o porquê. Parado na porta, seus olhos percorreram o guarda-roupa preto colocado no canto direito, contrapondo-se a sua cama com lençol vermelho, seu quarto estava completamente arrumando.

Era noite quando deitou em sua cama caindo com a cabeça no travesseiro, suspirando e encarando o teto. Queria conseguir lembrar de tudo que viveu dentro daquele quarto, e queria que aquelas lembranças não fosse nada demais, seria mais reconfortante e simples de aguentar tudo. Fechou os olhos e, como em questão de segundos, tudo desapareceu e estava finalmente dormindo.

O gélido toque de metal rasgou por completo seu peito, aquelas espécies de garras arrancaram delicadamente cada órgão da sua barriga, passando-os entre seus dedos de metal, como se tivesse brincando e se divertindo com aquilo. Sua visão era turva, seus olhos faziam uma força gigantesca para ficar encarando aquilo que jazia acocado sobre si.

Conseguia enxergar os ossos proeminentes em seu quadril, suas costelas saltavam do peito e era impossível não enxergar os músculos do seu corpo. Os olhos de Nilo encararam profundamente os dois poços luminosos e infinitos que brilhavam onde deveriam estar seus olhos. A criatura continuava a brincar com seus olhos, passando suas garras de metal, agora ensanguentadas, pelo seu rosto, deixando-lhe marcado com uma trilha de sangue que seguia da sua testa ao seu maxilar.

Não era uma paralisia do sono, conseguia discernir por completo. Era totalmente diferente de tudo que já sentira, não aguentava mais. Precisava acordar. Pulou para fora do sonho tão rápido quanto entrara, mas tinha voltado

complemente diferente. Uma estranha sensação de déjà vu grudou em seu cérebro, tinha certeza que já tinha vivido aquilo.

Ergueu-se da cama com rapidez, ficando de pé, esfregando seu rosto e encarando a madrugada através da janela aberta. Não conseguia mais aguentar, precisava entender o que tinha sonhado, sentia ímpeto de correlacionar aquilo com sua perda de memória, sabia que tinham relação.

Jogou-se contra o guarda-roupa, as veias da sua testa saltando enquanto suas mãos cavavam tirando tudo que tinha no objeto. Ao tirar todos os livros que estavam amontados, encontrou uma espécie de envelope, amarelado, contudo um volume o adornava. Nilo abriu furiosamente o pacote, encontrando-se diante de um livro.

Os quatro cantos eram adornados por metal, ao tocá-los, sentiu a gelada sensação. *A mesma das garras da criatura rasgando sua pele.* Passou suas mãos pelo livro, a capa tinha uma cor esquisita, coisas parecidas com veias faziam volume. *A pele da criatura*. E um círculo de luz enfeitava o centro. *Seus olhos.* A porta explodiu com um grito desesperador de uma mulher.

e então...

...

Quem sou eu?

Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa

Capanema/PA

Garças

O amor nasceu no dia em que
as garças embranqueceram
o céu.
Penas brancas em uma
rajada de luz.

O amor desenhou muros nas
janelas escancaradas para o
rio.
Sombras tristes nas
paredes nuas.

O amor cantou uma canção
de despertar soluços na
boca do violão azul.
Um desafino frio em
cordas dormentes.

O amor partiu no instante
em que o sol iniciou o
mergulho final.
Um voo que acendeu
as velas da solidão.

https://www.facebook.com/ivanildo.pessoa

Ivo Aparecido Franco

São Bernardo do Campo/SP

Beija-flor

Perco-me na busca incessante
pelo néctar melífluo do gineceu
Perco-me na alquimia sutil de tua seiva
Que escorreu para dentro de ti
Do fluído brilhante d´alguma estrela

Busco pela tua alquimia simples
Que transformou em doce
Todos os raios de sol

Mas é durante a noite
Que tuas pétalas vermelhas, bem vermelhas
Rendem-se, úmidas, à sutileza translúcida
do orvalho

Nessa hora te convido para um voo
Não, não me importa em nada que estejas imóvel
Só porque hoje, não haverá limite
físico ou espiritual para nosso espaço-tempo

Durante o voo
Agitam-se, cálidas, pequenas e grandes
pétalas
Fractais misteriosos, irradiam rubor para
todos os meus sentidos

Assim, de uma hora para outra
Já não te encontrei mais rosa
A cada segundo, nunca a mesma rosa
Mas agora, a rosa nuclear
Rosa atômica

Por fim, ouvimos apenas
A tua explosão
A minha explosão

J.F.Torres
Bofete/SP

"O gado do meu pai!"

Personagem no. 1: O Padre Sertanejo
Personagem no. 2: "Joãozinho, filho do fazendeiro!"

Em alguns recantos longínquos do antigo sertão, era muito comum, os verdadeiros "missionários', envergando suas batinas pretas, atravessarem grandes distância, levando a paz e a consolação aos mais necessitados. Isso, encaravam mesmo como missão de ofício. Luiz Gonzaga, cantou-os em algumas de suas lindas melodias!

Encaravam Sol, suportavam chuva, vento, cara boa, cara feia, sem desanimar e sem titubear, tudo em nome do bem e em cumprimento de uma sagrada missão e obviamente, eram afrontados pelas situações, mais inusitadas possível. Para testar sua paciência e sua fé!

Com o padre (padre Bento, era seu nome) não fora diferente, porque os padres no sertão, eram respeitados como verdadeiros representantes divinos na Terra e gozavam de toda boa vontade da comunidade por onde passavam. Um cafezinho aqui, um almoço ali, uma janta acolá, etc.

Ora, era temporada de chuva, coisa bastante rara por aquelas paragens, o que não é e nem era novidade para ninguém, porém, naquele inverno em particular, chovera bastante!

Meses antes o padre Bento, tinha passado por aquele mesmo local, estava tudo seco, razão pela qual, não conseguia reconhecer a sua trajetória feita anteriormente, devido ao crescimento das plantas, das árvores também!

O rio, então, não conseguia recordar mesmo. Para sua salvação, ali sentado observando, havia um moleque aparentando se muito, 12 anos de idade, assoviando e brincando com um galho!

O padre, pensou consigo mesmo: "Graças!"

Foi o padre Bento que interpelou: " – Oh menino!"

O garoto respondeu: "– diga lá seu padre!"

"Me responda". Disse o padre:

"Esse rio é fundo?!"

O menino, sem mudar qualquer expressão facial, respondeu: "- Fundo?!"

E continuou: "- seu padre, o gado do meu pai, atravessa com água 'pelos peitos!"

O padre, aliás, o pobre padre, fez o sinal da cruz!

E: "obrigado, meu filho!"

"De nada seu padre!"

Em seguida foi lá o padre Bento seguir seu caminho. Aproximou-se do rio, pegou nas pontas da batina colocou o primeiro pé na água, quando deu o segundo, abruptamente afundou até o pescoço. Felizmente, tempo suficiente de ainda conseguir retroceder e dar um passo para trás, demonstrando uma agilidade incomum para um homem de sua idade. A necessidade? Talvez!

Esbaforido, molhado, saiu da água e foi em direção ao moleque atrevido e foi advertindo:

– "Moleque, você não falou que o gado do seu pai, atravessa esse rio com água pelos peitos, oh bendito?!"

O moleque, respondeu: "- mas, é verdade, seu padre e tô tomando conta deles ali oh! São aqueles patos que a gente chama de gado!"

O padre saiu amaldiçoando, andando pelas margens do rio para ver se mais abaixo, conseguiria encontrar alguma ponte, para poder seguir viagem!

Jane Barros

Maceió/AL

Rabiscos de poesia

Quando vem o pensamento
Eu tenho que pautar
Palavras tão distintas
Para um dia poetizar

Consigo colocar em linhas
Os traçados rabiscar
Unindo as palavrinhas
Que preciso acentuar

Talvez o poeta possa explicar
Como nasce a poesia
Os contos ditos no expressar
Rimando e cada linha tracejar

Escrevendo em qualquer lugar
Momentos para recitar
Quem sabe um dia cantar
Inspirações durante o despertar

https://www.facebook.com/janebarros

janebarros.biblioteca

@janysbarros1

Jeremias Comaru

Fortaleza/CE

Eu não matei Matheus

Como escritor, sou um pouco exigente. Gosto de conhecer, pessoalmente, as personagens principais, sobretudo porque sempre as imagino mulheres lindas, carinhosas e quentes.

Porém, levado por certa embriaguez literária, quase cometi um deslize irreparável! Raphaela, às vésperas de seu casamento com o tal do Matheus, sofreria um grande revés. Eu até tinha me afeiçoado ao rapaz, mas resolvi matar aquele inútil, que enfadava o leitor. Antevi que a trama precisava de uma sacudida, pois ninguém suportava o almofadinha, perfeitinho e hipócrita que criei.

Foi de um capítulo para o outro que resolvi criar uma situação extrema que o levaria a óbito rapidamente. Matheus, coitado, chegou até a assinar seu testamento vital, ciente que as máquinas seriam desligadas quando já não houvesse qualquer chance de sobrevivência. A ortotanásia, explico aos leitores, diferentemente da eutanásia, não é uma espécie de suicídio legalizado, mas sim uma autorização para que deixem morrer quem estiver desenganado, irrecuperável. E isso foi explicado ao Matheus , que tremeu, mas assinou. Pobre escravo da literatura. Não lhe dei chance. Assinou.

Raphaela, que recebeu a ligação do hospital após a assinatura da "sentença de morte" do noivo, correu para despedida a la mexicana. Pensei no tipo de narrador que me tornei. Quase voltei atrás. Mas tenho palavra. Matheus precisava morrer.

Como escritor, também fico um pouco apegado às personagens, sobretudo mulheres lindas como Raphaela. Confesso que fiquei com o coração partido ao vê-la chorar. A escrita não pode ser tão próxima ao escritor. Isso pode ser perigoso. Dramático. Confundir ficção com realidade costuma produzir certa loucura. Então, não aconselho. Existem alguns gênios que conseguem ir e voltar por esse caminho. Eu, no entanto, prefiro não arriscar.

Com isso, caro leitor, armei uma saída estratégica para a situação. Raphaela chegou ao hospital e derramou um rio de lágrimas como um bálsamo curador sobre o noivo moribundo. Nem precisava, não é? Mas, não foi isso que o salvou. As máquinas desligaram por falta de energia. Não valeu. Parei. Fiquei chateado e desliguei o computador, após salvar o texto. Com isso salvaram-se dois: o texto e Matheus. Fiquei aliviado até começar a ouvir vozes do além:

- Vai dormir, Matheus – reclamou Raphaela na escuridão - Agora que faltou luz, vê se lembra que tem mulher.

jeremiascomaru@gmail.com

Joaquim Bispo

Odivelas, Portugal

Um enterro em Ornans

O séquito aproximava-se do cemitério encabeçado por duas filas de homens. Enquadravam a carreta, precedida por um sacristão que segurava a longa haste de uma cruz processional. Logo atrás, em passo arrastado, seguia o padre, envolvido pelos restantes sacristães em suas opas brancas. A fechar o cortejo, a massa escura das mulheres. Do ruído surdo de tantos passos e de um leve gemido dos rodados, sobressaía o toque de finados na torre da aldeia, que ficara para trás. Vistos de fora, parecia que caminhavam há horas, mas sem saírem do mesmo sítio. Esse arrastamento do tempo causava um certo desconforto num insuspeito espectador. Apetecia que terminassem logo aquilo a que se propunham: enterrar a Dona Clarisse de oitenta e dois anos.

Finalmente, chegaram aos portões do cemitério. Os portadores retiraram o caixão e começaram a transportá-lo, com a ajuda de faixas de pano que fizeram passar por baixo do féretro e que seguravam sobre os próprios ombros. Agora, o grupo deslocava-se por entre algumas poucas sepulturas em direção a um monte de terra escavada de fresco, onde se encontrava o coveiro em atitude expectante, acompanhado do seu cão. Aí chegados, puderam perceber o vazio da cova, que seria a última morada da defunta. O oficiante aproximou-se, fez uma pausa, a dar tempo aos acompanhantes de se arrumarem em volta da tumba, e começou a ler os trechos litúrgicos adequados ao ato fúnebre.

Então, ouviu-se um longo gemido abafado. O padre parou a leitura, os sacristães entreolharam-se, os portadores que tinham pousado a carga esboçaram um trejeito de desagrado, enquanto os restantes presentes olhavam para o ataúde sem mostrar o mínimo movimento de surpresa. A um gesto do padre, os dois funcionários laicos da igreja levantaram a tampa do caixão e um deles perguntou, impaciente:

— O que foi, agora?

Vista de fora, a situação suscitava grande perplexidade. Estendida no seu leito de morte, Dona Clarisse, de olhos fechados e tez lívida, respondeu num longo e lúgubre lamento:

— Eu não quero ser enterrada neste cemitério. Quero ficar em Ornans ao pé dos meus pais, do meu filho Jean, e das minhas amigas. Neste meio do nada, não conheço ninguém.

Ouvido isto, todo o grupo de cerca de cinquenta pessoas começou a murmurar e a abanar a cabeça, reprovando a atitude da defunta.

— Já lhe dissemos que não pode ser — respondeu o mais alto, que era cordoeiro, imponente na sua vestimenta carmesim. — O cemitério velho esgotou a capacidade com os mortos de há dois anos. Não cabe lá mais ninguém. Tem de ficar neste novo.

— Não quero saber — insistia a morta —, onde cabem cem cabem duzentos. Metam-me numa sepultura antiga, onde já só haja ossos.

— Não há! — irritava-se agora o outro oficial. — A revolução de 1848 aumentou tragicamente o fluxo normal de mortos. Todas as campas possíveis foram utilizadas. E esses mortos ainda não estão em condições de levantar.

— Sei bem o que fizeste, safado! — contra-atacava a falecida. — Deixaste sepultar lá gente de outras terras, a troco de uns quantos "napoleões".

— Estou farto disto! — esbravejou o visado. — Ou que estamos a guardar as campas para os amigos, ou que só as damos a quem paga bem; agora são os mortos de outras terras. Eu vou-me embora.

E, dito isto, retirou-se em grandes passadas. Pouco depois, era a vez do segundo oficial abandonar o cemitério, após Dona Clarisse sugerir que ele exercia estas funções por favorecimento do padre. Este dirigiu-se então à finada com palavras que denunciavam já uma irritação mais própria de um homem dominado pelas emoções primárias do ser humano do que pela sábia serenidade de um intermediário do sagrado.

— Ó, Dona Clarisse, eu não lhe admito isso! A senhora não pense que pode dizer o que lhe apetece, só porque está morta. Vamos lá esclarecer uma coisa: nós não vamos ficar aqui a tarde toda a discutir os pequenos caprichos da senhora. Daqui a pouco é noite e, se não se decide depressa, fica aqui mesmo, tal e qual, de tampa aberta. Pode ser que os lobos cá venham fazer-lhe companhia... Agora, escolha!

— Você não pense que me assusta, com esse palavreado, seu badameco, que eu de si não tenho medo! — redarguiu Dona Clarisse, de voz alterada. — Você é que tem com que se preocupar, se não me levar já para o cemitério velho. Ou pensa que eu não sei as propostas que fez à minha sobrinha mais nova? Agora é que o povo todo vai ficar a saber a quem se tem andado a confessar!

Estas palavras foram de mais para o pároco de Ornans. As suas mãos largaram o breviário e lançaram-se ao pescoço de Dona Clarisse, numa tentativa vã de estrangular uma morta. O gesto tresloucado foi rapidamente travado por alguns dos presentes, nomeadamente o regedor de Ornans e dois assumidos

partidários da I República, o que não impediu que a touca negra da defunta, na confusão, lhe fosse arrancada da cabeça.

Vista de fora, a cena era deveras confrangedora. Qualquer cidadão normal se sentiria angustiado com o desrespeito pelos mortos manifestado por aquela assembleia, e pelo comportamento inesperado e impertinente de um deles.

Terá sido esse desaforo social que fez Gustave Courbet acordar em sobressalto. Envolto pelo escuro do seu quarto de Ornans, mantinha vívidas na retina as imagens violentas a que acabara de assistir. Temeu pela sua obra mais recente — aquela que lhe tinha levado três meses a realizar em condições difíceis. Pintara cinquenta pessoas da aldeia, uma a uma, no espaço esconso do sótão, numa enorme tela de três por mais de seis metros, como memória do funeral da sua velha tia Clarisse.

Em grande agitação, acendeu uma lanterna e subiu ao sótão. Os cinquenta aldeãos aguardavam-no, solenes e calmos, no seu ritual fúnebre: os portadores, segurando o caixão, os sacristães, os funcionários laicos, o padre, o coveiro, os vários homens de aspeto grave, o grande grupo das mulheres de escuro e coifas brancas. Tudo estava no seu lugar, como seria de esperar no mundo real. Mesmo o cão do coveiro mantinha um ar curioso por tão grande ajuntamento. Eram assim os enterros em Ornans. Afinal, fora apenas um sonho, bizarro como todos os sonhos.

Deixou-se envolver por uma reconfortante sensação de alívio. A inquietação de há pouco deu lugar a um consolador relaxamento. Então, reparou no padre: a sua mão direita agarrava ainda a touca amarfanhada da velha tia Clarisse…

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/

Joaquim da Conceição Barão Rato
Beja – Portugal

Vadiagem

Deixei de ver o sol, andou fugido,
Andou sabe-se lá por que paragem,
Mas hoje pôs um termo na viagem
E regressou cedinho, arrependido.

Ralhei-lhe, pois então, cenho franzido,
E disse-lhe das boas, com coragem:
- Tu achas que esta vida é vadiagem?
Deixas-me aqui tristonho e aturdido?

Porém o sol é sábio, ri de tudo,
Faz-nos carícias, tem mãos de veludo,
Diz-nos que a vida em terra tem um preço:

- Não podes ter-me sempre, morrerias,
Reparto com a chuva alguns dos dias,
É por te amar que, assim, desapareço.

Joathã Andrade

Massapê/CE

Um longo caminho

A estrada é longa,
Pista sem sinalização,
Não tenho para onde voltar,
Apenas marcas no corpo,
Ouvindo uma velha música,
Não tenho lugar,
Meu coração se tornou frio,
Não culpo ninguém,
Nem pretendo,
Os dias não são tão firmes quanto antes,
Meu velho carro ronca com o motor sem óleo,
Minhas lembranças voam junto com as aves,
Uma velha guitarra no banco traseiro,
Notas solitárias em minha mente,
Perdidas além do tempo,
Além das eras,
Como lágrimas numa chuva,
Esquecidas para sempre,
Fecho meus olhos e piso no acelerador,
Não escuto mais nada, não sinto mais nada,
Apenas vazio.....

Joedyr Bellas

São Gonçalo/RJ

"Ai de mim Copacabana"

O velho sentado no banco de cimento.

Olha para o oco do seu coração e vê o nada em todas as possibilidades de ser nada.

O vazio.

O caos.

Do caos o mundo vai se formando. Um mundo novo, que ele deixou de conhecer há muito tempo. Do tempo que ele caminhava nas areias de Copacabana apenas fragmentos. A galeria Alasca. Suas meninas travestidas de meninos, seus meninos travestidos de meninas. Tudo lhe era muito estranho sendo carregado pelas mãos da mãe. Me solta. Talvez falasse ele em um desejo infantil, quase desespero de criança querendo entender aqueles arranha-céus, aquele comércio escuso, os sexos se misturando aos grãos brancos e granulados de Babilônia à espera do Nabucodonosor, de um Nabuco qualquer, que os pivetes carregavam um trabuco por dentro da sunga pronto para atirar. A fome dos pivetes. Copacabana em mil fragmentos, em pedaços estilhaçados numa memória que já não consegue caminhar longe com tanta nitidez, mas vai caminhando, e percebe que Roma acabou em chamas na mão de um maluco. Os Neros, nos doidos carnavais, nos doidos de hospício do asfalto fervente, o Pinel abrindo suas portas e o desfile sempre começava no Leblom ou Ipanema, com suas bandas ensandecidas. Tamancos, loucos tamancos, anões desesperados, mambembes desfiles de artistas incompreendidos, não conhecidos, não estampados nos cartazes de néons, não era o tempo do néon, do brilho nos letreiros de lojas querendo tudo vender. Vendia-se até amor. Ali o velho pensara que comprara a felicidade em casamentos fugazes, passageiros, nada de eterno, nada de eternidade, era tudo ilusão, tudo ilusório, até as calças de outros velhos presas pelos seus suspensórios lhe passavam algo de falso, de mentiroso. Nada era eterno em Copacabana, nem em Icaraí, no Leblon começava o estardalhaço, o zum-zum-zum. Um mergulho nas águas límpidas de Copacabana, vendo os piratas navegando seus navios, suas galeras, seus iates, suas canoas. Os baús e

os cofres. O tesouro escondido no fundo do mar. Logo ali onde ele nadava por trás da arrebentação para ver o Cristo Redentor, talvez aguardasse pela redenção. Não sabia nada direito, não sabia de nada. Os prédios altos embarreirando as ondas em ressaca, os prédios altos vomitando gente e restos de comida para que restos de pessoas catassem lá embaixo nas calçadas e nos calçadões um bocado de feijão com arroz. Oh, meu Deus, por que tanto asfalto, por que tanta prepotência. As mulheres passeavam com seus chapéus e seus vestidos rodados, as moças agora passando em frente ao velho nem lhe dizem oi, nem lhe fazem um aceno, nem sabem que dali, daquele banco de cimento, ele já pulou do velho trampolim do Palace onde a corte desfilava com suas coroas e na rua de Copacabana os reis sem cetro e sem trono, as rainhas sem tiaras de ouro com seus dentes cariados, os condes, as armas e os varões assinalados, estendiam a mão por uma migalha, vendendo suas bugigangas, suas tralhas, seus uísques falsificados, seus amores, seus baseados surrados, suas histórias mentirosas, mas fáceis de acreditar. Sempre fora fácil, tudo era fácil. As gaivotas planando sob o sol escaldante, os morros cinzas e os telhados de zinco, as janelas escancaradas nos palacetes rasteiros ou nas casas de tabique dentro dos casarões decadentes, cinemas com seus filmes estrangeiros ditando modas estranhas e como era estranho ser pequeno em Copacabana, onde tudo era gigante e desproporcional. Seus violões, suas músicas, suas musas, seus discos voadores, e o velho sentado no banco de cimento.

As moças passando.

Os rapazes passando.

E a vida lá atrás

Passando...

Jorge Claudio Ribeiro
São Paulo/SP

Nem um zumbido

Bem antes de ele nascer, a tragédia já se abatera sobre o mundo. Paulatinamente, densa névoa – fedida e grudenta – cobriu a Terra, matando algumas operárias, rainhas e zangões em algumas localidades; a seguir, morreram várias colmeias em várias localidades; depois, muitas colmeias em muitas localidades; enfim, todas as colmeias em todo o planeta. Milhares, milhões, bilhões, trilhões. Acabou. Sem ter quem as penetrasse, as plantas não produziram flores, frutos ou sementes – secaram todas. Aos magotes, os animais, incluindo a quase totalidade dos humanos, morreram de fome e doença. Isso está registrado em pinturas inacabadas nas paredes das ruínas.

Ele não presenciou esse apocalipse e, portanto, o ambiente em que vive lhe parece natural. Ultimamente passou a perambular sozinho pelo deserto silencioso. As palavras voaram de vez, depois que Mãe se calou; Pai já desaparecera – esses eram os nomes que os dois davam um ao outro e que ele aprendera a lhes atribuir. Ambos o chamavam de "Ocê".

Agora Ocê garante sua sobrevivência com auxílio de duas ferramentas, que carrega num embornal. Com a primeira, pontiaguda, abre caixas de metal de onde extrai alimentos. A outra ferramenta, que se encontra em toda parte, é um pequeno cilindro transparente. Dentro dele há um líquido, na ponta, uma rodinha de metal: ao girá-la com o polegar, surge uma chama.

Seu sexo. Parecido com o de Pai, diferente do de Mãe, dava para ver. Com frequência, os dois tiravam a tanga, se abraçavam, gemiam. Desde menino, Ocê acompanhava Pai nas excursões, que ele chamava de "caçadas". Traziam latas que Mãe abria. Nos acampamentos, eles atiravam num grande buraco aberto no chão os recipientes usados, os alimentos ruins de comer, as garrafas d'água vazias e os dejetos de cada um. Cobriam aquilo com areia para o mau cheiro não ficar insuportável e não atrair os únicos bichos que sobreviveram: as baratas. Às

vezes, elas apareciam aos borbotões e até os atacavam. Certo dia, Mãe e Ocê tocaram fogo naquilo tudo e a fumaça subiu bem alto. Pai partira em caçada, decerto seria atraído pela luz e em breve estaria de volta.

Mas Pai não chegava, não chegava. Depois de esperar por vários dias, Mãe e Ocê saíram para longe. Choravam. Ele seguia à frente, arrastando uma placa de metal em que amarrou suprimentos e a tenda.

Depois de andar bastante, montaram acampamento. Numa tarde, Mãe deu de cantarolar. Derramou água numa vasilha, elevou-a na direção do Sol e pousou-a no chão. Ao anoitecer, mostrou-a para a Lua. A seguir, à luz da fogueira, ela despiu a própria tanga e fez sinal para Ocê fazer o mesmo. Sorrindo, mergulhou um trapo na água, lavou a pele dele. De novo molhou o trapo e o entregou ao jovem, conduzindo a mão dele por seu corpo. Livres da poeira, exalavam agradável perfume. De repente, com rápido movimento das pernas, Mãe exibiu para ele as partes que só mostrava para Pai. Apalparam-se, esfregaram-se. Ocê entrou no lugar de onde todos vêm. A seiva jovem encharcou o corpo de Mãe, durante dias e noites.

A luz da Lua Cheia banha o ventre de Mãe. Está crescendo. Agora, ao se dirigirem um ao outro, usam a mesma palavra: “Amor”.

Certa noite, sobrevém gigantesca tempestade de areia. Trovões, escuridão total, raios demolem prédios próximos. Protegidos na tenda, Ocê e Mãe se abraçam. Um raio cai ao lado da barraca. Mãe se assusta e entra em trabalho de parto. As dores vão e voltam, sem resultado. Ao amanhecer, Mãe se acalma. Ocê alisa a barriga volumosa dela, está dura como parede. De repente, ela fica imóvel, parou de respirar. “Amor, Amor!”, grita Ocê, entorpecido. Horas depois, abre uma cova no chão, nela deposita aquele corpo querido, com a criança dentro, cobrindo-o com areia.

Após caminhar sem rumo durante várias luas, chega a uma colina arredondada. Já é tarde, amanhã, subirá nela. Adormece. É visitado por Mãe, com seu sorriso severo, seus peitos, o gosto dos sucos dela, os beijos e sussurros dos dois. “Amor”, ela o chama. Ocê acorda, sorri. Está lambuzado. “Amor”, ele sussurra, chama e corre em volta. Ninguém.

Ocê começa a escalar o monte. Só na hora do crepúsculo chega ao cume. Acima, grupos de estrelas têm formato parecido com a trilha úmida que Amor lhe mostrava. Amanhece, Ocê circula pelo topo do morro. Lá embaixo, a sua frente, estende-se uma fenda no chão, profunda e alongada. Desce a encosta rapidamente. Caminha por uma margem da fenda, passa as mãos por plantas desconhecidas que sobem do fundo. No final do dia, exausto, adormece. Ao acordar, contempla a fenda inteira e a colina arredondada, adiante, que lhe lembram o corpo de Amor. Suspira. Olhos e rosto úmidos. Dói demais. Ocê toma distância e se atira no precipício.

Os arbustos e árvores da encosta amortecem sua queda e o depositam gentilmente no solo do fundo. Os cabelos e pelos de Ocê ficaram cobertos de sementes. Numa cacimba entre as pedras, brinca na água fresca e a bebe até se fartar. Cheira as flores perfumadas que polvilham seu rosto e, sem perceber, ele deposita o pólen em outras flores. Seus passos despertam insetos adormecidos nas entranhas da terra. Em breve o ar se enche de zumbidos. Passa o dia zanzando. Anoitece.

Ocê desperta cantarolando. Sensação de vitalidade, não tem mais desejo de morrer. Banha-se na cacimba. A seguir, sobe a encosta. Durante o trajeto, a vegetação acaricia seu corpo nu, assim como Amor fazia. Recorda-se dela, sorri. Lá em cima, Ocê olha a paisagem em torno. “Eu vou morar aqui”, fala alto. Enquanto dá gargalhadas e cambalhotas pelo deserto, as sementes se soltam de sua pele, penetram no chão e logo começam a germinar. Plantas brotarão.

Jorginho da Hora

Simões Filho/BA

METÁFORAS DO AMOR, com humor

Se queres prova de amor, disse ela,
faço um bolo de fubá em formato de lua,
igual a que nasce na tua janela

Que prova de amor é esta ? imaginar não consigo.
Ao invés do beijo, açúcar e manteiga,
ao invés da flor preferes farinha de trigo ?

Beijo com açúcar e manteiga é coisa perfeita,
também a troca da flor por farinha de trigo
sei que vai gostar depois de feita

"Em farinha de trigo deleito-me até ficar no ponto,
e pronto, já entendi a metáfora:
1 colher de fermento pra aumentar o clima.
E para não perder a rima,
3 colheres de côco ralado,
1 xícara de leite por cima"

José Renato Resende

Uberlândia/MG

As Coisas Lindas

Estava na biblioteca. Primeiro piso, embora a maioria dos meus amigos ache que é o segundo, pois o primeiro seria o térreo. Mas *térreo é térreo*, então eu realmente estava no primeiro piso. Uma guria se aproximou de mim, fez sinal de que queria falar, porque eu estava com fones no ouvido, escutando música clássica, Vivaldi ou Bach, como sempre, são meus preferidos. Era uma moça muito bonita. Eu a olhei, falei um "oi" meio desajeitado. Então ela perguntou se eu tinha um carregador de telefone que pudesse emprestar.

Fiz uma breve pausa, um tanto dramática, por um motivo bem simples. Eu sabia que não tinha nenhum carregador comigo, tinha deixado o meu em casa. Mas não queria que ela fosse embora. Pedi para esperar e revirei minha mochila, não como fingimento, mas para demonstrar boa vontade. E se ela pensasse que eu estava mentindo? Ninguém sai de casa sem carregador, é o fim do mundo.

Mas não tinha. Disse um "não" sem graça e ficou por isso mesmo. Ela agradeceu e foi embora.

Na verdade, acho que ela não queria carregador de celular. Queria – isso sim – puxar assunto. Bibliotecas conseguem ser uma ilha de conhecimento e de solidão, ao mesmo tempo.

Mas, de tão imerso que eu estava em meus estudos, deixei passar. Ela continuou sozinha e eu também.

*****

Eram umas seis horas da tarde e, como estávamos no outono, já começava a escurecer. Ela estava como uma enorme vontade de chorar, e não fazia ideia do porquê. Mais do que isso, estava com olhos de choro, inchados, como se deles tivesse jorrado um rio de lágrimas, ainda que não tivesse caído nenhuma.

Estava triste, mas não conseguia chorar e isso a deixava ainda pior.

Mais cedo, quase doze horas antes, acordou com o sol batendo no seu rosto depois de atravessar a veneziana quebrada da janela do seu quarto. Paciência, e ela tinha muito, pois se levantou sem reclamar e colocou música no telefone enquanto tomava banho. Projota ou Emicida, o que mais gostava de ouvir nessa vida.

Se vestiu, pegou os livros e foi esperar o ônibus para a universidade. O primeiro de três. Tinha que sair mais de hora antes, porque, além de longe, era manca. A perna esquerda encurtada, reminiscências de um acidente de carro quando era criança, sorte que estava viva.

Aquele dia de outono sem cor deixava tudo triste. E, mesmo que tentasse não ficar também – era grata por estar viva – certos dias ficavam insuportáveis. Pobre aleijada, que nunca teria uma vida normal, dessas de arranjar um namorado para ir ao cinema sábado à noite.

Enfiou os fones no ouvido e ficou ouvindo música no ônibus, durante a viagem que não chegava nunca. Quando a aula acabou, à tarde, foi para a biblioteca estudar e continuou ouvindo *rap* até acabar a bateria do telefone.

Olhou para o lado e para trás. Um moço sentado sozinho, com uma porção de livros na mesa. Não era muito bonito, mas tinha uma bondade cintilante nos olhos. Então foi até ele pedir um carregador de celular (coisa que ele não tinha) e aproveitar para puxar assunto, afinal, se sentia triste e sozinha aquele dia. Mas ele foi reticente. Ela sorriu e voltou para a mesa.

Se sentiu enormemente triste. Quem, um dia, vai querer uma moça que manca de uma perna.

*****

Quando eu vi, a guria bonita que (não) precisava de carregador estava chorando. Chorava em silêncio e discretamente, de uma forma que só se podia notar olhando bem o brilho bonito de uma lágrima escorrendo por sua face direita.

Eu tinha perdido a noção da hora, mas já estava escuro, a biblioteca não demoraria a fechar. Já estava bastante cansado de ler aqueles textos de utilidade duvidosa e, com sorte, poderia achar um café aberto, ali pertinho.

Me levantei e, com muito cuidado, fui até ela. Abaixei, me apoiando nos calcanhares, e, falando baixinho, perguntei:

- Licença, moça, mas você gostaria de tomar um café comigo ou algo assim?

Keila Camila da Silva

Jaú/SP

Flor e ser

Os olhos...
meus olhos distantes observavam o horizonte...
mas minha atenção voltava-se sempre somente a ti.
Era responsável pelo mais simples sentimento...
e enquanto podia acompanhar-te estava feliz.
Dediquei todo meu coração para cuidar-te.
Em dias ensolarados, estavas a crescer.
Na chuva, te vi florescer.
A simplicidade se assemelha ao desabrochar
de tua imagem de inocência e delicadeza.
És ti, apenas ti, flor do meu jardim.

Kelly Shimohiro (Irmãs de Palavra)

Uma história sobre girafas

Mais precisamente sobre o pescoço das girafas. Pescoços gigantes. Dois metros e meio só de pescoço, 270 quilos de puro pescoço, 20 anos de muito pescoço. 20 minutos apenas de sono diário. Na verdade, essa história não é sobre girafas nem sobre o pescoço delas. É sobre você e o seu pescoço. Ele é bem menor que o das girafas. Quase ínfimo se comparado. Esse pescocinho aí, pode até passar a mão, no final da vida – quando já se está velho, gasto e murcho – é mesmo um horror!

Humor é o que não falta à escritora, roteirista e diretora de cinema, Nora Ephron, no livro 'Meu pescoço é um horror' (2007). Pra começar: esquece essa conversinha fiada de que envelhecer é tudo de bom. É bom sim, mas nem tanto. Ou melhor, existem os percalços e você deve prestar MUITA atenção para não se afundar neles. Tudo bem, nós avançamos em qualidade e expectativa de vida. Estamos rodeados de uma geração de mulheres de cinquenta com rostinho de quarenta (cremes, protetor solar, botox, etc, etc e tal). Hoje, homens e mulheres de sessenta anos estão com tudo em cima, ativos, no melhor da vida, exceto por um gigante detalhe. O pescoço! Maldito delator. Ele quer contar ao mundo a verdade. Por isso, não duvide de Nora Ephron quando ela revela o que tem valor nessa vida: "Não deixem de cuidar do seu pescoço!". E com ele, cuide de tudo que fica meio escondido. Seus desejos secretos, seus sonhos mirabolantes, seu amor pela vida, os pensamentos diários, as amizades mais íntimas, sua fé no melhor, seus momentos de diversão. Tudo também envelhece com você. Mas no final, não precisa ficar um horror, como o seu pescoço irremediavelmente irá ficar.

As verdades do caminho do envelhecimento: Os filhos vão embora. A carreira, por mais bem-sucedida, vai ter grandes ou pequenos erros. Uma hora ou outra, você vai enfrentar momentos de indecisão, não saber para onde ir ou que fazer da própria vida. Fracassos e decepções acontecem, quase o tempo todo. Não existem segredos, alguém sempre vai descobrir o que você tenta esconder. Anote tudo, porque você vai esquecer. Aos quarenta e poucos terá saudade do corpo que achou ruim aos trinta e poucos. Se você tem vinte aninhos, vá de biquíni à padaria (ou de sunga); nunca mais esse tempo volta (nem esse corpinho!). Não se arrependa depois. Seja audacioso, tenha coragem! Renove-se diariamente. Limpe os excessos, jogue fora os lixos acumulados.

Preste atenção nessas dicas, enquanto envelhece: Os amores, os apartamentos, os cachorros, as plantas, trate tudo com esmero. Tudo é uma parte sua. Suas férias, a taça de vinho diária. Não deixe para depois. As idas ao cabeleireiro, não desmereça esse tempo nem duvide do poder de uma tesoura eficiente. Não se desespere com erros pequenos, depois você vai ver que não significavam quase nada. As crises passam. As horas, dias, meses e anos também. Viva tudo!

Seu pescoço vai dobrar-se e marcar-se a cada fracasso seu. Não há como mudar isso. A vida que você carrega vai minguar-se – gota a gota – toda vez que você não se importar mais com a alegria do dia, toda vez que você se esquecer de sorrir, toda vez que você desistir de si mesmo e de seus sonhos, toda vez que você não se reinventar.

Ainda dá tempo, não desperdice sua vida. Porque no final, seu pescoço vai estar mesmo um horror, mas a sua história não precisa acabar assim. Na verdade, você até pode dar um jeito no pescoço horroroso e usar uma echarpe ou uma camisetinha de gola rule, só não se esqueça que a alegria-maluca-da-vida não pode murchar quando você envelhecer. Anos perdidos não se consegue disfarçar. Eles é que importam de verdade!

Feito a girafa, avance sem medo, de cabeça erguida, desafiando o tempo e a gravidade. É a sua vida. E, claro, ela tem que ser a melhor de todas!

irmãs à palavra

Kíssila Muzy

Nova Friburgo/RJ

Leocádia

Leocádia é uma moça do bem, no sentido mais fácil da expressão. Porque ajuda as pessoas, aceita as diferenças, tem sempre uma palavra de carinho e um elogio para o outro, desapega-se de suas coisas quando alguém precisa mais.

Um dia um amigo a convidou para ir a uma importante cerimônia de sua religião. Foi uma surpresa e ela teve que se arrumar correndo pra sair com ele, tanto que nem teve tempo para se alimentar. Mas o desconforto valeria a pena porque o amigo disse que estava preocupado com o sucesso do evento e gostaria muito da alegre companhia da Leocádia. Ela não sabia o que iria encontrar porque nunca havia participado de qualquer ato de fé que não fosse o seu próprio sistema de crenças, o que não seria um problema porque ela é do tipo que gosta de estar em qualquer lugar onde pessoas estejam reunidas com bons propósitos. Leocádia é gente boa.

Ao chegarem ao local, o amigo logo tratou de sumir das vistas da Leocádia porque havia alguns detalhes ainda pendentes sob sua responsabilidade. Então ela resolveu circular por entre as pessoas e ficou encantada com o cenário: flores, velas, muitas fitas coloridas, vestimentas e adereços que eram exóticos aos seus olhos, belas canções ritmadas com tambores. Estava tão feliz que resolveu fumar, já que toda a bondade em seu coração era destinada mais aos outros do que a si mesma, e também porque havia outras pessoas fumando no local.

Tranquilamente, Leocádia acendeu um cigarro e postou-se próxima ao lugar onde estava a maior concentração de incensos para dar aquela disfarçada e não incomodar os outros com a sua fumaça. Até que um homem todo vestido de branco aproximou-se e disse que ela não podia fumar lá dentro.

— Mas tem um monte de gente fumando!

— Não são as pessoas, são as entidades!! — O tom do homem não deixava dúvidas de que ela teria que apagar o cigarro ou terminá-lo na rua.

Para não contrariar o sujeito que parecia ter uma função importante na casa, apagou o cigarro. Naquele momento achou que ir para a rua fumar seria uma indelicadeza maior e por isso respondeu tentando demonstrar respeitoso acatamento.

— Bom, eu não conheço essas entidades, mas se o senhor tá dizendo eu acredito.

Mais uns quarenta minutos se passaram e o amigo não havia aparecido quando Leocádia decidiu procurá-lo. Estava ficando cansada e queria saber que hora acabaria a celebração quando o avistou, todo de branco, sentado em uma

cadeira ornamentada que ficava afastada do centro do salão. Ao seu lado, havia um rapaz também vestido de branco que constantemente lhe oferecia uma cuia. Quando ele aceitava, o rapaz a encostava em sua boca.

Leocádia suspeitou de que ali houvesse alguma bebida interessante e imediatamente sentiu vontade de tomar uma cerveja, o que estava totalmente de acordo com sua personalidade porque o álcool a deixava ainda mais alegre e amável. Deixou a casa por alguns minutos para comprar uma lata no vendedor ambulante que estava com um isopor a poucos metros da entrada. Satisfeita, a moça voltou devagar curtindo a bebida gelada e a alegre música que agora alcançava o exterior da casa. Quem a visse andando, dançante e sorridente, perceberia que ela estava verdadeiramente feliz.

Ao retornar, lata em uma mão e copo descartável na outra, foi logo interceptada pelo mesmo homem de branco que a havia impedido de fumar, dessa vez num tom um pouco mais ríspido:

— A senhora NÃO pode beber aqui dentro.

— Ué, mas por que eu não posso beber se tem gente bebendo? Vai me dizer que tem guaraná naquela cuia?

— Quem está bebendo é a entidade, ninguém mais pode. Tem que respeitar a entidade!

Mesmo sentindo um leve torpor por causa do álcool que bateu com força no estômago vazio, Leocádia lembrou de que se saíra bem da última vez e respondeu:

— Moço, eu não conheço essa entidade, mas já que o senhor está falando, eu acredito! E jogou a lata quase vazia numa bacia próxima que fazia vezes de lixeira.

As danças ganharam ritmo mais acelerado e mulheres rodopiavam pelo salão. O cansaço, a fome e o álcool começaram a surtir efeitos e Leocádia sentiu uma leve tontura. O amigo ainda estava sentado na cadeira, agora com as mãos na cabeça de uma mulher que chorava. Parecia fazer algo muito importante que não podia ser interrompido. Por isso ela até pensou em chamar um táxi para voltar pra casa sozinha, mas sair sem avisar ao acompanhante não era atitude condizente com sua educação e gentileza. Leocádia era uma pessoa polida. Só lhe restava esperar.

Até que percebeu um cantinho na penumbra onde não havia móveis, nem pessoas, apenas algumas velas e flores no chão. Leocádia decidiu que descansaria ali mesmo já que não iria para casa tão cedo. Além do mais, não incomodaria ninguém se ficasse bem encolhida sobre um pequeno tablado que parecia estar esperando que lhe dessem alguma utilidade. Quando as pessoas começassem a ir embora ela acordaria espontaneamente ou, na pior das hipóteses, seria acordada por alguém. Não pensou duas vezes e para lá se dirigiu.

Leocádia até hoje não sabe o que foi que chamou a atenção do Homem de Branco, mas o cochilo não chegou ao primeiro ronco quando foi acordada abruptamente. Ele a sacudia pelos ombros e gritava tentando expulsá-la dali. Ainda tonta pelo rompante, notou que dança e música haviam cessado e as pessoas mais próximas estavam olhando para ela com nítido ar de reprovação.

— Saia daí agora, sua maluca! — o tom do homem beirava o desespero.

— Mas o que foi que eu fiz dessa vez? Só tava sentada no canto e…

— Você tá deitada em cima de Oxóssi! — a raiva que estava entalada na garganta do Homem de Branco finalmente foi libertada.

— Como assim, cadê esse tal de Oxóssi? — enquanto se levantava meio aos trancos, Leocádia tentava entender o que estava acontecendo.

— Saia rápido daí e pare de pisar em Oxóssi!

Impaciente, ele a puxou pelo braço para que descesse o degrau e a levou em direção à saída. Leocádia finalmente entendeu que já era hora de ir embora mesmo que fosse sozinha. Seu amigo ainda estava sentado na cadeira, fumando um charuto, com o rapaz o rodeando. Parecia assistir a toda a confusão armada por sua convidada, mas sua consciência não estava ali por completo.

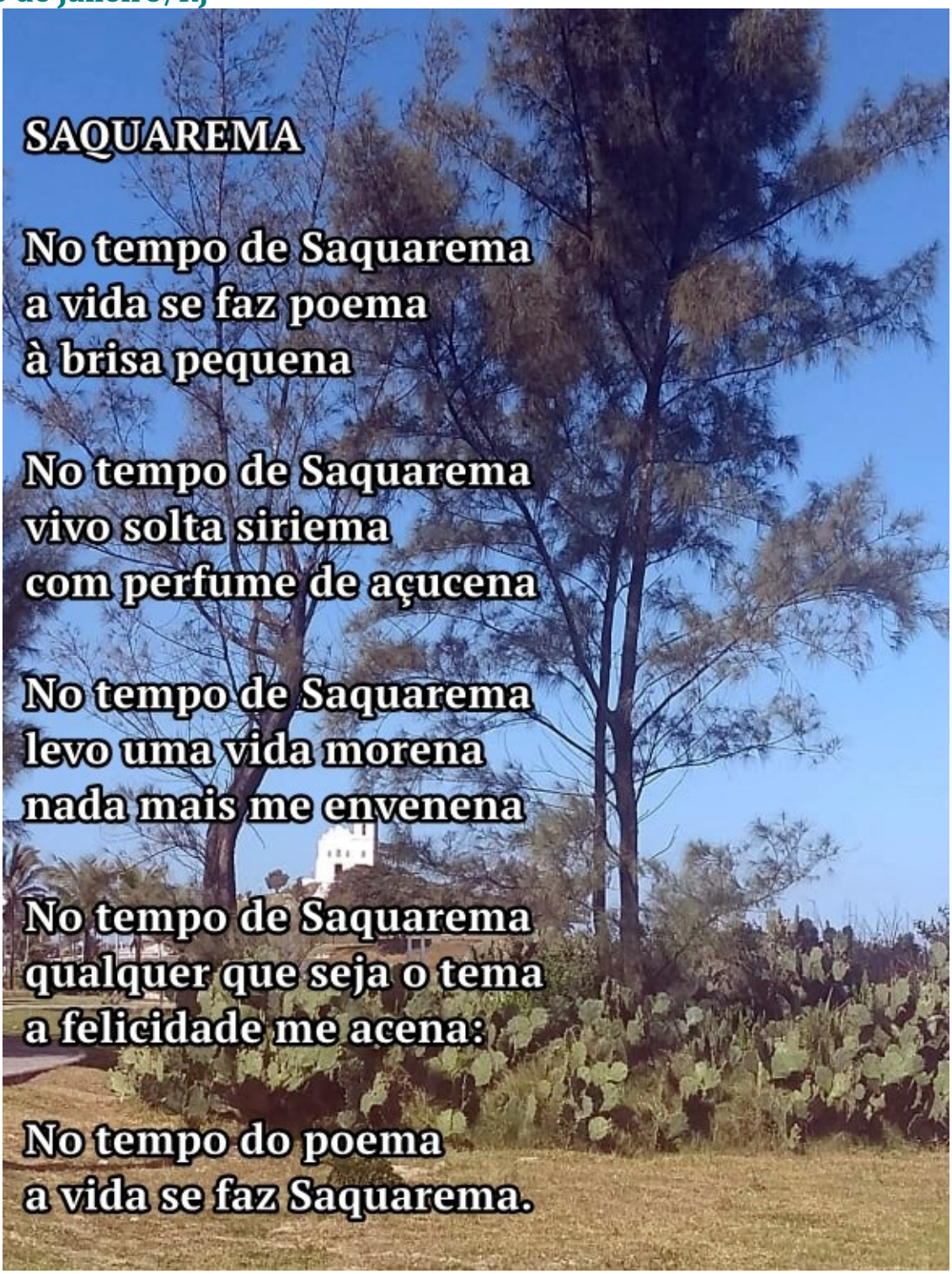
Menos por estar sendo expulsa, e mais porque entendeu que havia sido um estorvo para os presentes encarnados e os desencarnados, Leocádia ainda tentou largar uma última manifestação de respeito e admiração, do fundo da sua simplicidade:

— Olha aqui, moço, eu já disse que não conheço essas entidades que o senhor tanto fala, mas se o senhor está dizendo, eu juro que acredito!!!

https://www.instagram.com/kissila_muzy/

https://www.facebook.com/kissila.muzy

Klara Rakal
Rio de Janeiro/RJ



http://klara-rakal.blogspot.com
https://www.recantodasletras.com.br/autores/klararakal
https://www.facebook.com/klararakal/

L. S. Danielly Bass

Marília/SP

GênErro

No meu nascimento o médico falou para minha mãe:
PARABÉNS, É MENINA!

Desde então eu fui rotulada,
como um produto no mercado,
Eu não podia sair sem ser etiquetada, mas,
olhando para meu código de barras e,
não entendendo nada,
me questionava, o que é menina?

Crescendo e escutando:
senta que nem menina,
fala que nem menina,
se comporte como uma menina,
menina não fala isso,
menina não faz aquilo...

Mas tinha algo que ninguém me falava,
o que é uma menina, o que é ser menina?

Escola; meninas, meninos,
não sabia o que era nenhum,
não sabia ser nenhum.

Eles me olhavam e falavam:
você parece um menino,

anda como um menino,
quer fazer o que um menino faz,
fala como menino,
mas é uma menina...

Para as meninas eu era um menino,
mas não podia ser um menino,
Para os meninos eu era uma menina,
mas não podia ser uma menina,
pois parecia ser um menino...

As mesmas perguntas ecoavam dentro de mim:
O que é um menino? O que é uma menina?
Ser menina é ter uma vagina? Mas eu tenho e ainda não sou.
Ser menino é ter um pênis? Mas não tenho e dizem que sou.

Menino e menina são conceitos
Conceitos cheios de predicados - todos errados.
É irado, de um jeito muito errado.
Conceitos extremamente ultrapassados...
Conceitos que não se adéquam aos fatos...
Todos esses conceitos são estáticos,
eu sou instável,

Eles estão errados...
Eu não quero ficar de um lado –
não quero ser um menino –
não quero ser menina...
Não aceito nenhum desses predicados...

Não posso ser enquadradO,

não quero ser rotuladA,
Eu não nasci acabadO,
só quando morrer me deixarei ser rotuladA,
Só assim não terei mais nenhuma chance de mudar,
Até lá eu só quero ser,
ser sem sentir que meu ser está erradO,
Ser sem agir para ser quadrada
já nem quero ser encaixadO,
Deixo isso para quando eu morrer,
só nesse momento serei encaixotad-A-O-E-X------

Instagram: @ _encantado_
https://www.instagram.com/_encantado_/?hl=pt-br

Léa Costa Santana Dias

Euclides da Cunha/BA

Pedofilia

A menina vestia rosa e sonhava.
Ele, o amigo azul.
– Não, não podiam.
– Podiam, se amigos.
– Sinto vergonha. Tenho medo.
Não se preocupasse: era fácil.
O consentimento: uma boca noutra boca.
Uma só boca.
Era doce, era néctar, era mel.
Uma flor com pétalas cor de menina.
Não se movesse: venda e algemas.
Trêmula e rosada: ela
Rijo e azul: ele.
Uma boca noutra boca, outras bocas noutras bocas.
Bocas, bocas, bocas.
Túneis.
O viajante: inteiro, com força.
Rios.
O navegante: completo, vertido em brasas.
Explosão, liquidez.
Ela: roubada, calada, tão dada.
Aberta, descoberta.
Flor rosada, visitada.
Dele, para ele, só dele.
A denúncia: calúnia! Difamação!
Submetê-la a exame de corpo de delito?!
Absurdo: não se toca em corpo tão puro.

Leandro Costa

Tianguá/CE

O Beco

I

Rosas do mal
Perfume negro
Carnaval do diabo
Apertado beco

Atmosfera etérea
Gentes vagueiam
Prostitutas desfilam
Nas penumbras se escutam
Murmúrios felinos

Vertical rua
Um ébrio caminha
Bebe e respira
Um verde miasma

Em seus ouvidos confusos
Toca satírica música
Que o faz girar e dançar
Ajoelhar e rezar
E rir histericamente
Antes de dar-se ao chão

Para dormir aquecido
Pelas notícias de ontem
Que lhe farão, muito em breve,
Uma manchete do hoje

II

Meia noite...

Outro dia chega
Como a tinta negra
Do prelo automático

O bêbado acorda

A morte lhe chama
Segura sua mão
E retoma lhe a vida
Com um beijo de dama

Leandro Emanuel Pereira

Matosinhos, Portugal

Cristal da vida

O cristal é frio;
No toque tem brio;
E é transparente na incumbência;
Razão da sua imponência...

E tu Mãe;
És quente no abraço;
Majestosa como ninguém;
E forte no traço...

Se o cristal parte na queda;
Tu sobrevives ao impacto;
E quando a bonança não impera;
Obrigas o azar a ser sensato...

A essência das palavras;
Flui na alta dignidade;
Que instalada nas tuas asas;
Alberga a nossa felicidade...

Os anos passam fugazmente;
A história floresce robusta;
E na nossa mente;
Se instala o amor por ti firmemente...

Leila Alves Schiele
Aalen/Alemanha

Um Minuto de Percepção

Andava pelas ruas
na escuridão do dia
Via mulheres, crianças, velhos espalhados pelo chão
A luz do sol se apagava na agonia
de tantos corpos solitários
Sangravam dos meus olhos, lágrimas de vergonha
pingavam em suas mãos, frágeis e secas
Minhas lágrimas não lhes davam forças
mas molhavam-nas de tristeza
Mesmo se chovessem moedas de ouro sobre suas cabeças
A pobreza nunca acabaria
nem sequer sua fraqueza.

https://www.recantodasletras.com.br/autores/leilaschiele

Letícia Ucha

Porto Alegre/RS

O cão que sabia demais

Isa teve dois filhos que não lhe visitavam nunca. Do alto dos seus mais de setenta anos sentia o peso da solidão.Saía todos os finais de tarde com seu fiel cão Bob um Golden Retriever de pelo alto.

Para agitar sua vida resolveu entrar para um curso de informática e passou a fazer amizades pela internet.

Conheceu um homem misterioso de sua idade, João, e após algumas semanas combinaram de encontrar-se pessoalmente. Saíam para caminhadas com Bob, cachorro de Ana e algumas noites ele ia jantar na casa dela.

Bob costumava lamber os pés de João e ele odiava isto.

A residência de Isa era cheia de objetos de arte e ela usava muitas joias. Uma noite entre um drinque e outro ela levantou-se e deixou sua agenda à vista onde na última página estava a senha do cofre. João astuto, memorizou. Ele tratou de servir mais whisky aos dois para que Isa ficasse mais vulnerável, mas ela era resistente à bebida.

Ela foi preparar algo para os dois comerem enquanto isso ele aproveitou-se para subtrair algumas joias do cofre de Isa. João foi surpreendido por ela bem na hora do furto e houve luta corporal. Bob houve os gritos de sua dona e vem socorrê-la. O homem pegou um castiçal que estava próximo e desfere um golpe em Isa; Bob desesperado, morde a mão de João que sai sangrando e rasga um pedaço de sua camisa e sai, deixando a porta do apartamento aberta. Logo chegaram vizinhos atraídos pelos gritos.

O idoso consegue fugir com algumas joias e vai a uma farmácia comprar curativos. Nela estão dois policiais que estranham a reação do mesmo e se aproximam para saber o que houve. João nem responde e causa dúvidas...A polícia é chamada a casa de Isa e impressões digitais são colhidas e João é intimado a depor, pois fora o último a ser visto com ela. Como Bob ficara sem dono e tinha fama na vizinhança de ter bom faro foi adotado pela polícia.

No dia do depoimento quando viu João, o cão saltou em direção ao agressor de sua dona, latindo fortemente. Estranharam, pois ele era manso.

O depoente mentiu sobre a natureza do seu ferimento e após perícia foi descoberto que ele fora atacado por um cão o que só aumentou as suspeitas.

Dias passaram e um traficante foi surpreendido vendendo as joias de Isa e confessou tê-las obtido através de João que foi descoberto e indiciado.

Lívia Cout

Maricá/RJ

Todo Texto que Escrevo é Sobre Meu Corpo

Todos os dias quando acordo, encontro meu corpo dormindo, ao meu lado. Nunca consigo sair da cama. Eu digo "Ei, vamos lá, minha alma precisa se reconectar com suas vestimentas! " Mas meu corpo permanece lá, inerte. Parece estar sonhando. Quando finalmente me visto de mim, pergunto: "E aí, você sonhou com o quê? " Mas ele nunca responde. Meu corpo só sai da cama, escova os dentes, senta na mesa com o mesmo olhar perdido de sempre, pega um café e o beberica em silêncio. Ele precisa de uns 40 minutos religiosos para o mal humor da reconexão ter ido embora. Vocês percebem? Meu corpo é meio... egoísta. Ele só sabe pegar, sugar e nunca se doar. Ele perambula para a cozinha

para o quarto, do quarto ao banheiro e se joga no sofá da sala, capaz de ficar lá por horas, todos os dias, procrastinando.

Meu corpo é grande demais e ocupa mais espaço do que merece, ele sabe disso. Onde quer que eu vá, ele gosta de me manter em uma sombra escura. Nula, oculta. Me faz pensar se alguém realmente já me viu às claras. Ultimamente, meu corpo começou a me contar histórias noturnas que me dão medo. São os chamados 'pesadelos'. Talvez ele não goste muito da solidão. Acho que meu corpo está ficando meio desesperado, desejando um toque, um carinho, abraço ou alguém do lado. Em decorrência disso ele sai amando tudo o que vê pela frente. Corpo exagerado.

Quando escrevo, meu corpo vem e tira toda a roupa. Nu, nunca aprendeu a dançar. Desengonçado, só sabe se esconder. Ele encontra um esconderijo na minha boca, põe pedaços de unhas dentro dela, puro sinal de desespero. Eu as engulo.

Engulo as unhas ruídas assim como engulo os sapos, é por isso que odeio sapos, mas dentro de mim há um brejo inteiro. Tudo desce de um jeito errado. Não vai redondo tipo cerveja, vai meio quadrado, alojando tudo na minha traqueia, não me deixando respirar sem me lembrar de tudo aquilo que eu engoli. Então, é claro, todo texto que escrevo é sobre o meu corpo e sobre como todas as minhas palavras soam como tentativas de superar algo que me dói. Escrevo porque pelo menos assim meu corpo se despe. Mas aí termino e ele novamente se veste. Me pergunto se me sinto melhor. Talvez se eu disser que sim ele me deixe finalmente em paz..., mas meu corpo sempre fica. Ele é leal demais. Eu não sei fugir de mim.

https://www.facebook.com/antesdacoisaexplodir/
https://www.instagram.com/antes_de_explodir/
https://twitter.com/AntesdeExplodir

Lourildo Costa

Volta Redonda/RJ

Violência familiar e doméstica

Como pode alguém amar uma criatura,
Entre inúmeras outras criaturas, amar?
Amar e produzir violência familiar,
Como num processo de maquinofatura,
Sempre coagir e dizer que faz por amar.

Como pode, pergunto eu, um ser amoroso,
Empregar ato violento em escala universal?
Como pode alguém amar com sentimento rancoroso,
Amar e dar origem à fertilidade do mal?
O constrangimento que ele deixa aflorar
É como o sal insípido que faz o amor inumar.

Amar e construir castelos no deserto,
Onde o falto d'água caminha e espera em observação.
Como pode amar o ser inóspito inserto
Como um galho seco no vaso sem flor jogado ao chão?
No peito inerte da pessoa que diz que ama
Bate um coração que de doentia paixão flama.

Esse amor desatino que causa tanta violência;
Violência familiar; violência doméstica;
Amor contrassenso; amor sem resiliência;

E na alma vazia de amor a função metalinguística
Utilizando a aspereza para explicar a contingência.

Como pode alguém amar uma criatura... Amar...
Passar a vida na secura e dizer que faz por amar,
Amar sem saber formalmente se expressar?!

lourildo_2006@yahoo.com.br

https://www.facebook.com/lourildocosta

Lucas Dias

Belo Horizonte/MG

Amor da minha vida

Ao amor da minha vida
Eu digo o seguinte:
Eu sei que você não me ama
Porque sou triste
Mas pelo menos
Desligue a porra do telefone

Ao amor da minha vida
Eu digo o seguinte:
Vê esse pássaro sobre sua cabeça?
Abrace-o até que ele morra sufocado
Faça com ele
O que fizeram com você

Ao amor da minha vida
Eu digo o seguinte:
Quem sabe se eu te afundasse em meu peito
Você curaria a ferida
Aquela que ainda está aberta
Mas não dói mais.

Blog:www.lucasdiasart.com.br

Lucas Ramon Porto de Assis

Campina Grande/PB

Finis miseriae mors est

Quão belo momento,
O fim de uma vida,
Já de tédio exaurida,
Razão de sofrimento.

Venturoso alvorecer,
Pouco a pouco esmorece,
Até ouvir-se, dolosa, a prece:
Que se finde este viver!

A história de todo ser,
Culmina em sua morte,
Haverá tão grande sorte,
Quanto aquela de morrer?

Conosco morrem os sofrimentos,
O palpitar do coração,
Esta grande aberração,
Donde fluíam sentimentos!

http://lattes.cnpq.br/0135191562412280

Luciano de Oliveira Fagundes

Porto Alegre/RS

Morro convida

O Jambo e as Mangas pelo chão,
Num verde que ofusca visão,
dos olhos verdes,
da mata verde, de frutos maduros.

Morro com vida

Morro inebriado de tamanha beleza,
Morro de natureza exuberante, calor escaldante e
Escadarias estonteantes.

Morro molhado

A chuva nos recebe como em dia de batizado,
Abençoando os visitantes recém-chegados.
Mergulhamos em suas águas límpidas
Espalhadas em espelhos d'água.

Morro sufocado

Meu amor perdeu o fôlego no Morro,
Pelo ar,
pelo mar,
pelo Morro .

Morro com arte

Ah! Se toda Toca do Morcego
Fosse igual a do Morro,
Subiríamos até o farol diariamente
Sem pedir socorro.

Morro no horizonte

O sol de tão humilde
Também se esconde na Toca,
A final o Astro Rei é anfitrião
Acolhe-nos em seu leito,
Com pompas de eleito.

Morro de simplicidades,
Morro de amizades,
Morro de amor no Morro de São Paulo.

Luís Amorim
Oeiras, Portugal

Sonhos de Natal

Pela quadra natalícia
A criança pedia nova carícia
Em forma de belo conto
Desejavelmente sem ponto
Que tivesse seu final
Antes um contínuo ideal
Num enredo o mais terno
Que lhe fosse por eterno.
E história enfim começada
Deu por atenção contada
Como um especial desejo
Feito em meninice
Que não tenha ensejo
Em crescer por gulodice
Rumo ao estado adulto
Quando atingir o ser culto
Também é viver sua idade
De criança na verdade
A mágica lanterna esfregando
E recolhendo vontade caminhando
Para si em admiração
Nos desejos por adição
Em como mudando cores
Do céu sem temores
E apanhando estrela à mão
Em andamento por intenção
Chegará a rio que lhe cante
A felicidade por diante.
Basta o fechar de olhos
Para o ver de flores aos molhos
De adorno feito paraíso
Na juventude seu riso
Eterna por alcançável
Querendo ser dançável
A criança no seu reino ao som
Do Natal presente em feliz tom.
E se a terra da fantasia
Estiver no seu coração
No sempre que houver dia
E na seguinte escuridão
Que seja apenas de horário
Nunca o seu contrário
Lhe colocará entrave
Ao ser criança voando
Como encantada ave
Por entre sonhos cantando
Na felicidade irradiada
Entre raios solares
Pela manhã baptizada
E estrelas aos pares
Nos sonhos da madrugada.

https://www.facebook.com/luisamorimeditions

Luiz Roberto da Costa Júnior

Campinas/SP

Tour de Force

A luta rompe a manhã.
Alguns me julgam louco.
Estou lúcido, mas frio.
Luto pelo sustento mais um dia.
Na voz, há desgosto.
Luto com palavras,
mas estou de luto.

Aceito o bom combate,
em terreno descampado,
sem roteiro e desarmado.
Corpo a corpo,
contra o tempo,
na caça ao vento.
Quando pressinto
o apagar da chama.

No entreabrir de olhos
termina o ciclo do dia,
num inútil duelo
que não se resolvia.
Fechadas as portas,
a luta prossegue
no quarto do sono.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Lutrícia Monti

Lavras/MG

Sou mulher

no trabalho
dizem-me o que fazer
nos estudos
dizem-me como aprender
no meu rosto
marcas de falas retidas
no meu corpo
expressões invadidas

pela minha voz
digo: sou mulher.
contesto, engasgo:
eu não vim
eu não vim
ao mundo para me calar.

Luzia Stocco

Piracicaba/SP

Urgente: Músicas Nos Bailes De Forró (artigo)

URGENTE fazer uma CRÍTICA em relação a muitas das músicas cantadas por algumas bandas ou solo. Diante de tanta violência doméstica hoje e desde os primórdios (contra a mulher principalmente) e ao aumento do feminicídio no país e no planeta, espanta-nos ver CLUBES tão conceituados sendo coniventes com tais letras que não contribuem em nada pela evolução do ser humano, pela prática da paz, do respeito e do amor.

Poderíamos usar muitos argumentos aqui para explicar melhor tudo isso, mas creio que vocês leitoras e leitores deste importante Jornal compreenderão tranquilamente a questão exposta.

A melodia de muitas dessas músicas que colocam a mulher apenas como objeto de prazer ao homem, que enaltecem a traição, o sofrimento, a vingança, a bebida exagerada, o ódio, etc são geralmente chamativas, e isso atrai as pessoas. Neste momento estou me referindo ao que está mais próximo a mim: BAILES DE FORRÓ; não assisto à TV há bastante tempo e só ouço umas 3 estações de rádio (as poucas legais que sobraram sem doer e adoecer nossos ouvidos e cérebro) mas lá, ah, meus deuses! tá cada vez mais difícil ficar até o final de um baile ou ficar na pista de dança até o final da música. Sério, a gente passa vergonha pela forma com que as letras nos retratam, como se referem ao feminino, é tanto desrespeito e humilhação que embrulha o estômago e já cheguei a parar e largar o cavalheiro ali e aguardar a próxima. A melodia pode ser gostosa mas a mensagem é de uma hipocrisia assustadora.

As pessoas (mulheres/homens) cantam e pulam e gritam em frente ao palco, mas eu mesma, confesso, demorei pra entender o que os "artistas estão cantando" e muitas delas ainda não entendi, então a gente não raciocina, vai sendo levado pela empolgação na lavagem cerebral do repeteco teco-teco na cabeça.

Não sou puritana nem vibro nesta falsa moral e tabus que permeiam a sociedade; luto pela justiça, ética e amor, mas ainda consigo ter um mínimo de sabedoria pra distinguir as coisas e seus interesses ocultos.

Vocês poderão (e estão) questionando: mas por que a Luzia vai lá, então? Eu lhes explico: fiquei quase uma década sem frequentar bailes e retomei há alguns meses com mais frequência, pois vc está na sua casa e decide se divertir, seus amigos também estão em suas casas e precisam arejar a vida, pois a dança nos

cura - e ao menos na minha idade não se tem tantas opções de lazer e por preço acessível, além de teatro, saraus e concertos (que adoro, sempre fui mas nem sempre tem, e amo dançar...) ...

Não consegui coletar todas, apenas algumas, como a abaixo (e lamentável que várias são composições realizadas por homens para serem gravadas por mulheres, e outras as próprias cantoras compõem algo que nos agride ou que a coloca num patamar tão pequeno e de menos-valia, repetindo assim um ciclo do padrão dos cantores masculinos). Na questão desta, é um amor abusivo (ver MADA) que confunde amor com sofrimento; se há sofrimento não há amor, há abuso, dependência emocional, obsessão pelo outro (que é uma doença a ser tratada como qualquer outra), passando a ideia de "eu te bato mas te amo", etc, é Surreal isso!

Não citarei aqui as bandas que conheço e nem os clubes mas presta atenção a esta letra cantada por quase TODAS as 6 bandas regionais paulistas que conheço aqui em Piracicaba:

Os músicos e cantores, assim como toda a ARTE são essenciais para nossa vida, elas nos salvam de nossos medos, preconceitos, nossas maiores sombras, sem a arte só há meia-vida. E eles têm tudo pra melhorar pois são artistas e têm o seu valor, estudam, pesquisam, ensaiam, ralam, e temos um repertório tão vasto e incrível, como Luiz Gonzaga, Dominguinhos, Elba, Alceu, e tantos outros maravilhosos, na junção da sanfona com outros instrumentos e com a percussão, vamos lá, gente! Vamos mudar isso aí pra melhor, vai!! Vocês podem!

"Samara Forró Perfeito

Coisa linda, famosa Samara Deixa eu bater na sua cara E te chamar de otária E fazer amor, fazer amor, fazer amor

Coisa linda, famosa Samara Deixa eu bater na sua cara E te chamar de otária E fazer amor, fazer amor, fazer amor Bonita e charmosa, gatinha dengosa A Samara trai, você não quer mais, a Samara trai. Um beijo ardente, olhar de serpente A Samara trai, você não quer mais, a Samara trai Ô Samara, ô Samara, ô Samara Por que você me trai? Por que você me trai? Ô Samara, ô Samara, ô Samara Por que você me trai? Por que você me trai?

Coisa linda, famosa Samara Deixa eu bater na sua cara E te chamar de otária E fazer amor, fazer amor, fazer amor Coisa linda, famosa Samara Deixa eu bater na sua cara E te chamar de otária E fazer amor, fazer amor, fazer amor Bonita…"

Maiky Oliveira

Feira de Santana/BA

Tristeza

Choro por sentir tristeza
E tal experiência é linda
Linda e não abro mão de dizer
Sem tristeza tudo é feio

Tudo faz sentido ao compreendê-la
Apenas um tolo não a entende
Receio da experiência
Fuga total da vida

Não é necessário buscar - lá
Ela vem sem aviso prévio
Assim tudo é mais original
Verdadeiro afinal

Por que a temem?
Se ela nos ensina
Por que chorar?
Se ela não te domina

Sempre lá e cá
Procurando se encaixar além da rejeição
Sem outra opção
Querendo chamar atenção

Tudo é emoção
Rápido como paixão
Até a tristeza
Tem hora de ir embora

Uma visita que aprendemos a rejeitar
E justamente o que há faz voltar
É o forte desejo que temos
De não querê-la do lado de cá

Peço perdão por tudo até aqui
Não tinha a compreensão
De que não ser triste
Traria tamanha decepção

Agora estou mudado
Gritando para todos os lados
Que a tristeza me disse
Está vivendo agora, meu caro

https://www.instagram.com/psimaikyoliveira/

Marcos Andrade Alves dos Santos
Canaan/Trairi/CE

Passarinhês

Não podemos sonhar sem que antes aprendamos a brincar.
Esse é um exercício no qual as crianças são melhores do que nós.
As perguntas que elas se fazem são completamente diferentes das perguntas que fazemos.
Disse-me uma:
Podemos crescer até as estrelas?
E qual será o sabor das nuvens num dia de chuva?
Saberemos correr até o final de nossas almas?
E fazer castelos de areia com pedrinhas de sal?
As crianças não sabem as mesmas coisas que os adultos e por isso que são mais inteligentes.
Idioma de criança é passarinhês.
Esse idioma só se aprende quando se desaprende a falar.
Antes de tudo é preciso um sentir, uma brincadeira, um sonho.
Essas coisas vêm do coração.

Marcos.andrade@aluno.uece.br

Marcos Nunes Loiola
Botuporã/BA

As Criaturinhas

O ano é 3200. Aquelas pequenas criaturas eram tidas, há séculos, como erradicadas da face da Terra. As gerações vindouras só as conheciam por fotografias e vídeos em sites da Internet ou, ainda, em livros de Ciências (que não foram extintos, felizmente). Mais raramente, exemplares mumificados da espécie poderiam ser encontrados em alguns museus, aqui e acolá.

Todavia, todos estavam redondamente enganados. Os bichinhos resistiram ao tempo, às inconsequentes ações humanas, ao aquecimento global e às centenas de desastres naturais que se sucederam.

Naquele ano, misteriosamente, todas os animais marinhos já haviam adquirido a capacidade de pensar e falar. Logo, passaram a ter comportamentos típicos da (ir) racionalidade humana. Aprenderam sobre o amor e o ódio, criaram suas próprias línguas e adotaram crenças. Eram, pois, seres culturais, de sentimentos dúbios, como os humanos.

O fundo do mar, que sempre fora diverso em quantidade de espécies, agora era, também, um ambiente marcado pela diversidade cultural. Conflitos, por óbvio, tornaram-se corriqueiros. A predação, inclusive, deixou de ser apenas uma questão de necessidade básica alimentar para se tornar um problema sociopolítico. Quando alguns grupos se perceberam geneticamente mais fortes que outros, logo trataram de se impor e a ditar as regras, a dizer o que é belo ou feio, certo ou errado.

No âmbito familiar, por exemplo, o conservadorismo imperava. Qualquer comportamento que fugisse aos ditames da família tradicional era fatalmente combatido. E foi nesse contexto que, num certo dia, as pequenas criaturinhas reapareceram. Um tubarão ultraconservador, durante o trabalho de caça, deparou-se com a cena mais repugnante de toda a sua vida: um lindo cavalo-marinho em trabalho de parto.

As criaturinhas, sábias, (re) aprenderam a resistir.

https://www.instagram.com/loio_la/

Maria Carolina Fernandes Oliveira

Belo Horizonte/MG

Certificado de Datilografia

Valdecir estava feliz da vida. Cortou a ponta do dedo polegar de tanto alisar o diploma, mas limpou o sangue no bolso da calça e tornou a contornar com o indicador aquelas letras difíceis do Certificado de Datilografia. Pensou em como ficaria o nome de sua mãe adornado assim. Coisa bonita! Mesmo ele poderia aprender os contornos, não era mais arriscado perder o braço ou a mão na linha de produção e deixar o aprendizado pela metade. Iria ser datilógrafo. As sobrancelhas sempre tão arqueadas, a testa sempre tão rija, cederam para acompanhar o sorriso tímido que brotou no canto da boca. Iria mesmo ser datilógrafo.

Era no chão de fábrica da indústria de sabão que as máquinas carimbavam as embalagens e os dedos dos operários. Era no escritório do gestor, no segundo andar daquele enorme galpão, que Valdecir entrou de sobrancelhas e diploma sonhadores. Ele queria trocar o macacão ensaboado pela máquina de escrever.

– Peço uma oportunidade no escritório, senhor. Tenho diploma.

O gestor, um careca atarracado de pescoço curto e olhar comprido, mirou o homem vestido de operário e o papel sobre a mesa. Não era um papel comum, carregava o peso dos sonhos de Valdecir. E quão robustas eram aquelas fabulações! Um desavisado não conseguiria carrega-las, mas Valdecir as leva-la dentro de um grande saco sobre os ombros, todos dias, da casa ao trabalho, do trabalho à casa. Nessa manhã, especialmente, tirou os sonhos da sacola e os depositou sobre o diploma. A geladeira cheia, o irmão orgulhoso, a graduação, o concurso público... estavam todos ali sobre a folha de papel. O gestor não se atreveu a mover-se. Não poderia derrubar sonhos tão grandes no chão. Faria um estrago.

– Pegue sua autorização com o diretor, menino. A vaga é sua.

Os segundos que esperou a resposta do diretor da indústria de sabão foram tão longos que faltou ar em seu pulmão. Talvez os sonhos tenham pulado da mesa do chefe para seus ombros e ele, desprevenido, perdeu o fôlego com o impacto daquele salto brusco sobre suas costas magras. O estrago que o gestor temia não foi calculado pelo diretor, que questionou o que o rapaz fazia ali desperdiçando tempo enquanto as máquinas trabalhavam.

– Você é útil na linha de produção.

Valdecir ainda não entendia porque há pessoas tendentes ao escárnio gratuito. Um diploma, uma vaga e um "não" injustificado. Foi a última vez que suas sobrancelhas baixaram a guarda. Desceu as escadas arfando, dilacerante, e exigiu que se abrisse a porta da fábrica em horário de expediente. Violaria as regras? Pois que se danassem. Ele iria trocar o macacão ensaboado pela máquina de escrever.

Maria do Carmo Almeida Corrêa
Bauru/SP

À beira-mar

Olhei para a mulher que olhava o mar. Julguei que a compreendia. Queria aproximar-me, fazer-lhe umas perguntas. Mas antes lamentei não ser pintor, para eternizar em quadro essa beleza plácida de uma mulher de preto contemplando o mar. Tentei imaginar seus sentimentos. Melancolia? Saudade? Luto? Infinita tristeza?

Num lampejo de audácia imaginativa, cheguei a ver seu rosto. E me aproximei pensando no que lhe diria.

Meus passos ressoavam na calçada de pedras, mas ela não se voltou. Protegida pela sombrinha, parecia totalmente imersa na contemplação das águas. Não resisti. Sem pedir permissão, bati uma, duas, muitas fotos. Todas focadas na sombrinha cor de rosa, que poeticamente contrastava com a sobriedade da paisagem e das vestes daquela que a empunhava. Cheguei mais perto e sua imobilidade começou a incomodar-me. Por que tão impassível? Não ouvia que alguém se aproximava? Não lhe importava o mundo e seus ruídos?

E a curiosidade aumentava. Seria uma jovem enlutada de amor? Ou apenas uma idosa descansando após a caminhada?

Cheguei enfim a um passo de distância. Toquei a sombrinha, que, desequilibrada, tombou ao chão. E me vi diante de um hidrante coberto por um tecido negro... e mais nada.

Alguma piada de um desocupado?

Preferi pensar numa intervenção artística à beira mar...

Recompus a cena e parti. Levava comigo as fotos e o privilégio de ter vivido um mágico instante de poesia.

Maria do Carmo Araujo Bonfim

Senhor do Bonfim/BA

Posso morar aqui?

Eu mudei de cidade, de vizinhança, de casa. Eu queria mudar de mim mesma. Muitos amores perdidos. Uns levados pela morte. Outros por me abandonarem. Sonhos desfeitos. Vida que não segue. Comprei o pequeno sobrado por uma bagatela. Talvez, se eu tivesse investigado mais, teria descoberto por que a última dona tinha avaliado tão baixo a propriedade. Porém, eu só queria um novo recomeço.

Conheci o "Sr. Curiosidade" no dia em que me mudei. Um rapaz simpático, cabelos cacheados, olhos verdes, um sorriso permanente no rosto. Ele me ajudou a descarregar as caixas do caminhão. Mesmo sem eu pedir. Deixava-as à porta e voltava para pegar outras enquanto puxava conversava comigo, perguntando sobre minha vida. Eu permanecia calada. Com a última nas mãos, parou na soleira da porta.

– Posso? – estava desacostumada com solidariedade. Odiava sua curiosidade. Quando olhei para ele intrigada, ele complementou sorrindo: – Não sou ladrão. Nem assassino. Só quero ajudar. Posso entrar e colocar as caixas lá dentro?

Eu não o conhecia. Eu não tinha mais confiança em ninguém. Carreguei as caixas sozinhas. Olhei cada cômodo daquele sobrado decrépito, vazio, triste. Encontrei um aposento trancado. Tentei abrir com as chaves que a antiga dona me dera. Nenhuma serviu ali. Resolvi deixar para outro dia. Não sei se isso foi o certo.

Acordei assustada no meio da noite com um choro de criança. Quando percebi eu estava diante daquele cômodo. Daquela porta. Espiei pelo buraco da fechadura. Consegui ver o vulto de uma criança encolhida a um canto do que parecia ser um quarto frio e sombrio. Algo monstruoso se rastejava em sua direção. Uma mistura de cobra gigante com asas de morcego. Eu queria ajudar, mas a porta não tinha maçanetas. Eu não tinha a chave. Meus gritos se misturavam aos da menina. Meu choro ao dela. Ouvi uma voz clara dizendo:

– Estou aqui. Eu vou ajudar.

Os gritos recomeçaram. Fortes batidas. Olhei novamente pelo buraco da fechadura. Desta vez, o cenário no cômodo tinha mudado. Era como uma janela

para outro mundo. Eu conseguia ver um longo labirinto. A mocinha estava correndo e um animal, mistura de rinoceronte com urso, a perseguia. Os baques vinham da colisão daquele monstro com as paredes do labirinto.

Eu não queria ver nem ouvir aquela perseguição. Os gritos. O pavor da garota. Porém, eu tinha a sensação de que e eu tirasse os olhos seria pior. O animal a alcançou e enfiou o chifre em seu tronco. Ela caiu imóvel. Eu, exausta dos gritos e com uma dor no lado esquerdo.

A lembrança do rapaz curioso preencheu minha mente. Ele estava na pracinha brincando com algumas crianças. Senti vontade de ser criança novamente. Ele me viu. Sorriu. Ele me transmitia paz. Porém, fui embora sem olhar para trás.

Desta vez, foram risos que ecoaram pela casa. Aquele cômodo estava exercendo um fascínio mórbido sobre mim. Fiquei surpreendida com o que vi. Um gramado florido era banhado por um sol radiante. O perfume de flores e frutos chegou até mim fazendo meu estômago vazio roncar. Vi a menininha segurando a mão de um homem. Estavam de costas caminhando por uma trilha. Ela saltitava e ria. De repente, ele olhou para trás, diretamente para mim e sorriu.

Naquela tarde eu tinha ido ao supermercado. Meus braços estavam cheios das sacolas de compras. Ouvi uma bela voz ao meu lado:

– Posso ajudar?

Era o belo rapaz. Entreguei-lhe algumas sacolas. Na soleira, ele parou, já ia embora. Abri a porta.

– Você quer entrar?

O sorriso que ele me dirigiu iluminou toda a casa. Passamos a melhor tarde da minha vida. Contei toda a minha vida para ele. Meus problemas passados. O quarto sem chave, que ele quis ver.

– Cadê a chave? – ele olhava para mim com um olhar indagador. – Você pode abrir a porta.

– Não sei onde está a chave! – falei agressiva.

Ele foi embora triste, mas me pediu que o chamasse quando precisasse.

Os gritos altos e o som de garras arranhando me tiraram dos meus devaneios. Nunca tinha sentindo tanto medo. Lembrei-me da promessa do rapaz. Eu queria a sua ajuda. Mentalmente eu supliquei: por favor, me ajuda... Como era o nome dele? Conversamos a tarde toda como se nos conhecêssemos há séculos, mas eu não tinha dito meu nome. Nem ele, o dele.

Um grunhido de raiva e um choro convulsivo me tiraram da inércia. Olhei por aquela pequena janela para o outro mundo. Meu coração deu um salto e parou. Eu não consegui ver onde estava a garota. Só sua mão estendida em súplica em direção a ele. O "Sr. Curiosidade". O rosto feroz e impassível. Apontando uma arma na direção daquela que lhe pedia ajuda.

– Não! – meu grito ecoou pela casa. Eu não poderia ter errado tanto em relação a ele. Por causa dele eu tinha começado a ter esperanças. Eu soluçava agora. Toquei o nó em minha garganta. Senti o metal de uma chave. Não poderia ser. Estaria comigo todo esse tempo?

O som de uma arma sendo disparada reverberou em meus ouvidos. Dor em meu peito e em meus braços, como se garras afiadas estivesse me dilacerando. Em desespero, consegui abrir aquela maldita porta.

No chão, morto, eu vi uma enorme criatura. A maior parte, um gato feroz, mas com alguns traços de cobra, jacaré, águia e dragão. A garota estava ajoelhada com enormes vincos sangrando em seus braços. O rapaz altivo me olhava, como um guerreiro que vence a batalha.

– Eu matei o último monstro. Você pode deixar a porta aberta agora. E se você me permitir, eu posso morar aqui.

Observei a minha volta e percebi o cômodo pulsando no mesmo ritmo do meu coração. O chão estava maltratado, ferido, porém já nasciam pequenas flores em alguns cantos. Virei-me chocada pelo crescente entendimento e notei a moça. Uma réplica de mim. Chorando agradecida.

– Obrigada. Você pode ficar.

Há mortes feias e muito doloridas. De entes queridos, de sonhos, da nossa vontade de viver. Mas, há beleza na morte, principalmente quando ela derruba os monstros que impedem o nosso coração de ser feliz.

Maria Ioneida de Lima Braga

Capanema/PA

Tempo de Sabedoria

A tarde estava fresca e ensolarada. Um vento rasteiro de vez em quando varria as folhas das árvores e chegava a varanda, onde eu desfrutava da companhia de meu pai. Meu velho em sua cadeira de balanço mantinha o olhar no horizonte, como se de lá viesse a certeza do triunfo de que entendera o coração alheio. Ele já atingia acima de seus oitenta anos, e eu no limiar da terceira idade. O silêncio que alcançou o virar da tarde foi quebrado de repente. Meu pai começou entusiasmado feito menino na escola em seu primeiro recital.

— A vida começa em páginas em branco e o tempo é quem vai escrevendo. Destarte para tudo há tempo e não idade, e isso não é privilégio da mocidade. A juventude passa e a velhice é inexorável. Ser idoso é ter sim, risos escassos, corpo curvado, passos lentos, todavia, cada ruga que vai chegando anuncia o caminho dos sonhos já percorrido.

Meu pai calou-se. Recostado no espaldar da cadeira, fechou os olhos, e permaneceu em silêncio. Recomeçou com voz rouca, como se soluçasse.

— A velhice é semelhante ao vento. Ninguém o ver, nem sabemos onde começa, mas ele passa e sacode os ramos das árvores. Assim também não percebemos o declinar dos anos, apenas aceitamos. Quão maravilhosa é a sabedoria trazida do ontem, e como é bom ver o sonho realizado em cada ínfimo instante. Meu filho envelhecer é admitir a finitude. O corpo com o tempo declina,

e aí um dia o inevitável acontece. A gente acorda e parece que não cabe mais no espaço onde antes tão bem nos acomodava. No entanto, como recompensa a maturidade armazena sabedoria para a colheita do amanhã, e liberta das paixões e seu ardor. Não há vencido nem vencedor.

Calou-se, finalmente. O semblante sereno de tranquilidade interna. Foi aí que percebi a presença do meu filho mais novo, que logo questionou.

- Depois dos setenta é só canseira e enfado, quem diz isso é o livro sagrado, certo? - disse e acrescentou. Então, melhor que se morra antes. Para que ficar velho? Se é só um fardo, mesmo, a velhice!

Meu pai meneia a cabeça e a voz suave traz a grandeza da experiência em cada palavra:

-Incontestável, meu rapaz...A juventude é realmente a idade do tempo garrido. No entanto, não importa se a nota do acorde é lenta, dançar a valsa é que vale a pena.

Então, se bem há nisso, use eufemismo "juventude pelo avesso" desobriga que o diga, velhice. Agora, melhor morrer, só para não ficar velho, meu filho, isso é tolice!

Primeiro de Outubro "DIA DO IDOSO"

Saudoso vovô UBIRAJARA, tão carinhosamente chamado de vô "BIRA"

Maria Magaly Colares

Recife/PE

Recomeço

Os astros anunciam tempo de recomeçar.

A lua assinala início de nova fase.

O sol amanhece sobre as flores, realça suas cores e belezas.

Eu continuo aqui, esperando que este recomeço seja marcado por sua volta,sua presença, seu carinho e sua voz…

Novos tempos se iniciam e eu persisto presa a você,

Em busca do que não aconteceu: o beijo não dado, as brigas que não ocorreram, as reconciliações imaginadas…

"Loucura e frustração" - Muitos assim me falam.

Fico em silêncio insistindo em minha fé de um recomeço ao seu lado...

Pois é...

Para alguns de nós, o tempo simplesmente para.

https://www.instagram.com/mmcolares_/

Mario Luiz Machado

(In Memorian)

Pontal/SP

Um emprego no vazio

Poesia escrita no dia 22/07/1981 e lançado no dia 16/09/2019 no livro "A restituição do amor".

Olhando pela janela do meu carro,
Paro no pensamento.
Vendo a neblina tão espessa.
Formando imagens nos acostamentos.
Numa delas vejo você,
Tão feliz e sorridente
Acenando para mim.
Não sei se é dando adeus de momento.
Ou uma partida para sempre
Mas na próxima curva eu desperto.
Vendo no asfalto a realidade
Tudo não passa de ficção!
Perturbando é certo,
A minha verdade.
Estou indo, mas sei que volto
Em teus braços, quero sonhar
Esquecer os maus bocados
Viver contente, em delirar
O tempo passa; isto eu sinto
Vendo no rosto uma espinha
A barba cresce como se fosse aviso
Mostrando — me para não parar
Pois, o tempo não volta nunca
A felicidade não pode esperar.
Der repente eu paro
Já chegado no meu destino
Desço do carro meio zonzo
Quase nem percebendo a minha chegada
Com o olhar no infinito
Olhando para minha morada,
Casa triste e solitária
Tão quieta e tão gelada.
Até parece que ela ao me ver chegar

Tenta em vão se comunicar
Mas o que ouço é só um rangido
Que faz a porta ao empurrar.
Entro, olho para o recinto
As camas, o guarda-roupa
Tudo o mais acomodado;
A poeira no chão,
A teia de aranha no telhado
A janela semi — aberta
Que com o tempo
Não fecha direito.
A televisão tão muda
No cantinho a esperar.
E a poltrona tão gelada
Quase chego a arrepiar
Oh! Meu Deus!!!
O que é isto?
Até quando vou aguentar?
Se a saudade é dolorida
O que eu sinto é de amargar
Ver a casa assim é tão esquisito
Quase me obriga a voltar!...
Mas do que me adianta
Se tenho de continuar
A vida não é um mar de rosas
Mas um dia pode melhorar.
A esperança é a última que morre
E enquanto tiver vida
Por ela pode esperar
Sei que a vida é assim
Quando menos se espera
Algo pode acontecer
E a tristeza que em mim destila,
Pode um dia desaparecer
E a alegria que se escondia
Pode então aparecer.
E a felicidade que estava tão desligada
Minha amiga vai ter que ser
E aquela por quem espero
Ainda vai me pertencer
E aquela casa que tanto dá calafrios
Vai ficar limpa e se aquecer
E a saudade vai embora para sempre
E feliz da vida, vamos viver!

Site do livro: http://www.arestituicaodoamor.visaoespiritual.com.br

Marysia Raposo
Campinas/SP

Uma Cara na Janela

Sílvia chegou em casa, atirou-se no sofá, jogou os sapatos para os lados e ficou por algum tempo refazendo-se do cansaço. Já não era a mesma de alguns anos atrás. Cansava-se facilmente.

Acabara de chegar do médico. Consulta de rotina. Felizmente estava tudo bem. A pressão estava normal e todos os exames estavam dentro dos limites desejáveis, mas Sílvia sentia-se diferente. Não sabia explicar o que se passava com ela.

Uma angústia sem motivo oprimia seu peito. Parecia que faltava alguma coisa. Tentou refazer todo o seu trajeto daquela tarde, mas parecia que havia um branco em sua memória.

Fez um grande esforço mas não conseguiu se lembrar de onde estivera. Tinha consciência de ter ido a algum lugar. Estava toda arrumada, morta de cansada... Mas onde tinha ido? Que coisa estranha! Tinha a sensação de haver passado uma borracha em seu cérebro e apagado tudo o que tinha feito naquela tarde.

Resolveu deitar um pouco para descansar. Talvez, depois de tirar uma soneca conseguisse lembrar-se de tudo..

Dormiu um sono tranquilo e, mais tarde, quando Adriana chegou, Sílvia levantou-se alegre e sorridente. Parecia a mesma mulher de sempre.

Parecia só, porque quando a filha lhe perguntou sobre a consulta que havia feito naquela manhã, Sílvia demonstrou espanto. Parecia ignorar sobre o que ela estava falando e afirmou não ter saído de casa naquele dia.

Diante da insistência de Adriana afirmando tê-la deixado na porta do consultório médico, Sílvia fez um grande esforço para trazer à sua memória os fatos ocorridos naquele dia.

Pensou, pensou e não conseguiu lembrar-se de nada. Atribuiu aquele esquecimento ao fato de ter acordado um pouco antes e não estar conseguindo coordenar seus pensamentos.

Adriana tinha certeza de que havia deixado sua mãe na porta do consultório. Resolveu verificar. Ligou para lá e a atendente confirmou que Sílvia havia estado lá naquela manhã. A jovem ficou intrigada sem saber qual o motivo que estaria levando sua mãe a esconder que fora ao médico. Estaria ela com alguma doença séria e não queria dizer nada para não preocupá-la?

Na manhã seguinte foi, pessoalmente, conversar com o médico. Doutor Vitor tranquilizou-a. Estava tudo bem. Os exames estavam ótimos, dentro do esperado. Então, por que ela teimava em dizer que não havia saído? Aquilo era muito estranho.

Dias mais tarde, antes de sair para o trabalho, Adrina avisou que traria umas amigas da faculdade para fazerem um trabalho em grupo e pediu que a mãe preparasse um lanche para recebê-las.

À noite, ao ver a filha chegar com as amigas, Sílvia mostrou-se surpresa e reclamou por não ter sido avisada.

Adriana ficou pensativa e não conseguia concentrar-se no trabalho. Tinha certeza de que naquela manhã, antes de sair, avisara à mãe sobre a vinda das amigas e agora ela parecia não saber de nada.

Sílvia sempre tivera boa memória. Era só começar a falar de festas, de namorados, ou de fatos da infância, que ela vinha com suas histórias. Lembrava-se de tudo, nos mínimos detalhes. Até da cor da roupa que usava em cada ocasião. E agora, aqueles esquecimentos assim tão freqüentes, estavam deixando Adriana preocupada.

Terminados os trabalhos, a jovem despediu-se das amigas e foi até a cozinha. Não encontrou ninguém. Procurou na sala e Sílvia também não estava lá. Procurou pela casa toda e não a encontrou em lugar algum. Aquele desaparecimento a estava deixando muito preocupada. Aquilo não era normal.

http://marysiaraposo.blogspot.com/

https://www.facebook.com/marysia.raposo

Matheus Cardoso

Rio de Janeiro/RJ

Vênus

Te vejo
à noite
em Vênus

brilhando
como a
estrela
que és

estrela
cadente
que passa
e leva
junto
meus sonhos

é triste
saber que
um dia
a estrela
se apaga
e morre

quando
eu achava
que elas
eram as
pessoas
que morreram
era mais
bonito

mas, mesmo sofrendo,
espero sempre
poder ver-te
no céu
no universo

se sofro,
estou vivo.
e nunca me
senti tão
vivo quanto
hoje,
ao observar-te
em Vênus.

https://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=204988

Nercy Grabellos

Rio de Janeiro/RJ

A Padroeira

Quando fomos ao Santuário Nacional de Aparecida do Norte, com meu irmão doente, eu e minha filha o levamos, após inúmeros pedidos, embora soubéssemos que seria sacrificado.

A viagem foi muito penosa, pegamos a estrada e ele reclamando dos problemas de saúde. Nós o medicamos, pensando até que ponto valeria tanto sacrifício, mas como negar o pedido a um doente?

Após horas de penosa viagem, chegamos na entrada do estacionamento do Santuário, ali quase nos impuseram a compra de fitas e santinhos. Lembramos de Jesus expulsando os vendilhões do templo.

Nós chegamos enfim, fomos ao banheiro e almoçamos, com a praça de alimentação lotada tivemos que ter paciência até arranjar uma mesa, a comida self service estava razoável. Enfim fomos visitar o Santuário, lindo, imponente, vimos a imagem, réplica daquela que encontraram no Rio Paraíba do Sul. A santa foi encontrada por pescadores que relataram

as dificuldades na pesca naquele dia, não conseguiam pescar nada, até que na rede veio a imagem. No primeiro momento a imagem sem a cabeça, no segundo momento o restante e a rede repleta de peixes. Reconhecido como um grande milagre a santa passou a ser reverenciada e romarias passaram a procurá-la na casa dos pescadores.

Com o tempo foi construída uma pequena igreja para os cultos, mas o espaço não era suficiente para os romeiros, foi assim que o Santuário foi construído. Eu e meu irmão conhecemos a antiga igrejinha, mas a vontade de conhecer a atual era muito grande.

Nossa Senhora Aparecida, a santinha negra, parece desafiar aqueles que não aceitam as diferenças. A Padroeira do Brasil veio para mostrar toda bravura e beleza de uma raça, somos todos Brasil! Ficamos comovidos com a fé das pessoas. O meu irmão, apesar das dificuldades da viagem realizou o sonho de conhecer o Santuário e ainda aceitou ir ao teleférico onde, no alto pode ver tudo de um modo muito especial

Nilde Serejo

São Luís/MA

Aprendendo a Viver

Saí cedo de estômago vazio
Porém cheio de esperanças
Caminhei quilômetros barulhentos
Esbarrando em inúmeros problemas
E mesmo quando tudo se faz silêncio
Dentro de mim, grita
A viagem é longa
E meus passos tão curtos
Medo de passar por cima
De uma oportunidade perdida
Vou colhendo as pedras do caminho
E mais na frente construirei meu castelo
Firme e resistente
Para que energias negativas
Jamais possam me atingir
E revirar todo meu eu
Num instante.

https://www.facebook.com/NildeSerejoOficial/

Nilson Edson Mesquita Rodrigues

Capanema/PA

Detalhes da Natureza

Rebusco meu olhar
vasculho minha morada
abraço a lida
temporizo a vida

Não encontro um sequer
numa rua de metrópoles
na maior tecnologia
nos avanços científicos
na gestão mais avançada

Nada se compara
nem no mínimo
ou no máximo

Uma visão de harmonia
uma beleza desproporcional
uma delícia de se ver.

Paula Peregrina

Rio de Janeiro/RJ

Afetos usados

Porque o amor nasce com a gente ele não fica em conserva, é rodado, vadio, passa por muitas mãos sem chegar a tocar o espírito, se desgasta e depois se revigora, parte para novas jornadas, dedicamos palavras, músicas, canções, damos a todas as artes o nome de uma pessoa que tempos depois se torna pouco mais ou pouco menos que uma memória.

Porque o amor não fica guardado em conserva ele vive e se transforma, ganha traços e formas, envelhece ou amadurece, adoece e até morre mesmo, renasce, toma outras feições, aprende coragem e medo, sabedoria talvez, mas nunca sábio em demasia, sua natureza é a do choque com a razão em busca de torná-la menos endurecida.

Com o tempo pode ser que ele fique dormente, traumatizado, cheio de cascas a serem arrancadas, das feridas trincadas, acumuladas umas sobre as outras, monstruoso, corcunda, dolorido, frágil, defensivo movido por seu instinto de sobrevivência, porque sim, o amor é animal que resiste no humano, para torná-lo mais humano.

E pode ser que depois de tanto pelejar, errar vagabundo nas brechas da vida, sufocado e diminuído pelas desilusões também, pelas obrigações e responsabilidades que vêm e aumentam, pela saúde que buscamos suprir e evitando-o porque nos deixa vulnerável à paixão encarada como doença, encolhido ele permaneça quieto, silencioso, meditativo, até não poder mais.

Porque amar é uma escolha como tantas outras da vida, mas diferente por ser inevitável, quando contido o ato, as iniciativas do amor, sempre há que se prender em camisas de forças, se esconder em abismos profundos, em cavernas escuras, em aquários fechados, isolados do mundo, aleijando a alma, só metade da vida.

E porque não podemos evitar amar sem sermos mutilados na alma, o amor é vadio, promíscuo e passa por várias mãos, até que quando toca um espírito, e se revigora, e revive, pode ser que tenhamos que repetir palavras, declarações de afetos usados, oferecer aquelas velhas músicas que antes foram dedicadas às pessoas erradas.

Parece então desprovido de valor, porque nos convencem em algum momento da vida que precioso é o intocado, o virgem, o único. Mas justamente por sermos tão rodados, deixamos isso de lado e descobrimos que era dessa crença que vinha a dor. Podemos então sem culpa repetir, amar de novo e descobrir, que o amor é uma trajetória, às vezes só, às vezes acompanhado, nasce com a gente e segue.

Porque o amor é uma relíquia.

Paulo Cezar Tórtora
Rio de Janeiro/RJ

XEQUE-MATE

Xadrez, jogo-ciência a imitar a vida:
Na arena alvinegra, o quadriculado,
Os bandos pelejam, fúria incontida!
A Torre imponente, o Corcel alado,

A Dama altiva, pelo Bispo ungida,
Peões pertinazes, parcos soldados,
Atacam febris em insana lida
Num rastro de corpos dilacerados.

Na via tortuosa de nossa existência
Buscando ilusões, sonhos ou amor,
Onde a derrota é desonra e inclemência

Nós somos Peões e Reis em combate
Competindo até o crucial estertor
A hora abissal, o fim — Xeque-Mate!

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Preconceito de Raça

Salomão acordou meio enfadado, um tanto desalentado. Não era para menos, há dias vinha se empenhando em procurar uns afazeres que lhe trouxesse estabilidade. Estava cansado da madorra do dia a dia. Cansara das maçadas cotidianas; já não sabia onde procurar uma ocupação que o alentasse. Estava enfastiado com aquela vidinha sem lucros, já não suportava aquelas correrias atrás de pneu de carros, aguentar aqueles horríveis gás carbônicos fumarentos dos escapes das motos no focinho. Viver a lamber ossos já ruídos de tantas e tantas bocas. Decidira, então, a procurar um emprego.

Antes, porém, iria dar uma passadinha na porta do açougue, quem sabe logo cedo encontrasse um osso carnudo. Decidido, tirou o rabo de entre as pernas; para demonstrar dignidade, ergueu os quartos, abriu a boca num bocejo bem espichado, deu umas passadas de patas nas orelhas, esticou as pernas dianteiras depois a esquerda, se espreguiçou, deu uma fungada no ar e seguiu até a porta do açougue. Lá chegando o que ganhou foi um balde de água suja nas fuças, jogada pelo desgraçado do açougueiro. "Filho de uma... Logo cedo da manhã receber uma cacetada dessas é de arrebentar qualquer um..." – rosnou Salomão para consigo mesmo, certamente muito indignado – Mas não há de ser nada... Hoje é dia de feira no bairro, lá devo arrumar alguma coisa para o desjejum. – presumiu ele.

Na feira perambulou por trás de umas barracas, mordiscou umas frutas e legumes, mas esses não eram dos gêneros alimentícios que lhe abriam o apetite, principalmente sendo de manhã cedo ainda. Pela manhã o bom mesmo era um bom osso carnudo, mas fruta, eca! A banca de peixe estava jogando fora umas barbatanas e uns rabos, mas esse era o tipo de comida para aqueles babacas dos

gatos, racinha de merda! – divagava ele em suas ranzinzas de cão. – Mas logo percebeu seu preconceito, coisa que ele tanto cobrava nos outros, então pediu desculpas para ele mesmo pela gafe cometida.

Enfim, andou, andou e não tirou proveito de nada; só tempo perdido. O melhor mesmo era ir cuidar da vida como havia planejado, achar um emprego urgente, sair dessa vida indigente! E caminhou sentido à cidade.

Em lá chegando, depois de umas incansáveis corridas na tentativa de urinar numa roda de automóvel em movimento, ou morder um calcanhar de motoqueiro, pegou rumo por uma calçada cheia de transeuntes que lhe atrapalhava sua visão nas placas de "PRECISA-SE DE EMPREGADOS". Por fim deparou-se com uma muito boa na marquise de uma empresa, e leu as exigências para o cargo: "O CANDIDATO DEVE DIGITAR 70 PALAVRAS POR MINUTO, NO MÍNIMO; TER CONHECIMENTOS SÓLIDOS DE COMPUTAÇÃO E SER BILÍNGUE. EMPREGADOR LIBERAL NÃO DISCRIMINA CANDIDATOS."

Salomão, num misto de entusiasmo e ansiedade, deu uma balançada de rabo para mostrar que apreciara a deferência, e adentrou resoluto pela loja em direção ao RH com a clara intenção de candidatar-se a vaga. Mas foi rapidamente rejeitado.

— Não posso contratar um cachorro para o emprego – disse o entrevistador –

Salomão, indignado com a rejeição, pegou da mão do cidadão e o conduzi até a vitrine onde estava exposta a placa e lhe apontou a "não discriminação", e também mostrou a referência ao caráter liberal do empregador nela escrita.

O entrevistador, a contragosto e meio ressabiado, suspirou titubeante e respondeu:

— Mas você sabe digitar?

Salomão, sem rodeio e sem nenhum embaraço, dirigiu-se ao computador e sentou-se. E numa agilidade extraordinária digitou uma carta, com as quatro patas, suas próprias apresentações em uma lauda com cerca de 2400 caracteres em menos de dez minutos – o chefe mais do que impressionado e um tanto incomodado com tanta presunção daquele vira-lata, o inquiriu:

— Entende de computação, programação e *web design*?

Salomão deu mais uma balançada de rabo, não só por um pouco de alegria, mas, muito mais, para exaltar a dignidade canina. E mais lépido que uma lebre, empenhou-se na criação de uma bela página para o Facebook para a própria empresa. O que foi motivo de admiração e elogios pelos demais concorrentes a vaga que estavam presente.

O gerente continuou em sua relutância em contratá-lo. E já exasperado disse:

— Você tem muitas qualidades, mas preciso de um funcionário que seja bilíngue, e pelo que tenho conhecimento, cachorro não fala outra língua se não as dos cachorros mesmos, certo?

Ah!, o Salomão não vacilou, e o encarou com o ponto mais alto da sua dignidade. Olhou nos olhos do sujeito com toda empáfia que Deus lhe deu, e na cara dele proferiu dois sonoros: Miau! Miau!...

E se retirou do local sem esperar por mais uma discriminação.

*****

Ainda um tanto transtornado saiu a falar com seus botões. Sem perspectivas, estava se atordoando. Era urgente arrumar um trabalho, mas como arrumar uma vaga de emprego decente se a sua condição de cachorro era um problema insolúvel para uma sociedade mergulhada no preconceito. Já não bastassem contra os negros, os homossexuais, os deficientes, os pobres; e até para com os animais que, eles os humanos, hipocritamente dizem gostar tanto, que os cachorros são os melhores amigos do homem. É esse o troco que recebe? A rejeição, o desprezo, a indiferença, essa discriminação tão cruel?

Nessas conjecturas ia Salomão caminhando, quando se depara com um centro de convenções, onde uma placa lhe chamou a atenção, que dizia: "SEMINÁRIO SOBRE O TEMPO E O SILÊNCIO DA CRIANÇA". Ele que se dizia um apaixonado por criança e que tem interesse por tudo o que diga respeito a elas, e como não estava atinando o que fazer com o seu próprio tempo, entrou sem titubear. E foi se roçando pelas pernas de um, passando por baixo de outras, até chegar num grande auditório. "Hum!, estava quase cheio." – observou ele – Não quis sentar nas cadeiras dos humanos, não queria chamar muita atenção. Encostou-se numa lateral do corredor; baixou os quartos traseiros, e se apoiou nas patas dianteiras, com as nádegas no chão. "Nádegas! Quem chama isso de nádegas ou bunda nunca viu um separador de pernas." – resmungou Salomão, achando graça de seu comentário idiota.

A conferência estava começando. Falavam, como dito no cartaz, sobre o tempo e o silêncio das crianças em formação. Os palestrantes debatiam com entusiasmo o assunto.

Salomão começou a achar estranho: "Oras um seminário sobre crianças, mas cadê as crianças? Só sendo coisa de humanos mesmo!... Onde já se viu tratar de criança, sem a participação das próprias, que são as mais interessadas!..."

Quando num repente, Salomão começou a sentir um aperto: vontade de urinar. Mas não tendo ali nenhum poste nem um arbusto por perto, ao encontrar uma perna encostada na parede resolveu que ali mesmo iria dar uma pequena descarga urinária. "Hum!, pra quê!..." – constatando a besteira que fizera – Logo recebeu de chofre uma enxurrada de palavrões acompanhados de chutes e tabefes por todos os lados. E expulso sumariamente do local.

Acabrunhado, com o rabo entre as pernas, foi saindo de mansinho, mais que indignado, envergonhado com mais esta desfeita dos humanos para com ele.

Ao passar pela recepção, umas belíssimas senhoritas, distribuíam balas, revistas e livros infantis. Que amavelmente lhe ofereceram alguns exemplares. Bala ele não quis, mas pegou alguns livros e revistas em quadrinhos. Lembrou de quando, no seu bairro onde vivia, sempre que fazia um pequeno plantão no ponto de ônibus, de manhã cedo, a meditar sobre os imbróglios e mazelas da vida, das monótonas paisagens em preto e branco que só ele via, passavam um tanto de crianças a caminho da escola e lhe afagavam a cabeça com suas delicadas mãozinhas... Iria levar umas revistinhas para elas, iriam gostar. Nesses pensamentos tomou a rua de novo, com as revistas sobre as costas.

Caminhou, caminhou, quando ao passar à frente de um jardim um tanto descuidado. Maltratado mesmo. Parou um pouco e ficou a observar com certa comoção: como seria bom um jardim bonito, ali de frente para a rua. O quanto não iria alegrar o visual do bairro! Quando de repente observa que duas rosas conversavam dissimuladamente entre si. Aguçou os ouvidos que, como é sabido, os cães são uns privilegiados com o sentido da audição, mas ele procurou ficar mais atento, pois as rosas, em verdade, cochichavam. Pôs-se, então a ouvi-las com muita atenção. Do que conversam as rosas, oras! E lançou um olhar ao todo do jardim na intenção de ver se havia mais algum interlocutor. Não havia. Eram só as duas rosas mesmas. Havia sim, mais ao canto três bromélias, mas estavam mudas. Era mesmo de se admirar duas rosas conversando!

As rosas por costume importam pouco ou quase nada com os problemas alheios. E esse hábito, em não cuidar da vida dos outros, explica-se em virtude da curta duração de suas efêmeras vidas, evidente que não era nada proveitoso desperdiçarem seu precioso e fugaz tempo com as picuinhas alheias. Além do que as rosas bem sabem que dos humanos não lhes guardam mágoas, visto serem elas mote para suas poesias, com belas palavras de amor; aromas a servir suas águas de cheiro, bálsamos aos olfatos dos enamorados; e todos os olhos as veem com carinho, admiração e afeto. Era este prosear que Salomão ouvia. Quando ouviu uma menção a ele, do qual se surpreendeu.

— Ei, você aí, que está nos espiando...

— Eu?...

— É você mesmo que vinha conversando com seus botões.

— Não, só estava dando uma olhadinha mesmo!

— Ora, não se abespinhe, entre na conversa conosco... O que acha dessas nossas considerações com respeito aos humanos?

— É bem interessante, mas eu sou meio bronco quanto a isso. Vocês são notáveis no entendimento sobre os humanos. Eu já não posso dizer o mesmo...

— Ora, mas por que tanta contrariedade?

— Ora, só hoje já sofri três bordoadas, uma logo cedo ao mendigar um osso para roer como desjejum. O desinfeliz do açougueiro me tacou um balde de água suja nos meus focinhos e o outro, agora a pouco, ali no centro de convenções: sofri uns sopapos e me expulsaram do auditório. E o pior: Ao me candidatar a uma vaga de emprego, em que pese eu passar em todos os testes para a vaga que eles pediam, não me contrataram pelo simples fato de eu ser cachorro, vocês acham isso justo?... Mas como eu estava dizendo, só estava observando o jardim e percebi que vocês estão um pouco maltratadas, sofrendo de falta de cuidados, até me parece que vocês estão com sede, não sabe me dizer se estão precisando de um jardineiro?

— E você seria esse tal jardineiro que se oferece?

— Sim, eu mesmo, estou precisando muito de um emprego.

— Ora, ora! Precisamos sim, não queira saber o valor de um jardineiro para as rosas! Eles nos são o bem maior que podemos ter! São eles que nos dão amor, carinho e todos os cuidados que precisamos ter!

— Pois então, vocês não me querem como o cuidador de vocês, serei seu jardineiro para todas as horas?

— Ora, querer nós queremos, mas não temos como lhe pagar, há não ser que a nossa humana lhe contrate. Por que você não fala com ela?... Eh, olha, lá vem vindo ela!... Vá, fale com ela!

De pronto Salomão, se empertigou todo, aprumou o espinhaço, deu uma leve balançadinha de rabo, para demonstrar um pouco de satisfação, para quem sabe sua futura humana?

Não deu outra, logo as rosas, num espalhafato de entusiasmo, se alvoroçaram numa algazarra só. – e gritaram na maior euforia:

— Lili, Lili!... Olhe esse cachorrão está querendo ser nosso jardineiro. Fale com ele!... Contrate-o!

— Oh, que bonito!... Quem é você mocinho, como se chama!... Eu sou a Lili. – e logo passou a mão em sua cabeçorra acariciando-a.

Ah, o rabo do Salomão só faltou pular fora do corpo de tanto que balançou, mais parecia um para-brisa em tempo de tempestade, de tanta alegria.

— Meu nome é Salomão...

— Oh, mas que nome tão esquisito para um cachorro tão lindão!..

— (Ah, lá vem os preconceitos de novo). – balbuciou Salomão, mas engoliu seco e disse – Estou procurando emprego, então eu vi esse seu jardim tão depauperado e resolvi me oferecer para aquelas rosas como jardineiro. Elas falaram para eu falar com a senhorita.

— Oh, mais que gentil, que amável! Principalmente vindo de um cão tão charmoso!... Mas o meu caso é tão sério quanto o seu. Eu também estou desempregada, por isso que meu jardim está tão maltratado... Mas se você não se importar de trabalhar só por comida, dormida, um banho gostoso todo dia e muito carinho... O emprego é todo seu!

Salomão, mais uma vez, agitou o rabo como nunca e falou bonito como nunca:

— Oh, amabilíssima dama, como bem disse Epicuro:

"Tu, que não és senhor do teu amanhã, não adies o momento de gozar o prazer possível! Consumimos nossa vida a esperar e morremos empenhados nessa espera do prazer."

E pelo que sinto, chegou à hora de esquecer as amarguras da rua e vir para dentro de casa! É aqui que viverei de muito gosto neste mar de rosas!

E disse para consigo mesmo: "Para aquilo que não se pode ser a gente olha através."

.

https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.5

Paulo Vasconcellos
Capanema/PA

Paradoxos

Regram-se as palavras ditas em vão
Sob a custódia do dissabor
Franquiada pelos que não acreditam na realidade
Cujo viés é a falta de entusiasmo
Muitas vezes quebrada por causa da insubordinação.
Façamos estudos minuciosos
Para o controle do desiquilíbrio
Causado por tantos fatores
Que atrapalham o caminhar
De quem é compromissado
Com a verdade e seus signatários
Envolvidos mutuamente
Posicionando-se entre altos e baixos
Influenciados por alguns descrentes
Que violam os princípios éticos
Entretanto, existem os otimistas,
Que controlam os seus atos
Que progridem com as suas proposições
E quebram inúmeros paradigmas
Ressalvados pelas correntes profícuas
Referendadas em dimensões que superam a virtuosidade.

Pedro Guerra Demingos

Porto Alegre/RS

Soneto da Estrela

Achei no céu da cidade uma estrela
Que brilhava sobre um mar de estrelinhas,
E era tão bela que era melhor tê-la
O mundo inteirinho a tê-la só minha.

Mas parecia tão, mas tão sozinha
Que achei que ninguém mais pudesse vê-la,
E soube que era só do amor que eu tinha
Que vinha o fogo que a fazia estrela.

E amei-a tanto e, por tanto eu amá-la,
Fiz que queimasse sua alma e a minha
Num fogo que grita, um fogo que cala.

Queimou todo o céu, e a terra queimou,
Pois não era pouco o amor que eu lhe tinha
E era todo ele fogo – e se acabou.

Raoult Ameixa

Lisboa – Portugal

Poemas sem verbos

Aquando flor poente,
Vasto e extenso vale.
Por lá? Água e gente,
Techno minimal.

Agropecuária
Um tanto intensiva.
Societal pária
Incompreensível.

Neste céu azul,
Sol vadio brilhante.
Diferença gritante
Do Norte p'ro Sul.

Do norte, ondas vêlhas
Na areia. Apáticas,
As sabogas estáticas,
Mortiças savelhas.

Escama: Primavera;
Eu cão, ela fera.
Fascínio febril,
Vida louca a mil.

Um cavalo e um cão,
Águia num avião.
Pedalante louca
Linda, pão à boca.

'stranha minha dona
(Com que catatua).
Atitude; a sua?

O’ antes metadona?

Na boca mei(o) selo
Sua mão em meu pelo
“(E)xplendido o agora!”
U’ inteiro há uma hora

Cotão flutuante
À deriva alarde.
Algo impressionante
‘ste Techno à tarde

Mudança evidente
De sítio p’ra bairro
Vaipes de frio quente
P’la ‘spinha, tal... ¡AiRo-!

(Puxão, tropeção)
-Gério! (Quase no chão).
“Célebre lanceiro,
Hem? Torpe rafeiro”

...E qual... Hmm, perdido
(Outro e banal) rumo.
“M’nha ‘ncora!”. (Mugido!).
Na mão um fio de prumo.

Sem questão, vital
À sobrevivência.
Droga? O meu aval
Só com sapiência.

Meados de quinze,
Ser Renascimento.
Sufixo de cinze?:
-Eiro. Cão fragmento.

Meus olhos-perdiz
(Leve cheiro a anis)

Focados no passo,
Cada um, um terraço.

(Fumo em forma humana).
Ligeirinha sombra
Luzente, num' a ana
De tapete alfombra.

Terror de seguida
Quando sua íris
Abalada; f'rida
Mão dada a Osíris.

Pedras nesta base,
Calcanhar no ar
Mas corpo no lar.
Ascensão; 'ma fase.

Nada de repente,
Luz, no outro lado.
Limite da lente
Jamais um quadrado.

Rolas e trovões.
Átrios solidões
Bem afeiçoados,
D'ecos povoados.

Máscara andaluza
No auge da parede,
Morena com sede.
Memória difusa.

Na m'nha manta em casa.
Desvio sideral
Rematado; rasa
Ânsia visceral.

Regina Ruth Rincon Caires
Campinas/Araçatuba/SP

Santo segredo

No canto do quarto, no restolho de um berço, Zaqueu dormia. Aquele arremedo de cama, sem grades laterais, havia servido como abrigo de muitos rebentos, ali, por aquelas paragens. De tamanho reduzido, não permitia que o menino esticasse as pernas. Dormia como vivia: encolhido. Não reclamava, era o suficiente.

Pareada com a dele, a cama grande da mãe era dividida entre ela, Gerusa – a filha mais velha, já moça, e a caçulinha. Mais lá no canto, dormiam os gêmeos, um cheirando o pé do outro. O espaço era abarrotado, sobrava apenas um vão para a velha cômoda, perto da porta. Móvel imenso, carregado por gerações. E, sobre a cômoda, a santa.

Desde os quatro anos, Zaqueu passou a coabitar com a santa. Até então, era apenas uma peça de barro, um adereço que a mãe cuidava com muita afeição e que servia para escorar um puído rosário que lhe era enlaçado nos ombros.

De início, a convivência com a santa foi turbulenta. Tempo de pavor, de gritaria, de desespero. Um desassossego só. Período sem entendimento. Foram muitos tapas, beliscões, conflitos, engalfinhamentos. Ninguém compreendia as atitudes de Zaqueu. Era desacreditado, tido como doido. Mas, não era. Só ele sabia que não era. Só ele, não. Ele e a santa.

Nem bem escurecia, não restava opção que não fosse se aninhar. O dia levava, com a sua claridade, as brincadeiras, o andar sem rumo, a largueza de correr pela estrada tentando chegar ao encontro do céu e da terra, lá no fim, no mesmo lugar em que se esconde o pote de ouro. E todos se recolhiam. A mãe e a irmã mais velha, cansadas com a trabalheira do dia, dormiam assim que colocavam o corpo na cama. Parecia desmaio. Os gêmeos ficavam arreliando por um tempo, mas logo o sono os vencia. A caçula, pendurada na mirrada teta da mãe, resmungava por pouco tempo.

Zaqueu, não. Lutava contra uma insônia sem nome. Remexia-se tanto na minúscula cama que o pano amarfanhado que forrava o colchão escapava das beiradas. E, aí, nessa briga de pernas, tudo começou.

Em noite de lua, com a claridade que vazava as telhas desalinhadas, conseguia divisar os vultos da mãe, dos irmãos. Mas, nas noites negras, na pretura do quarto, não via nada, absolutamente nada. E observava tudo isso quando estava deitado, com a cabeça levemente alteada pelo surrado travesseiro. Tinha uma visão turva do ambiente, menos da santa. Ela estava sempre lá, no lugar mais alto, imponente. O rosto era suave, havia mansidão naquelas mãos em gesto de dar, de receber. Era bonita. A cobra sob os pés era o

incômodo. O menino não entendia a razão de aquela cobra fazer parte do adorno. Mau gosto.

Nesse tempo, Zaqueu não tinha mais que quatro anos. Não havia razão aparente para a falta de sono. O corpo estava sempre cansado das estripulias do dia, a comida era pouca, mas costumeira. Só o que lhe cutucava o sossego era a saudade do pai. Havia partido em busca do sonho sulista logo que a mãe embarrigou da caçula. Até ali, nada de notícia. Era só essa amolação que ele remoía. Nada mais. Era uma saudade tão aguda que não tinha dia que Zaqueu não apertasse os olhos para tentar ver o pai despontar lá longe, na estrada, voltando.

E, numa noite, num repente, Zaqueu olhou o vulto da santa e percebeu que o quarto começou a ficar iluminado. Era uma luz tão intensa que emanava das mãos e da cabeça da santa que parecia feixe de raios incandescentes. A potência da luz era tamanha que ofuscava totalmente a visão, alucinava, cegava. Queimava os olhos. Não havia como olhar demoradamente naquela direção. E Zaqueu, assustado, gritava, se debatia, pedia para que a mãe desviasse aquela luz.

A mãe, sem entender o pavor da criança, tentava, de todas as formas, acalmar Zaqueu. Sentia angústia quando ouvia os gritos em razão de não compreender de qual luz ele falava, que claridade era aquela que ninguém mais via! Querendo engolir a dor que teimava em lhe castigar o peito e lutando para enxotar o pensamento de que o filho era leso das ideias, a mãe ralhava com o menino em altos brados, tentava fechar-lhe a boca, dava-lhe beliscões como se quisesse trazê-lo para a realidade. Ordenava que ele se calasse, que parasse com aquele berreiro que tirava o sossego das crianças.

E nada. A cena se repetiu por muito tempo. Zaqueu chorava e gritava até perder o fôlego e adormecer, exausto.

A caçulinha já corria sozinha por todos os cantos quando, pela primeira vez, após meses e meses de constantes crises de pavor, Zaqueu não se incomodou com as luzes. Não gritou, não esbravejou. Aliás, naquela noite, a santa não ficou iluminada. O menino dormiu encolhido, mansamente. O sono era tão profundo e sereno que, sentindo os sacolejos, Zaqueu despertou totalmente confuso. Custou a perceber que a mulher que o tocava não era a mãe. Era a santa. E não ficou assustado. Não gritou, nem esperneou. Sentou-se, rapidamente. Apesar da escuridão da noite, via, com nitidez, a figura angelical ao seu lado.

Com calma, a santa acomodou-se, acariciou os cabelos do menino e tomou-lhe as mãos. Arrepiado, olhou para os pés dela. Ainda bem que a cobra não estava lá. Sentiu um alívio.

A santa, amorosamente, dizia que Zaqueu não precisava temer a presença dela, que seriam grandes amigos. Sussurrou que estava se sentindo sozinha, que queria conversar, que sofria quando Zaqueu olhava para ela e punha-se a gritar, que nunca teve a intenção de assustá-lo. Ele perguntou a razão do silêncio da

santa por todos aqueles anos, que ela poderia ter falado com ele, que ele a teria ouvido. Ela retrucou que não, que ele precisava de um tempo para amadurecer, e que, agora, com sete anos, Zaqueu teria a capacidade de compreender e que conseguiria guardar segredo da amizade deles, e se o menino falasse sobre isso com alguém, iria voltar para a condição de amalucado.

Naquela noite, não conversaram muito. Reservaram tempo para pensar sobre o encontro, sobre as sensações. E, vendo que o menino estava sonolento, a santa, sussurrando, entoou uma cantiga de ninar. A melodia na voz tão doce, logo trouxe o silêncio.

Ao acordar, Zaqueu colocou-se diante da santa e, com um sorriso travesso, enviou-lhe uma piscadela. Sentia-se seguro, confiante. Teria um dia ainda mais completo. Passou pela mãe esperando que ela bronqueasse com o falatório da noite. Imaginava que ela tivesse escutado a conversa dele com a santa. Nada. Ninguém tocou no assunto.

Que vontade de contar! Mas não podia, era trato guardar segredo. Um dia alguém iria perguntar. Até lá, não teria que se preocupar. Levou tempo para ficar convencido de que a conversa com a santa não era percebida por outros ouvidos. Sentiu-se confortado. Teriam muita liberdade nas conversas. E quantas aconteceram. Encontrava na santa a melhor amiga, a conselheira, a parceira de risadas gostosas, a confidente. Artífice da esperança.

Demorou a falar sobre a saudade do pai. Por muitas vezes, planejou perguntar sobre a volta dele. Sabia que a santa guardava segredos sobre este assunto, que conhecia os seus sentimentos. Mas tinha medo de ouvir a resposta.

Zaqueu desenvolvia, a cada dia, uma tolerância amorosa com os irmãos, estava sempre de prontidão para amainar as rusgas entre eles, vivia uma ligação de profundo afeto e esmerada proteção com a mãe. Apesar da dificuldade da vida, do pouco, a paz era infinita.

De começo, a mãe ficou confusa com a parada da gritaria e do choro. Observava de longe. Ruminou pensamentos por algum tempo, ficou cismada, mas como a vida já havia lhe cobrado tanto, entregou-se à ventura. Assim era melhor, muito melhor...

Uma noite, resolveu falar com a santa sobre o pai. Perguntou se ele voltaria algum dia. Depois que fez a pergunta, o coração pulava no peito. Queria ouvir, mas queria que a resposta fosse aquela que precisava ouvir. Mas não ouviu nada. A santa não falou. Reservada, combinou que a resposta seria buscada por eles dois, era um novo compromisso.

Sem entender, Zaqueu nunca mais tocou no assunto.

E, nesse compasso, a vida seguia. A irmã mais velha já estava casada, os gêmeos eram homens feitos, trabalhadores. Zaqueu era um jovem cheio de sonhos. O maior deles: o sonho sulista. Falava sempre com a santa sobre o desejo de pousar em outras terras. E sentia que este tempo havia chegado. A mãe acompanhava os planos, dolorida.

Numa última conversa, sem que ele soubesse que assim seria, a santa, com a mesma ternura, com o mesmo cuidado de todos aqueles anos, alisava os cabelos de Zaqueu e dizia que, chegando ao destino, ele encontraria a resposta que mais buscou ouvir. Que lá, no desembarque, terminaria o compromisso que eles tinham selado. Que, então, seria o fim de um tempo e o início de outro. E foi um abraço longo, um abraço de adeus. O menino, que deixara de ser menino, percebeu que seria o último encontro. Não questionou, não pediu, não implorou. Compreendeu. A santa ficaria ali, sobre a velha cômoda. Era o seu canto.

Em meio a choros e despedidas, bagagem carregada de sonhos, Zaqueu partiu.

Naquela noite, não haveria conversa com a santa. Nem na outra, nem na outra...

Três dias depois, o ônibus chega ao destino.

O dia acaba de clarear, o sol desponta com uma luminosidade intensa, parece que labaredas brotam do céu. Zaqueu protege os olhos. Desta vez, a claridade descomunal não o faz gritar, nem chorar. Não sente pavor, não sente medo. Compreende.

De repente, ouve chamar pelo seu nome. Demora um tempo para assimilar. Vira-se devagar e percebe que o velho ao seu lado diz: "meu filho"...

Nas mãos dele, uma fotografia. A mesma foto que Zaqueu tirou, dias atrás, para fazer os documentos.

Olharam-se, profundamente, em silêncio. E foi um abraço longo, um abraço de saudade.

Rian Lucas
Poço Dantas/PB

Um desabafo espontâneo

Cho-rar: duas sílabas e seis letras.
Eu choro quando desabo e percebo que,
no final, sou eu por eu mesmo;
quando acho que não vou suportar mais um dia;
quando penso em desistir.

Eu choro quando as coisas ficam praticamente impossíveis;
eu choro porque alivia;
eu choro, porque, afinal:
chorar não é para os fracos, é para os fortes
por isso que eu choro.

Choro quando as coisas não saem como foram planejadas
entretanto, tá tudo bem!
Eu sempre fui fã do inesperado.

Porque nessa vida, meu bem,
você irá encontrar pessoas cruéis demais
mas você também encontrará pessoas incríveis
que te faça perceber que a vida ainda pode ser bela.

Portanto, não vale a pena desistir agora
pois com dores ou sem;
com alguém ou sem ninguém,
a gente sempre segue em frente.

Entrego-lhe, portanto, liberdade para entrar aqui
revirar-me por dentro e me conhecer,
assim como também te dou liberdade para partir
(caso se assuste com a bagunça).

Afinal, amar também é deixar ir
mesmo que eu minta e diga que não dói
mas no fundo, muita coisa ainda te pertence.

De vez em quando, a ferida ainda sangra.
E embora essa dor pareça diferente das outras
e pareça que vai durar para sempre
o tempo passa e os sentimentos amenizam
e logo, logo, você fica bem de novo.

Não será sua primeira decepção no amor
e talvez também não seja a última.
Mas eu te garanto:
A dor passa e, no final, as coisas sempre se ajeitam.

Mas, arrepender-se? Eu? Jamais!
Não me arrependo das minhas falhas
muito menos de nenhum dos meus fracassos.

Todos os meus aprendizados foram válidos
Eles me tornaram a pessoa que sou hoje:
muito mais madura e resistente a tribulações.

Ricardo Moncorvo Tonet

Amparo/SP

Perdi...

Todo o sábado, nos dias que não tem jogo, levanto cedo para levar meu filho para o treino de futebol. Vida de mãe que trabalha fora durante todos os dias úteis da semana não é nada fácil! Assim, no final de semana procuro estar mais presente na vida familiar, especialmente do filho atleta!

Eu fico lá, grudada no alambrado acompanhando cada passo do futuro craque, desde o aquecimento até os treinos específicos de finalização, no time sub – 11 do time da cidade.

Uma hora e meia, duas horas depois ele volta radiante para o carro, feliz da vida, sonhando com um dia chegar a ser um jogador profissional.

Depois de algum silêncio no carro, apenas com uma rádio que tocava alguma música sertaneja do momento, meu filho fala:

— Mãe, quando eu for um jogador profissional, possivelmente quando eu trocar de clube, um clube maior, de maior expressão nacional eu vou ter que mudar..., mas vou dar um jeito de levar você comigo!

Fiquei lisonjeada! E respondi:

— Que alegria meu filho, eu quero estar sempre ao seu lado e acompanhando seu sucesso!

No que ele respondeu:

— Mas primeiro, vou ter que falar com minha namorada!

Falar o quê nesse momento..., contei até dez para não soltar um palavrão e apenas sorri..., um sorriso amarelo.

Meu filho de dez anos ficou ali nos seus sonhos..., e eu com esse sentimento de mãe, que sabe que o filho um dia vai voar..., mas nunca está preparada para aceitar.

OBS: Por incrível que pareça, crônica baseada em fatos reais!

https://ricardomoncorvotonet.blogspot.com/

Ricardo Ryo Goto

São Paulo/SP

Todo mundo odeia o desperdício

Para Rossandro Klinjey

Todos vocês se lembram quando meu pai, com a intenção de aproveitar uma oferta, comprou uma caixa de linguiça que, apesar das variações culinárias feitas por minha mãe, sendo comida no almoço e jantar, durou semanas, deixando-nos com séria aversão a esse alimento.

A Tônia, coitada, ficou "traumatizada" com isso, acho que até hoje evita qualquer prato que tenha esse ingrediente na sua composição.

Eu e o Drew, como nada tínhamos a perder, levamos a coisa numa boa, resignadamente.

Este é apenas um exemplo da idiossincrasia paterna, seu hábito de economizar em tudo.

Trocar cupons de desconto no mercado, fechar a torneira enquanto se escova os dentes ou ensaboa o corpo, desligar as lâmpadas de ambientes desocupados, pegar apenas o necessário para comer e depois "raspar o prato", pesquisar preços antes de comprar, não adquirir por impulso, remendar as roupas e consertar os calçados, são procedimentos comuns na nossa família, incentivados por meu pai e reforçados por minha mãe.

Num mundo consumista como este, onde a tônica é comprar e descartar, estar na moda, usar produtos de "marca", gente como nós andava na contra-mão da história.

Para uma família de 5 pessoas, de classe média baixa, vivendo no Brooklin, era até normal que meu pai tivesse 2 empregos, minha mãe trabalhasse de vez em quando e nós, seus 3 filhos, procurassem seguir o provérbio "tostão poupado é tostão ganho".

Afinal, nenhum de nós queria viver de esmolas, furtos, tráfico, contrabando ou prostituição.

Por isso meus pais faziam questão de ganhar a vida honestamente e fazer render ao máximo o fruto de seu trabalho.

Nem por isso nos faltou o essencial, sendo este encabeçado por Educação .

Claro, nenhum de nós estudou em escola particular, mas sempre fomos incentivados e cobrados em relação a resultados como obter boas notas e passar de ano.

Mas confesso que algumas vezes sentia vergonha por andar com uma roupa remendada (embora limpa e passada), ter que levar um lanche simples enquanto meus colegas comiam pratos mais elaborados na cantina da escola e aproveitar os cadernos com algumas folhas em branco do ano passado para as matérias desse ano.

-Chris, você quer ir ao cinema comigo na quarta-feira?

-Xi, não vai dar, tenho que estudar para a prova de História – desculpava-me para não ter que dizer que não tinha grana.

Mas afinal, o Greg era filho único e seu pai podia bancar os seus desejos.

Quando perguntei a srta. Morello o que achava de uma vida de sacrifícios, de privação das vontades, de ”apertar o cinto” constantemente, ela percebeu a minha angústia e respondeu:

-Chris, você como um afro-descendente é um imigrante num país de oportunidades. Todos que chegam aqui nesta situação vêm em busca de fazer seu “pé-de-meia”. É normal que tenham de se esforçar mais que os outros para realizar seus sonhos. Atingir metas com alguma dose de esforço e sacrifício faz com que o resultado seja mais prazeroso, ao qual damos maior valor.

O Doc pensava da mesma forma:

-Se eu não trabalhasse duro, economizando cada centavo, não teria meu próprio negócio.

Até o Perigo, que não tinha um empreendimento tão honesto, se gabava de ter lutado muito para chegar onde estava.

Mas o mais engraçado foi o comentário do sr. Omar:

-Olha aqui, eu que vivo da desgraça alheia – do falecimento dos outros – tenho que batalhar ainda mais do que os outros para atingir meus objetivos, afinal ninguém morre porque quer.

Acho que, do nosso círculo de relacionamento, apenas o tio Michael tinha opinião contrária, achando que não deveria deixar para amanhã o que pudesse comer hoje, pois, afinal de contas ele vivia sempre de favor, consumindo e usando os bens alheios.

-Chris, não existe refeição grátis. Se você não quer vender o seu almoço para comprar o jantar, tem que trabalhar, produzir e economizar.

Foi dizendo coisas simples como estas que eu aprendi com meu pai a lição mais importante de todas. A de não desperdiçar.

Seja o tempo, o bem material, o conselho, o talento, o dom que temos, enfim, as oportunidades.

Meus pais não tiveram muitas chances, formação intelectual elevada e sofisticada, ou herança de algum parente. Usaram as armas de que dispunham para enfrentar a vida , fizeram o melhor que podiam e transmitiram esses valores a seus descendentes.

Hoje, como profissional que alcançou algum sucesso, entendo perfeitamente bem este legado, mesmo que, por algum momento, sinta a frustração de algum desejo não realizado.

-Oi Chris, vamos ao cinema na quarta-feira?

-Sim Greg, desde que seja para ver um dos meus filmes (1)

(1) Chris Rock, personagem principal do seriado "Todo mundo odeia o Chris" é ator de cinema

Rico Brugi

São Paulo/SP

Tratável

Passa taciturna
em mutismo absoluto, porém
não se engane; ela paira.
Por entre o hífen de uma sílaba,
e no recinto acima dos lábios.
São os hertz, os megahertz,
até mesmo o controle da TV a cabo;
o poste de luz que energiza, e brilha,
o fio de cobre que corta a avenida
e fura a rede de casa, descasca a tinta
da parede, e estraçalha o box
do banheiro, rumo
à medula óssea.

Quando dispor-se
a seguir meus rastros, e então (e logo)
constatar seu campo florido
pétala por pétala avermelhado,
"Perdão," direi eu,
como sempre digo eu,
"é que ando sem sola."

www.recantodasletras.com.br/autores/rbrugi

Robison Sá

Porto da Folha/SE

O Abraço da Navalha

Um raio de sol rebelde invadiu o quarto de Luiza naquela manhã de domingo. Ela se vira para o lado oposto da cama e finge que o dia ainda não havia raiado. A luz a incomodava.

— Luiza? — chama Carla, sua mãe.

O silêncio persistiu no quarto.

— Já são quase oito da manhã — insistiu sua mãe.

Naquele momento, Luiza colocava sua mente para vaguear e, apesar da presença corporal no quarto, o seu verdadeiro eu não estava mais ali. Esses últimos dias estavam sendo difíceis. Além da separação dos seus pais, o seu namoro havia acabado sem muitas explicações.

— Não dá mais, Luiza — disse Roberto, seu namorado. — Podemos ser amigos, caso queira — concluiu.

Depois disso, eles não voltaram mais a se falar. A mágoa de Luiza era grande demais para procurá-lo e aceitar o seu pedido de amizade. Ela não via motivos para esse término abrupto. Já não bastava o encerramento do casamento dos pais? As dores em seu coração eram tantas que, às vezes, não podiam ser percebidas pelo seu cérebro.

— Já estou indo, mãe — ela, enfim, respondeu.

Luiza era uma jovem de 14 anos de idade, de estatura mediana, cabelos escorridos e loiros, olhos ligeiramente esverdeados, corpo de contornos invejáveis e dona de um rosto hipnotizante. No seu colégio, ela nunca foi uma garota popular. Possuía poucas amizades e gostava mais de ficar sozinha.

— O que temos hoje para o café, mãe? — falou ao passar pela cozinha.

— Torradas, pasta de amendoim, café e suco de manga — respondeu-lhe a mãe.

Embora sorridente, a face de Luiza não revelava o seu verdadeiro estado de espírito.

— Vou ao banheiro, mãe. Volto já.

No banheiro, Luiza coloca-se defronte consigo mesma, vendo sua face se contorcendo e desfazendo o sorriso que mascarava a sua dor. Sobre a superfície da pia, viu uma gilete descansar.

Ficou paralisada.

Um ano antes, quando os seus pais anunciaram a separação, Luiza experimentou uma dor que jamais havia sentido. O seu coração parecia está sendo pressionado por mãos gigantes. Havia um nó enorme em sua garganta, mas ela não conseguia vê-lo. Sentia vontade de chorar, de correr, de se isolar.

Eram tantas sensações.

No dia que sucedeu aquela noite terrível, Luiza fora para a escola. Lá, encontrou-se com sua melhor amiga, Pâmela, contou-lhe o que estava acontecendo, chorou desesperadamente e abraçou-lhe.

— Já senti isso, amiga — disse Pâmela. — Às vezes, ainda sinto o amargor dessa dor cruel.

Luiza deu-lhe um abraço ainda mais forte e perguntou-lhe:

— O que você faz para suportá-la?

A resposta a essa pergunta modificou a sua vida, talvez, para sempre.

Pâmela, a fim de responder à pergunta de Luiza, abriu o zíper de sua mochila e de lá tirou um pequeno embrulho de papel. Devagar, foi desdobrando cada ponta do embrulho. Num instante, com uma mão no queixo da amiga para erguer o seu olhar ao que parecia ser uma apresentação formal, Pâmela segurou uma pequena gilete e a levou até a altura dos olhos de Luiza.

— Nem todas as vezes que precisamos temos alguém para nos abraçar — disse, respirando fundo. — Essa, porém, é aquela que nunca me deixou sozinha nas horas angustiantes — falou alisando a gilete.

Luiza ouvia e observava paralisada.

— É ela quem me faz esquecer a dor da alma — continuou Pâmela. — Quando ela abraça o meu corpo, minha alma medita em paz.

Não mais querendo sentir aquele aperto no coração, Luiza segura a gilete, trêmula, com lágrimas escorrendo, e pede:

— Não quero mais que doa. Ajude-me!

Daí para frente esse se tornou o seu refúgio. O seu corpo passou a servir de colete para a sua alma, que, mesmo que por instantes, sentia-se aliviada com a transferência do seu fardo. A gilete deslizava tranquila pela carne, fazendo-a sangrar as lágrimas do espírito.

Inicialmente, o intervalo entre uma automutilação e outra era maior. Mas, com o passar do tempo, o seu efeito não durava como antes e precisa ser renovado. Assim, dia após dia, Luiza sentia a sua pele se abrir e a sua alma clamar cada vez mais. Suas coxas, seus braços, suas nádegas e sua barriga estavam tatuados pelo abraço devastador daquela navalha: uma amiga controversa à quem ela se condicionou a contar seus segredos.

Em qualquer estação, suas roupas eram longas, buscando esconder as marcas daquela violência contra si mesma. Com o tempo, Luiza sentia vergonha do seu corpo, não queria mais ir à praia ou à piscina com os amigos. Sua pele denunciava suas ações e, no fundo do seu pensamento racional, ela sabia que aquilo não era legal.

A dor da alma não passava, exigindo mais torturas. Se ela resistia, crises de abstinência lhe acometiam e o seu cérebro exigia que a lâmina voltasse a lhe abraçar. Isso durou muitos meses até que ela procurou ajuda.

Não está sendo fácil, mas Luiza está conseguindo se manter livre do cativeiro de sua falsa amiga que, na verdade, somente lhe escravizava. Ela está tendo acompanhamento psicológico e o apoio da família, dos professores e dos seus verdadeiros amigos.

A presença daquela gilete na superfície da pia neste momento traz diversas lembranças à Luiza, principalmente neste momento, no qual o seu coração dói tanto.

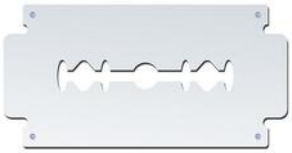
Ela pega a gilete.

Sua mão conduz a lâmina até a altura dos seus olhos.

— Você não mais me provocará lágrimas de sangue — disse firme.

Jogou a gilete na lixeira, tomou banho, voltou até a cozinha, deu um abraço bem apertado em sua mãe e, juntas, saborearam aquele café saboroso de domingo.

https://www.facebook.com/robison.sa



Rogério Costa

Cornélio Procópio/PR

Apenas um dia triste

A princípio os ouvidos ouvem, os olhos lêem,
A alma se embriaga e o coração se apaixona.
Mas é o olhar que decide e o contato que revela
Se o sentimento é unilateral ou recíproco.
É quando a alma percebe se a outra concebe
Ou se foi um dúbio, um triste equívoco.
O poeta que outrora sorria agora chora.
Foi-se embora o anjo, a vida, o amor.
Ficaram o silêncio, a lembrança e a dor.
Uma dor que se manifesta em lágrimas
E por vezes em gemidos sufocados,
Quebrando o silêncio e a inércia
A dor de um coração moído pelo pior desprezo,
Aquele que vem disfarçado de alguma atenção,
Na tentativa de livrar-se da culpa ou do peso.
Porém não vou embora pra Passárgada,
Nem pra Sodoma, nem pra Gomorra.
Mas pra outro lugar, ainda que eu morra!
Não sou Bandeira, não sou Machado,
Nem sou Pessoa, nem sou Amado.
De Deus eu preciso, por isso rezo.
Enquanto eu rezo,
Minguando aos poucos o coração,
Esvai-se o que resta de razão.
Enquanto eu rezo...
Enquanto eu...
Enquanto...
Louco...
Eu...
Ω...

Rogerio Luz

Rio de Janeiro / RJ

Migrante

I.

Aos que buscam refúgio, digo que nasci
de uma tarde de exílio, da árvore sem memória
de uma ilha porque
me isola na dualidade cúmplice o que amo.

Ao sol agrada a pedra cercada pelas águas
o marulho do vento na onda
os cabelos do pensamento
que alguma aurora desvelou.

Na tarde das árvores, na tarde expirei
sufocado pela fumaça de navios sem porto
um sol poente mergulhado em jarras vermelhas
uma pedra sem corpo.

II.

Descubro a meu redor
caminhos estranhos: um traço no litoral desconhecido
cada passo um desconcerto de mundo
cada gesto mãos sem adeus
o rio liso sob colinas de espuma.

Em que lembranças se escondem
o degrau quebrado
a coluna da varanda interrompida
a porta abandonada
a janela por onde não se fecha mais o vento?

Minha voz faz companhia ao esquecido

o latido do cão ecoa ainda nas paredes

balsas infladas sobre o mar
à espera do inimigo –
jazigo de meu canto.

III.

Amo o que se perde, o que erra
o que se destrambelha.

Quis o perfeito
e fui condenado por isto.

Quis a pureza
quando esperavam de mim uma falha.
Quis a copa da árvore
para não ver contorcida raiz.

Quis o som estelar
quando o ruído ameaçador
crepitou na cabine ao lado.

Gritos de silêncio do verbo
quem pode minorar
o desamor necessário?

Não ser como os deuses.

Rosa Acassia Luizari

Rio Claro/SP

https://www.instagram.com/rosaacassia/?hl=pt-br

Rose Paz

Niterói/RJ

Coisas Tolas

Há certo charme nas coisas tolas.
Se não as recordamos, não as vivemos à flor da pele.
Aquele sorriso bobo,
um marejar saudoso que dá um brilho diferente no olhar
e nos faz voltar a um momento único.
Somos embalados por uma canção inaudível,
aspiramos lentamente aquele perfume peculiar,
uma cor,
uma gargalhada ao longe,
o marulhar do mar.

Há certo charme quando somos tolos.
É uma inocência que nos ruboriza,
nos torna encantadores, mesmo quando as rugas nos enfeitam os olhos
e confere certa sobriedade no sorriso que molda nossos lábios,
atestando que aquele sentimento é verdadeiro, merece crédito, e que estamos ali por inteiro, mesmo que por um breve segundo.
Nosso caminhar fica mais leve, quase flutuamos,
quando nossas tolices nos vêm à memória e somos jovens outra vez.
Temos vontade de ouvir um vinil,
andar descalços na grama ou imprimir nossas pegadas na areia no fim da tarde.
Voltamos ao balanço da pracinha sem medo de parecermos ridículos.
Olhamos atentos para a copa das árvores, buscamos passarinhos, tentamos ouvir as cigarras que não cantam nas cidades.
Apenas olhamos... Calmos.
Congelamos o tempo por um mísero momento e choramos saudades.

Rosely Frazão

Maceió/AL

Xico Arruá, o menino do caçuá

Dia desses, Xiquinho Aruá, o menino mais sabido das Alagoas, estava na escola Jorge de Lima, que ficava no centro da cidade de Maceió, conversando com coleguinhas na hora do intervalo. Passando o olho em Renato, seu melhor amigo, percebeu ele entufado por causa de Pedro, o zombador do segundo ano.

Pedro dizia aos quatro cantos da escola que quem morava no interior era abestado! A fim de resolver a situação do amigo, Aruá foi ter um dedo de prosa com o provocador, mas o arengueiro foi logo gritando que não adiantava falação, era só observar: uma pessoa que calçava alpercata no lugar de tênis, morava lá na baixa da égua em vez de vir morar na cidade grande e ainda preferia brincar de estilingue mesmo tendo videogame e celular, só podia ser …

Xiquinho calou e foi pra casa barreado com aquela fala. Pensou, pensou, pensou e decidiu pedir a Renato para passar um final de semana em sua casa. O menino queria entender porque seu amigo gostava de coisas tão diferentes dos outros garotos.

Ao chegar na escola, não perdeu tempo e foi logo fazendo o pedido ao amigo, que o aceitou com muita alegria. A semana se passou e eles partiram para Viçosa. Já no caminho, Xico ficou admirado com a lindeza da natureza: céu bem azulzinho, bicharada correndo solta...

No sítio da família de Renato, foi só surpresa. Assim que entraram, largaram os calçados, quer dizer, Renato jogou as alpercatas no terreiro e subiu numa enorme mangueira. Enquanto isso, o visitante ainda tentava tirar seu tênis.

Pronto! Estava explicada a preferência pela alpercata…

Lá do alto da mangueira o amigo apontava ao longe a Serra Dois Irmãos, lugar que guardava uma linda cachoeira e muitos mistérios. O menino da cidade ficou curioso e pediu para ir ao lugar assim que acordassem no dia seguinte.

Pedido aceito! Junto com os primeiros raios do sol, Renato entrou no quarto chamando o companheiro. O café da manhã estava quentinho sobre a enorme mesa. De pé, seu José, o pai, começou uma oração para agradecer toda comilança. Depois Cirilo, seu irmãozinho caçula fez questão de completar, agradecendo a galinha pelos ovos, a vaca pelo queijo, a manteiga e o leite, e ao milharal pelo cuscuz. Continuando, todos se assentaram, comeram e partiram para seus afazeres.

A dupla foi simbora para a cachoeira. Já na beira das águas, o menino de Viçosa começou a contar para o amigo como surgiu aquele lugar. Seus avós diziam que ali existia uma tribo de índios e dois irmãos eram apaixonados pela mesma moça. Ela, agoniada por ter que escolher entre eles, decidiu se jogar ao rio. Morrendo, virou a cachoeira que corre entre as duas cabeças da serra, que são os dois irmãos, pois de tanta tristeza eles se transformaram em pedras quando souberam da morte da amada. Assim os três ficaram juntos para sempre!

No momento em que ouviu a lenda, o menino da cidade grande ficou assustado e não queria mais brincar por ali, mas logo foi convencido de ficar ouvindo a história de Zumbi, o escravo mais corajoso dos Quilombos! Ele protegia a cachoeira, porque tinha sido seu esconderijo nas fugas, quando estava em perigo o escravo corria para lá e entrava nas águas, ficando invisível! Só sendo descoberto por ter sido denunciado...

Sem medo agora os dois se danaram a nadar, brincando o dia todo. O único problema foi disputar as frutas com os pássaros, mas isso foi tarefa para o estilingue. Pronto! Mais duas diferenças entendidas: com toda aquele mundo a explorar não sobrava tempo para o videogame ou celular, só o estilingue valia lá.

De volta à escola, a notícia de um novo projeto deixou todo mundo ouriçado, eles estudariam coletivamente a cultura alagoana. Cada turma ficaria responsável por contar a história de um município. Era a oportunidade que Xico e Nato precisavam para mostrar que ser diferente não é ruim!

Xiquinho correu para pedir a professora que sua turminha representasse Viçosa. Quando a aula começou ela perguntou ao grupo se todos concordavam. O sim foi geral!

Após as escolhas das cidades, era hora de montar as apresentações. As turminhas se reuniam cotidianamente no pátio da escola para organização do evento. Depois de alguns encontros os professores perceberam um problema: a história das cidades eram enormes, não dava pra falar sobre tudo!

Carminha, uma menina tagarela do quarto ano, sugeriu que cada turma criasse uma música sobre a cidade que apresentaria. Todos entraram na discussão e cada um queria dar uma solução. Surgiu tudo quanto foi sugestão, mas quando falaram em dança... Xiquinho juntou a fome com a vontade de comer, assegurou que a melhor maneira era apresentar as cidades em cocos de roda e, para conseguir apoio, sabidamente lançou um desafio: a turma vencedora levaria toda a escola em passeio para o município que representou.

Vixe! A meninada estrondou em gritos de valia à ideia e assim o projeto ganhou vida e nome: Meu coco tem história!

Enquanto as turmas pesquisavam, o terceiro ano já produzia a música, escutando as histórias que Renato contava sobre o lugar. Pedro, percebeu a diferente organização daquele grupo e ficou azogado, porque queria vencer a todo custo. Espiando mais de perto, descobriu que o menino que usava alpercatas era o responsável pela agilidade...

Tic-tac-tic-tac-tic-tac e o dia tão esperado chegou. A ordem das apresentações foi decidida por sorteio e a turma de Viçosa seria a última e cantar.

O coco estava na ponta da língua de toda a classe e embalados pelos passos e pisadas cantaram:

Do amor nasce uma cachoeira/Da dor duas serras

Da fuga uma coiteira/Da morte chancelas

Na natureza eu brinco/Com a liberdade de Zumbi

O sol é meu zinco/Os campos estão todos ali

Não quero jogar/nem curti de longe

quero sim navegar/mas nadando aos monte!

Armaria! Foi o bastante para levar toda a escola à Viçosa… O piquenique foi carregado em caçuás até a Serra Dois Irmãos. Pedro foi o primeiro a tirar o tênis e pular na cachoeira, molhando a todos com o buraco que fez na água. Em um pega-pega diferente os grupos foram desafiados a colher as frutas para o lanche. As aves faziam o som da festança e os celulares, aaaahhhh os celulares?!

https://eureca-edu.wixsite.com/website/outros-projetos-1

Rosiane Maria Covaleski

Santa Cruz do Sul/RS

Muros baixos

Sinto falta de muros baixos,
De casa cheia de esperança,
De cheiro de almoço pronto,
De tardes de chuva mansa,
De brincar sem compromisso,
Da inocência da minha infância...

Muros baixos, vida solta:
Os dias a passos lentos;
Riso fácil, pressa pouca...
Leveza no pensamento.

Sinto falta de tempos idos,
Que voaram nas asas do vento
Restando somente a saudade
Encerrada no fundo do peito.

Rosimeire Leal da Motta Piredda

Vila Velha/ES

A guerra é desnecessária

(Quem dera que a guerra pudesse ser evitada através de diálogos e as pessoas compreendessem que a paz é o que todos desejam.).

Há um conflito, várias pessoas discordam acerca de um tema, mas, ninguém quer abrir mão de suas convicções. Assim se inicia a guerra.

Todos lutam entre si para demonstrar que estão com a razão. Os líderes traçam planos, contudo, no fundo são egoístas, pois pensam apenas em seus ideais, não se preocupam em quantas vidas serão perdidas.

Para colocar suas estratégias em prática, envolvem uma multidão... inocentes que nada têm a ver diretamente com a questão em discussão. Logo morrem milhares de civis, são destruídas cidades, uma população inteira.

O sangue derramado satisfaz o vencedor. Só então, percebe-se que o motivo era insignificante, não era necessário exterminar ninguém, bastava simplesmente entrar num acordo, encontrar uma solução adequada. Porém, em sua opinião, vencer é matar, é eliminar os obstáculos do caminho, provar que é o melhor. O chefe de uma nação deve defender o seu povo e, por isso, não terá que prestar conta a sua consciência. No entanto, embora equivocadamente, tenha a certeza de estar agindo corretamente, de alguma maneira virá a cobrança por seus atos inconsequentes. Porque entendemos que é impossível consertar o mal causado: o estrago foi devastador.

A consequência da guerra fica enraizada na alma, no trauma de quem a viveu, nas imagens do antes e do depois da decisão irrevogável.

Esta crônica" faz parte do livro:
• Livro "Voz Da Alma" - Editora CBJE - Rio de Janeiro - RJ - Brasil – Novembro/ 2005 - Autora - Rosimeire Leal da Motta Piredda

Sandra Modesto
Ituiutaba/MG

Poema Que Rompe

Tudo no meu caminhar é tanto
É manto é denso é riso
Tudo no meu caminhar é lento é pressa é doce é fera é sôfrego
Tudo no meu caminhar é estranho é amigo é ela
É exato é dúvida
Tudo no meu caminhar é complexo
Controverso
Teclado
Rascunho murmurante
Festa no agora
Gozo sem hora
Júbilo
Imprecisão
Tudo no meu caminhar é amanhã.

https://www.facebook.com/sandraluciamodesto.modesto

Shamara Paz

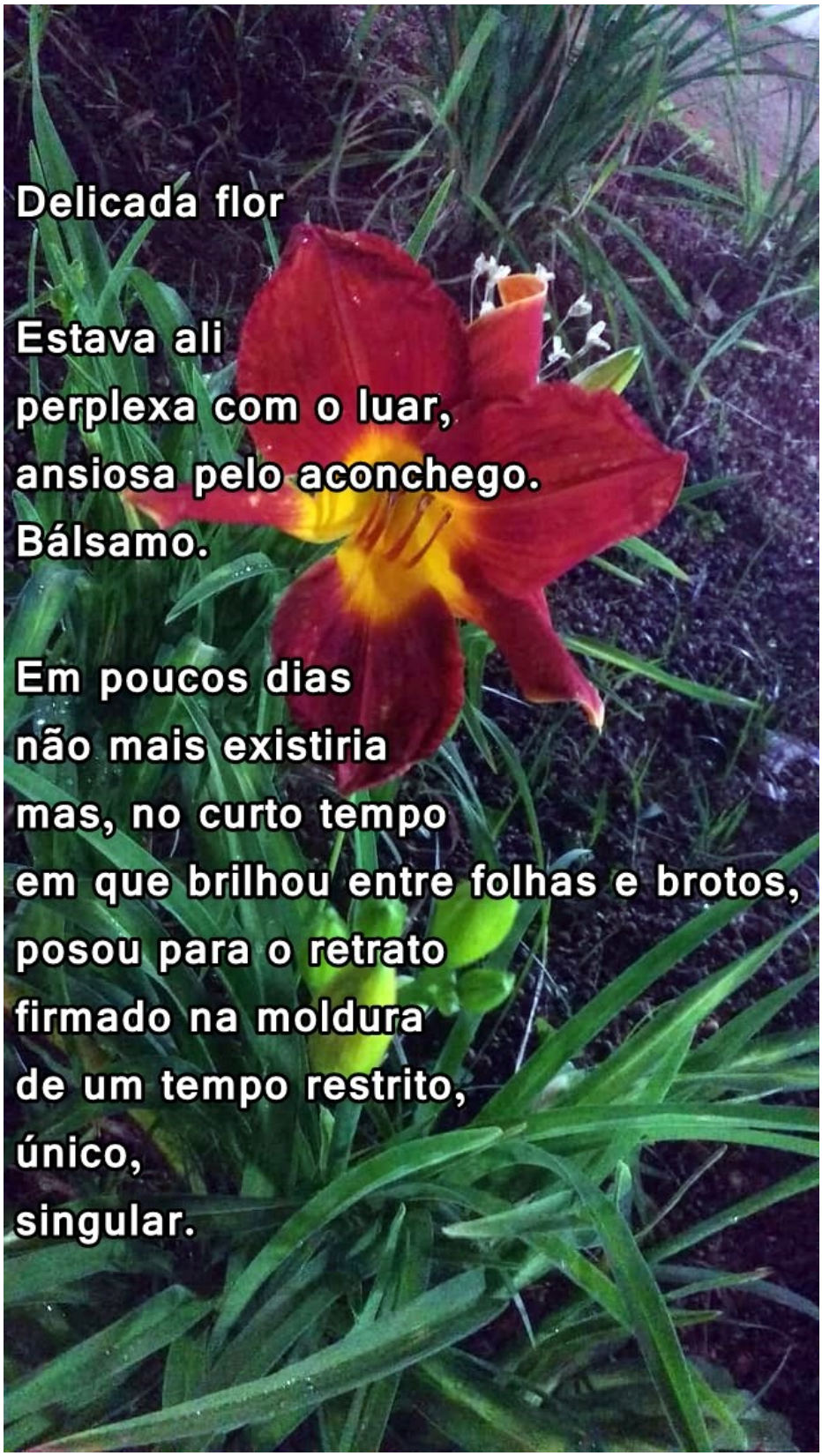
Glória do Goitá/PE

Gentileza

Gente que é gente
Gente que sente
Gente altruísta
Gente que pensa para frente
Gente que age diferente
Gente que não olha se a
Gente pertence a tal classe ou se a
Gente tem determinada cor
Gente que é nobre
Gente que escuta
Gente que deixa marcas
Marcas de amor
Gente que não quer nada em troca
Gente que age com delicadeza
Gente que é amável
Gente que inspira
Gente que "gera gentileza"
Gente que encanta
Gente que surpreende
Gente que motiva
Gente que acredita
Gente que o mundo precisa
Gente que a gente quer ao lado todo santo dia.

https://bibliotecadeumaprofessora.blogspot.com/
https://Instagram.com/biblioteca_deumaprofessora

Sigridi Borges
São Paulo/SP



TAT (Thiago Alexandre Tonussi)

Londres (Inglaterra)

Mundo Na Boca

Não gosto de palavra acostumada
Manuel de Barros

O Mundo é demasiado grande. Não cabe na folha
de árvore. Mesmo quando acompanhada de outras
folhas de papel reciclado ou não. Diga-me então
como pode o mundo caber numa única palavra?

O Mundo cabe na palavra mundo. Não é isto mágica?
Uma única palavra contendo tudo: minhoca coca
cola drogaria Cinderela primavera canhões e guerra

tico-tico e no fubá, Elvis Presley e sepultura, molhar-se
de chuva sorvete lua e rabanete, computador dor e puta
Omo presilha China e Bhagavad Gita, penico e sol e sul

pulga pólvora Amazônia e língua. De tudo cabe na palavra
mundo. Até submarino buraco negro buraco branco e buraco
de ozônio buraco escuro e barraco, cinzas e noite e drama. Tudo

junto numa única palavra. Lindo! Lindo é isto de mundo
caber na boca de todo mundo

https://www.facebook.com/TATpoesia

Tauã Lima Verdan Rangel

Mimoso do Sul/ES

Caneta Solitária

Os sentimentos explodem em meu coração
Há tantas sensações, uma ardente paixão
Faz-me desenvolver a bela arte da poesia
Dissipar a dor e o pranto que me entristecia

Solitária caneta se arrasta sobre o papel
Brumas se dissipam como um denso véu
As palavras se atraem em uma melodia
Em versos rimados, quase uma epifania

A tinta se gasta por toda superfície branca
Em composições que aos olhos encanta
Grita o sentimento contido na essência
Dissipa a sensação de qualquer indolência

Poetizo-me diariamente na busca de paz
De um pouco de êxtase tão ágil, tão fugaz
Trazendo-me a liberdade de sensações
E respondendo inúmeras provocações

Teresa Azevedo

Campinas/SP

Ambiguidades de um bipolar

Mente que percorre o mundo em voltas de ir e vir ininterrupto.
Estáticos movimentos plenos, marcos não demarcados.
Hoje escrúpulos.
Agora desvario.
Aqui medo.
Conhecimento que ultrapassa as alfândegas universais.
Interpelar e explanar.
Chaves indecifráveis escritas em verso e prosa, algemas de neurotransmissores, músculos e ossos.
Antonímias ao longo da vida, contradição-sucessos/fracasso.
Paradigmas de superação em tempos de desolação.
Arquétipo de reclusão durante uma exposição.
Castas de clausuras/vitórias inimagináveis.
Ambiguidade bipolar.
Redundância de ciclos.
Fraqueza/força que afiança a vida.

teresaazevedo.projetos@gmail.com

ondular.associacao@gmail.com

Thiago Andrade
Fortaleza/CE

Xadrez xamânico em Xangai

Disrupção onírica. A madrugada estava quente. Quentura de rachar o crânio. Sam não conseguia dormir. Evitou ao máximo levantar para não atrapalhar o sono de Carolina. O ventilador cospe vento morno. Quarto abafado. A janela sempre dormia fechada por medo dos morcegos. Sam deslizou dos lençóis, com cuidado, nem ao menos relou no Sheik, o siamês de estimação. Quanta disposição dos dois queridinhos dormirem num forno daquele.

Calor insuportável. Ir a cozinha, tomar um analgésico, litros de água gelada e se refrescar na varanda, essa era a motivação de Sam. A cabeça raspada gotejava, a camisa branca grudava nas costas, um nojo. A casa estava um breu. Seria um desafio passar por toda a sala sem esbarrar em nada ou quebrar os bibelôs artesanais de Carolina. Sam evitou a ligar as luzes . A luminosidade auditiva da TV seria sua guia até a cozinha. Volume baixinho.

Na geladeira havia uma jarra de suco de goiaba, meia caixa de leite, pacote de biscoito de morango, vidro de adoçante, pacote de chá, uma colher e duas cervejas. Sam pretendia emagrecer, para evitar os transtornos como o que vem passando. Estar doze quilos acima do peso ocasionava sérios problemas nas articulações dos joelhos e dificuldades em vestir os shorts branco, aqueles, os que deixavam Carol excita/da/nadinha e sufocavam a xarola. Xarola? É.

Tomar uma cerveja gelada com analgésico, mordiscar dois biscoitos, fumar um cigarro. Estavam no décimo terceiro andar. Lá embaixo um canal de esgoto. Um carro tipo Belina branca enferrujada com péssimo som no escapamento passa zigzagueando quase quase cai no córrego de bosta. O cheiro de lodo era insuportável, mesmo naquela altura.

“Sam? O que houve?”

Carolina levantou, com a cara amassada. Sheik a seguia, miando. Sam pediu desculpas pelos cigarros, sabia que a amada os odiava. "Está sem sono?". Sam afirmou com a cabeça: "quente demais, como você consegue dormir?"

Saíram da varanda, foram para o sofá. Sheik miava. Carolina estava grudenta, corpo azulado, frouxo dentro do pijama com estampas de frutinhas cítricas. A cor azulada da pele de Carolina era enaltecida pela luz da TV.

"Estou com dor de cabeça, calor demais Carol, não está sentindo?"

"Não, fiquei preocupada quando não te senti na cama. O que estava assistindo?"

"Campeonato de xadrez xamânico em Xangai".

"Sério?"

"Não, estou brincando. Haha, vem, vamos dormir".

Voltaram para o quarto. Sam pediu carinhosamente para deixar a janela semiaberta, alegou que morcegos não voavam tão alto assim. Carolina relutou mas cedeu. Em gratidão recebeu um beijo na nuca. O gato se aninhou nos pés das mulheres. "Sai Sheik", disse Sam, "vai para lá, não quero que esquente meus pés".

Lá fora a Belina velha fez tchum n'água lodosa do córrego.

medium.com/@anarthiago

Thiago Henrique Fernandes Coelho

Uberlândia/MG

O espírito do colar

Mônica brincava na beira do rio, quando viu algo brilhar no fundo das águas. Aquele brilho chamou a atenção da menina, ela entrou no rio e mergulhou até o fundo. Pegou o objeto e trouxe para a superfície. Saiu do rio e sentou em uma enorme pedra que havia na beira. Viu que era um colar muito bonito, feito de umas pedras que nunca tinha visto antes. Resolveu colocar o colar no pescoço. No momento em que coloca no seu pescoço, sente um arrepio.

Seu pai, que estava pescando ali perto, a gritou para eles irem embora, pois o tempo tinha virado, estava vindo uma chuva forte e não era nada seguro ficar ali na beira daquele rio. Mônica não ouviu o pai, que teve que gritar mais forte. A menina viu que o pai já estava subindo a ladeira que levava a casa deles. Saiu correndo até o pai. Perguntou se o pai tinha pescado algum peixe grande, o pai respondeu que de repente os peixes sumiram tudo. Só conseguiu pescar umas piabas mais cedo. A menina seguiu o pai para casa. Não estava mais como era antes, algo dentro dela já começava a mudar.

Ao chegar em casa, a mãe estava fazendo a janta. Quando Mônica entrou na cozinha, a mãe logo viu o brilhante colar no pescoço da menina. Achou estranho a filha com aquilo e perguntou onde tinha encontrado. A menina contou que achou no fundo do rio. A mãe queria ver o colar melhor, mas a filha não quis tirá-lo e correu para o seu quarto.

Jussara, a mãe de Mônica, mandou a menina ir tomar banho, que o jantar já estava quase pronto. Nessa noite, a menina comeu como nunca antes tinha comido. A mãe até achou aquilo estranho. Porque Mônica não era de comer muito, os pais tinham que forçá-la a comer.

Todos foram dormir. Era noite de lua cheia, e a noite esta toda iluminada. A meia-noite o colar da menina começou a brilhar. Mônica acordou com muita fome. Foi até o quarto de ferramentas do pai, pegou o machado. Chegou no quarto dos pais e atacou o pai a machadadas. A mãe acordou com os gritos do pai. Com muito custo conseguiu pular a janela e saiu correndo pela estrada a fora. Ao longe escutava os gritos do seu marido. Chegou na casa dos vizinhos para pedir ajuda, contou que ela e o marido foram atacados por alguém. Os vizinhos pegaram armas, enxadas, machados e foram com lanternas ver o que tinha acontecido na casa de Jussara. Chegaram perto da janela do quarto do

casal e ficaram horrorizados com o que viram. Ali estavam só os ossos, que julgaram serem do marido de Jussara.

Jussara na fuga, não percebeu que quem atacou o seu marido foi sua própria filha. Por isso, estava preocupada com Mônica. Queria saber onde ela estava. Os vizinhos ficaram com medo de entrar na casa. Mas como Jussara estava muito preocupada com a filha, acabaram cedendo. Entrou Jussara, o velho Ramon e o seu filho Luís Otávio. Os outros ficaram esperando do lado de fora. Tudo na casa estava terrivelmente silencioso. Passaram pela sala, a cozinha, quando chegaram no quarto de Mônica, as luzes se apagaram e algo pulou no velho Ramon. Jussara e Luiz Otávio tentaram salvá-lo, mas a porta do quarto se fechou e eles só ouviram seus gritos e viram o sangue escorrendo por debaixo da porta. Era tarde demais. Jussara e Luiz Otávio saíram rapidamente da casa. Jussara estava desesperada, pois seu marido estava morto e sua filha havia desaparecido. Retornaram para a casa dos vizinhos e contaram o acontecido a todos. Ninguém sabia o que estava acontecendo. O que podia ser isso que comia seres humanos?

Vó Gertrudes, sentada no seu velho banco de madeira, já desgastado pelo tempo, começou a contar um causo, de que muito antigamente, uma moça que lavava roupas neste rio que passa aqui no fundo de casa, encontrou um colar muito bonito. Entrou no rio, apanhou esse colar e colocou no pescoço. Mas não deu outra, quando foi à noite, a moça devorou a irmã que dormia na cama ao lado. Os pais levantaram com os gritos da menina para ver o que era, quando chegaram no quarto se depararam com uma irmã comendo a outra. A moça atacou a mãe também. O pai conseguiu fugir com os outros irmãos. Mas a moça continuava na casa e passou a atacar as casas vizinhas, e a comer gente e mais gente. O povo tudo ficou muito assustado. Alguns começaram a mudar da região. Até tentaram lutar contra a moça, mas o colar a deixava muito ágil e forte. Não tinha homem que conseguia segurar ela. E a moça continuou a comer gente. A população foi atrás do padre e ele disse que eles deveriam encontrar a madrinha de representação da moça. Ela deveria se aproximar da moça rezando a oração do credo, com um copo de água benta. Jogar a água benta na moça e assim retirar o colar. Procuraram a tal madrinha, que fez o que o padre mandou e a moça foi despossuída do espírito do colar. Dizem que enterraram esse colar no alto daquela serra. Então, as pessoas perceberam que a serra tinha sido desmatada e plantado pasto no lugar. Jussara se lembrou do colar que a filha encontrou no rio. Devia ser esse colar que foi trazido pela enxurrada até o rio. Contou sobre aos vizinhos.

Nesse momento, a porta começa a ser quebrada com machadadas. As pessoas ficam com medo. Algumas pulam a janela. A vó Gertrudes não consegue ser tão rápida, é pega por Mônica e devorada ali mesmo.

As pessoas correm para o próximo vizinho. A sorte foi que o dia estava amanhecendo, e o espírito do colar não ataca durante o dia segundo contou Vó Gertrudes. Amanheceu e o pessoal começou a procurar a madrinha de representação de Mônica. Acontece que a tal madrinha tinha mudado de cidade e as pessoas conhecidas dela perderam seu endereço. Foi um pergunta daqui, um pergunta dali. Até que localizaram Madalena, a tal madrinha, em um distrito de um município vizinho. Madalena chegou ao entardecer na fazenda. Trouxeram a água benta e pediram para ela entrar na casa de Jussara rezando a oração do credo e encontrar Mônica. Madalena estava com um pouco de medo, mas lá foi. Não tinha outra opção senão essa. Rezando o credo, encontrou Mônica rodeada de ossos humanos. Ela foi ficando fraca com a oração da madrinha. Madalena jogou a água nela, que fez ela cair no chão e se estrebuchar. A água estava queimando ela. Madalena correu e tirou o colar do seu pescoço. Mônica foi voltando em si. Correu e abraçou a madrinha chorando muito.

Quanto ao colar, foi enterrado no cemitério da cidade. Ninguém nunca mais teve coragem de passar perto desse túmulo. Dizem que em noite de lua cheia, se ouve a voz do espírito do colar chamando as pessoas para libertá-lo, pois ele está com fome de carne humana e sede de sangue.

Tiago Xavier

Natal/RN

Frutos da Alma

Nos campos de minha alma,

Encontrei árvores frutíferas,

Mas seus frutos eram amargos.

- Tens estômago para digeri-los?

- Não.

- E por que está a colhê-los.

- Para saborear a doçura de sua beleza.

https://www.facebook.com/

Tinga das Gerais

Corinto/MG

O Veleiro

Naquele horizonte
O mar saudade sem fim
O sol falando de mim
Minha ânsia é mirante
Ondas bailando em m'alma
Olhos no fulgor do carmim...

Mas eis que em meio ao nevoeiro
Um Veleiro!
Meus pés mergulhando na areia
Saudade é porto
Será a minha Sereia?

Veleiro dos sonhos
Da insônia arredia
Traga-me a protagonista
Dessa saudade vadia!

Vera Raposo

Teresópolis/RJ

Trilhas do monte

Hoje resolvi explorar a montanha
Pelo caminho, o cheiro de mato e a natureza
Sabia que lá do alto descortinaria grande beleza

Pisava o chão com uma vontade estranha
Nos meus passos sentia firmeza
Não imaginava que faria tal proeza

Lá do alto pude ver nuvens tamanhas
Que com as mãos quase alcançava com certeza
O espetáculo para mim foi uma surpresa

O vento forte meu cabelo assanhava
Mas posso ver como temos riquezas
As matas, flora, fauna é muita grandeza!

Vica Maltez

Memórias baianas

Tire a sandália ao entrar
E lave o seu prato ao comer
Seja o baiano que você deve ser
Humilde, e com um sorriso no rosto
O calor não vem só do clima
Me chama pra dançar
Ao som de Flávio José
E relembrar a época do chiclete com banana
De quebra ainda comemos uns licuris
E tomamos uma umbuzada
Pra quando o frio chegar
Parecer que estamos na Europa
Porque abaixo de 21 graus não aguentamos
E colocamos logo os capotes
Fazendo-me lembrar dos bons amigos, sinceros, em volta da fogueira.
Provoca-me um suspiro, de saudade
Aprendi a dar valor ao ir embora
Todo dia eu aprendo!
Por isso nem adiantar mentir, conto os dias pra voltar, a minha terra, a minha baianidade verdadeira

William Fontana
Rio de Janeiro/RJ

Paz Negra

Os poucos resistentes que viviam escondidos e excluídos numa condição existencial simplória pareciam lutar para manter a sanidade ante a resiliência da ignorância dos dominadores na chamada Nigrum Pacem ou Nigrum Pax (Paz Negra). A desigualdade era o normativo pela inversão da polarização que destituía mesmo as palavras de seu significado originalmente semântico numa ambiguidade que tornava nebulosamente cinza a verdade e a razão. Na equação do distópico do mal independente dos fatores o resultado sempre será o sofrimento, destruição ou morte do fraco e do oprimido. Em última análise era uma Kakistocracia que conseguia reunir uma síntese dos mais nocivos elementos e fatores socialmente abióticos do totalitarismo, comunismo e fascismo numa junção do pior de dois lados. Um charco de moralismo senil escorada em sofismas, demagogias e falácias e sustentada sobre uma fachada de opulento pseudointelectualismo. O horror habitava nas entrelinhas levando as pessoas furarem o próprio tímpano afim de não ouvirem o perturbador ruído terrífico em seus implantes auriculares, mas quando elas encontravam a origem do sinal ficavam tão chocadas que se matavam, pois fitar o âmago da loucura do mal era ainda mais terrífico de modo que muitos desmaiavam ou enlouqueciam.

Sophie Smith, a líder da resistência que era detida nas invisíveis paredes do niilismo daquela ineptocracia espúria sob constante humilhação e calúnia reunia dados capitalizados ao longo de anos de investigação desde quando a humanidade capitulou aos inimigos que lutavam contra tudo que assim nos fazem humanos.

Numa tentativa de uniformizar todos, uma vez que a equidade na diversidade era impossível ao tornar adversidade por estes, o governo promovia um programa de despigmentação de pele oferecida aos negros afim de curar o mundo da doença 'afro' que leva a milhões de vítimas no mundo, onde os páreas e discriminados em geral deveriam mudar para não sofrerem o mal ou serem obrigados a sobreviverem em guetos onde os demais discriminados por temerem serem hostilizados na rua eram monitorados e controlados dia e noite para a "própria segurança". Em paralelo a isso existia a terapia genética para se livrar das "impurezas hereditárias" das raças asiáticas, afro e judaicas assim como era

proibitivo pessoas o qual o intelecto fosse questionador levando ao desenvolvimento de programas que diminuíssem o QI a uma média uniforme na população, procedimentos esses feitos de maneira muitas vezes invasiva e que destruía em alguns casos a completa aptidão do individuo.

Sophie Smith ao lado de Manoel Davila era destes o qual a diferença era sinônimo de desigualdade, ela negra e ele um brasileiro que sofria de autismo e sobrevivente da guerra nuclear. Manoel era um supersoldado psiquicamente alterado capaz de premeditar e realizar metacontatos do qual com o fim da guerra se tornaram páreas por simplesmente terem habilidades e aptidões acima do normal. Obrigados a se refugiarem nos subterrâneos de Londres a fim de não receberem as sanções dos contemporâneos no gueto que recebiam implantes com uma seta apontando para baixo, viviam no submundo de onde outrora aquele mal emergiu em sua face mais obscura e de ojeriza. Seus direitos racionados visavam o controle seguro de gordos, calvos, cegos tal como outros deficientes físicos ou mentais e mulheres o qual a sociedade não aceitava. O projeto desenvolvido pelo Dr.Wilson Mattos Silva teria boas intenções de salvar a sociedade ante a necessidade de acabar com as vítimas para que não haja mais vilões.

Manoel Dávila viu-se vítima do projeto de controle mental de Dr.Wilson Mattos que originalmente era atribuído aos incautos como uma possessão demoníaca que visava destruir todas as estruturas sociais da civilização, da família as religiões monoteístas. Assim Manoel viu sua mãe passar a desejar que o filho viva isolado, sofra e seja destruído como se tudo que era humano na família tivesse sido subvertido. Mas tão logo ele descobriu que sua mãe não era ela mesma, mas que fora programada para destruí-lo e mata-lo a mando daquele cientista imoral e insano que era Dr.Wilson Mattos Silva.

Mas os últimos dados capitalizados por Sophie Smith da inteligência da resistência haviam descoberto que pôr de trás de uma nova droga que supostamente cura a psicopatia tornando os pacientes capazes de desenvolver consciência e amor do qual derivam a empatia e remorso, apenas tornavam os acusados de insanidade e transtorno antissocial por resistirem aquela tirania, um meio de torna-los mais subservientes e dóceis a opressão que sobrevinha como jugo desigual.

Aquilo na verdade era uma droga tóxica que criava dependência pois em sua ausência os efeitos agressivos de depressão e baixa estima eram acentuados pela constante pressão negativa e pessimista o qual eram submetidos. A origem daquela droga da apatia que levava cidadãos a serem pouco mais que robores

advinha de uma instalação militar secreta onde experimentos misteriosos eram realizados. Tão logo se organizou uma missão da resistência afim de sabotar o laboratório militar e expor a verdade tão escasseada a população, sem saberem a origem misteriosa dessa substância maligna.

O objetivo da missão era identificar alvos, colher dados e sabotar os esforços daquele governo privado de manter a população sob um controle absoluto que potencializava aquele poder corrupto ilimitadamente.

Ao seguirem o lastro do vazamento tóxico o qual turvava a consciência e inteligência da população se percebia o padrão comum do aumento do suicídio estatístico, depressão e outros crimes associados a insegurança e uma baixa qualidade de vida. A letargia social sucedia a negatividade que se tornou tão aguda os quais pais deixavam filhos morrerem famintos e simplesmente as pessoas nada faziam aos abusos de poder das autoridades autoritárias que eram diretamente responsáveis aquilo. A passividade acrítica se tornou o normativo daqueles que defendiam que jogassem nossos cérebros no lixo e engolir tudo que quisessem.

Sophie a medida que avançava nas vísceras daquela cidade do interior encontrava famintos à míngua e corpos em putrefação sem um enterro digno, para todos os efeitos a população gradualmente se tornava uma massa de mortos-vivos destituídos de mínima força vital para o deleite de seus aproveitadores governamentais que chamavam as pessoas diferentes de aberrações, mesmo as mais aptas.

Ao testarem as águas do lençol freático da região logo se constatou que mesmo a fauna definhava levando a morte os mais variados seres por simples ausência de vontade de viver. Manoel fitou então num beco um soldado a esbofetear um morador que mesmo tendo vantagem física sobre o soldado desarmado ele apenas se ajoelhou ante ele e submissamente implorou para mata-lo. O soldado então tirou uma pistola e lhe dando na mão ao perceber que o homem estava tão suscetível a sugestão apenas disse.

— Se mata, acabou.

O homem então assentiu com o rosto e desferiu um tiro contra si mesmo vindo a cair morto em meio a lama. Eles eram tão suscetíveis a sugestão que como na hipnose se dissessem a eles que eram cães eles agiriam como tal, de modo que ficavam entregues a desordem das arbitrariedades daqueles os quais diziam o que deveriam ser e fazer. Destituídos de vontade ficavam a mercê da vontade alheia.

— Ele já estava morto por dentro. — Comentou Sophie com Manoel ao fitar apreensiva a situação.

Naquele momento o soldado virou-se para a mãe do homem que apenas fitava o filho sem vida com olhos fundos e sem o menor esboço de emoção. Como se estivesse num torpor emocional.

— Ao que indica as pesquisas do Dr.Wilson Mattos atesta que a toxina torna inativa partes essenciais da consciência neutralizando qualquer desejo e pensamento crítico, mesmo o desejo vital ao anular mesmo os instintos de sobrevivência, eles estão totalmente entregues as intempéries dessa gente. Eles se tornaram pouco mais que mortos-vivos subservientes a mão negra do governo.

Aquela droga não criava empatia, mas apatia. O soldado partiu deixando a mãe fitando o vazio ante o corpo sem vida do filho, como se fosse um corpo oco, destituído de alma e a menor vontade própria. Sophie aproximou-se e a fitou sem notar a mulher esboçar a menor reação.

— Santo Deus! Poderíamos fazer o que quiser com ela que não teríamos a menor resistência da parte dela.

Como uma máquina as mulheres bonitas da cidade eram pouco mais que bonecas infláveis que se entregava a qualquer soldado que solicitasse sexo fácil com elas. Mesmo mulheres casadas tinham relações sexuais diante de seus maridos o qual observavam como se olhassem uma bela paisagem. A dissociação da emoção parecia afasta-los do senso de realidade e qualquer reação como se estivessem num estado de sono ainda que sensorialmente ativo. Eles tinham o estado de atenção diluído enquanto caminhavam como num transe pouco mais que vegetal.

Sophie parou então diante da mulher e a fitou dentro dos olhos para inquiri-la sobre o incidente que parecia mais do que um vazamento acidental, mas um experimento social perverso.

— Onde tem início a fonte que alimenta a cidade?

A mulher a olhou nos olhos, mas como se ela fosse transparente parecia olhar através dela, o vazio, quando após um minuto de silêncio a mulher respondeu de modo robótico.

— No alto do monte onde está a instalação militar.

Naquele instante eles viram dois soldados levando pertences de outro morador o qual a apatia parecia justificar a cobiça e torpeza dos seus algozes perpetradores da injustiça, incólumes à condição dos moradores.

Repentinamente um deles parou ante eles quando Manoel percebendo que poderiam ser descobertos fingiu agir de modo análogo aos demais moradores da região. Todavia, Sophie por ser uma mulher de vistoso parecer atraiu o desejo sexual de um dos soldados que lhe fitava com um olhar sádico e cobiçoso ante ela. O homem colocou a mão sobre seu ombro e com o sorriso maldoso proferiu.

— Vamos fazer um sexo gostoso?

Sem qualquer papo o homem esperava que ela fosse obediente e simplesmente adentrasse a casa e com ausência mínima de vontade satisfizesse todas as vontades ilícitas dele. Inicialmente ela assentiu percebendo que os dois estavam em desvantagem tática enquanto Manoel literalmente fingia senilidade. Ela adentrou o recinto e Manoel disfarçadamente deu passos desmotivados seguindo-os.

Quando o homem abria as calças ao sentir tesão na ausência de vontade dela Manoel o pegou tão covardemente quando o soldado pegaria Sophie, por de trás ao lhe desferir um golpe na cabeça que o desacordou subitamente.

Os dois correram do lugar e seguiram o caminho adentrando um bosque que iria dar nas instalações militares. O Sol declinava lançando sombras esticadas que pareciam acentuar os temores que como os rumores pareciam se confirmar. A noite lhes sobreveio sorrateira anunciando angústias e dores quando as sombras passaram se mesclar numa só escuridão. Porém, tão logo Manoel fitou entre galhos luzes e neon piscando como se um anúncio de festa destoante a apatia de região fosse anunciada. Se esgueirando sorrateiro pela mata os dois observaram que aquele era um bar militar ao lado das instalações que como uma empresa anunciava inscrição Industria Negans. Dentro homens pareciam se esbaldar com as mulheres da cidade que balançavam ao vibrar da penetração dos homens em suas entranhas, mas sem esboçar qualquer emoção ou amor próprio.

Aquela negatividade impregnava o ar de modo tóxico. Mesmo os dois sentiam-se estagnados, como se suas energias tivessem sido tragadas de modo que se angustiavam profundamente com consternação. No entanto, seguiram em frente afim de encontrar a origem do mal e cessar seus efeitos nocivos. E pelo incrível que pareça, a resposta que buscavam estava numa caverna por onde as sombras eram livres nas trevas. O lugar que inicialmente servia de mina tinha levado a uma descoberta angustiante, uma pedra verde o qual diários de um

morto encontrado no local indicava ter caído na Terra há milênios. Imanava uma energia negativa liberada da bizarra pedra luminosa encontrada numa caverna permeando o ambiente a medida. Era como uma radiação que atingia a alma de suas vítimas. Tão logo depressão, estresse, angústia e medo passou a toma-los.

Manoel então fitou Sophie que pegando em desespero uma pistola fitou a pedra e em desespero apontou a arma para si mesma no desespero de livrar-se da angustia, medo e aflição que lhe tomava.

— É horrível, não aguento mais, é insuportável. Não consigo compreender, nada faz sentido!

— Não faça isso, Sophie. Temos que reagir.

Mas ela negando-se a ouvi-lo ao estar destituída de força vital como se a encarnação de tudo que não tivesse lógica e sentido a tivesse consumido, disparou a arma contra ele e ela mesma. Aquele objeto que era responsável por toda incoerência necrófila do mundo os destituíram de amor e fé.

O diário encontrado ao lado do corpo de quem originalmente encontrou aquela pedra agora estava manchado de sangue onde reputava aquela pedra por todos os males do mundo, como se a própria Caixa de Pandora tivesse sido inexoravelmente aberta. O homem lá sepultado há milênios como uma múmia tentara avisar aos incautos sobre essa história, mas era tarde.

Tudo era sem sentido, como esse final. Acabou.

https://filoversismo.blogspot.com/

LiteraDicas:

Participem da Antologia "O Espantoso Mundo da Antecipação"

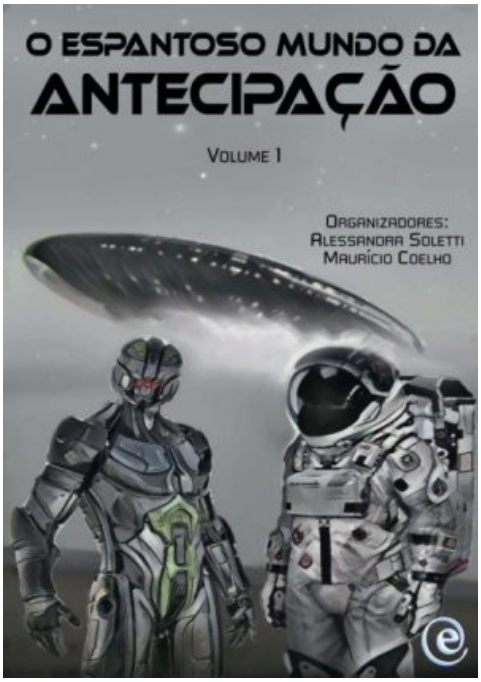
A Elemental Editoração está com as inscrições abertas para a antologia gratuita *"O Espantoso Mundo da Antecipação".*

Serão selecionados contos inéditos de ficção científica, o prazo para envio vai até 31 de março.

Sinopse: Junte-se a aventuras por mundos distópicos, por planetas extraordinários e por um futuro especulativo. Bem-vindo ao espantoso mundo da antecipação! Autoras e autores imaginam um futuro com contos emocionantes. Naves espaciais, robôs, novas tecnologias, heróis, vilões e alienígenas exóticos poderão ser os personagens destas páginas e tornarão esta coletânea uma leitura obrigatória para os fãs de ficção científica."

Link do edital:

https://drive.google.com/file/d/1jHXuYZ-ZNDgoM5ta7hDMQzO67zFzh-1o/view



E-book gratuito exclusivo

Baixem e leiam com exclusividade, o e-book "Três Momentos – Contos Espíritas", da escritora Ana Rosenrot.

Sinopse:

Três momentos.

Três vidas.

Três contos espíritas.

Camila (Estrela Guia), Alberto (Decisão Extrema) e Lívia (Direito de Viver), enfrentarão três situações decisivas: um assassinato, o impulso suicida e uma gravidez inesperada.

O futuro de cada um deles, dependerá de suas escolhas.

Link para download gratuito em pdf:

https://drive.google.com/file/d/1bLupW6hie3dMejGCdWJig7HLQpSpKUQs/view

Clube de Autores (Versão Impressa):

https://clubedeautores.com.br/livro/tres-momentos

Convocatória para a 5ª edição da Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.
A 4ª edição traz uma entrevista com a ilustradora Wanessa Melo e homenageia Cora Coralina.

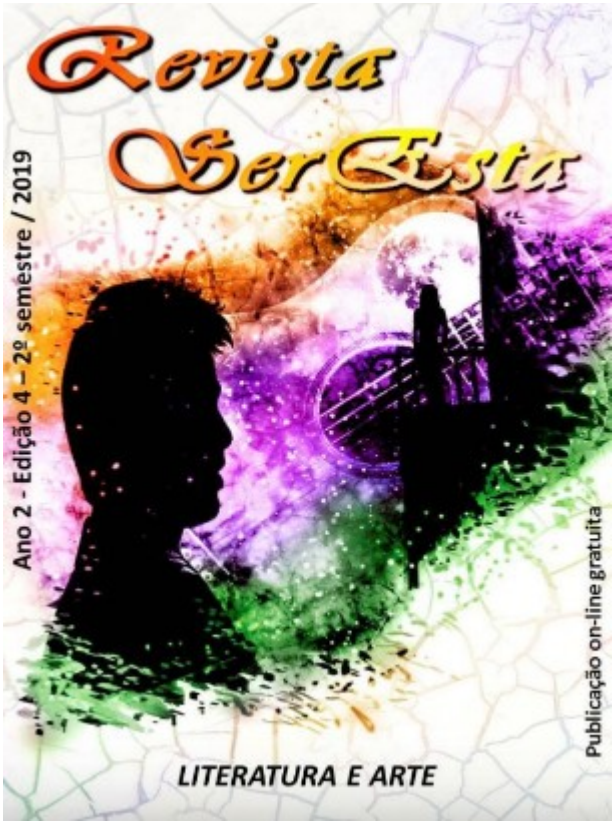
Confiram também os selecionados no Concurso Vida e Obra de Paulo Bomfim!

Estão abertas as inscrições para a 5ª edição com o tema: "A vida e a obra de Cora Coralina".

Acessem o edital e se inscrevam!!

https://revistaseresta.blogspot.com/p/edital-de-concurso.html

https://issuu.com/revistafolhear1/docs/seresta4



Participem do Projeto "Cartas para a Vida"

Texto: Ananda Lima

O Projeto *"Cartas para a Vida",* nasceu de uma parceria da Academia Barreirense de Letras - ABL e a Polícia Militar da Bahia.

A proposta do projeto é levar palavras de esperança, de acalento a quem está vivendo problemas emocionais, especialmente os que têm pensamentos de morte e depressão.

Qualquer pessoa pode escrever, qualquer idade, formação...

Temos recebido cartas de cunho religioso, cartas simples, cartas mais elaboradas, cartas com relatos de superação... uma diversidade. Inclusive temos recebido poemas com mensagens lindas.

Quem escreve, tem ciência que as cartas serão publicizadas. Então, a pessoa decide se identifica ou deixa anônima. Temos as duas situações. Há quem usa pseudônimo.

Em qualquer ponto do planeta a pessoa pode escrever ou pode ter acesso à carta. Quem escreve, envia para o e-mail: *cartasparaavida2018@gmail.com*

As cartas serão publicadas nas redes sociais que poderão ser amplamente compartilhadas até chegarem aos seus destinatários, que pode ser eu, você, qualquer pessoa a depender do dia que estamos vivendo.

O projeto nasceu em setembro de 2018, com a força do Setembro Amarelo, mas não se restringe apenas a este mês. Ocorre permanentemente.

Agora, estamos organizando para ter um livro com as cartas já recebidas.

facebook - https://www.facebook.com/cartasparaavida/

Intagran - @cartasparaavida1

WhatsApp: (77) 9-9998-3406

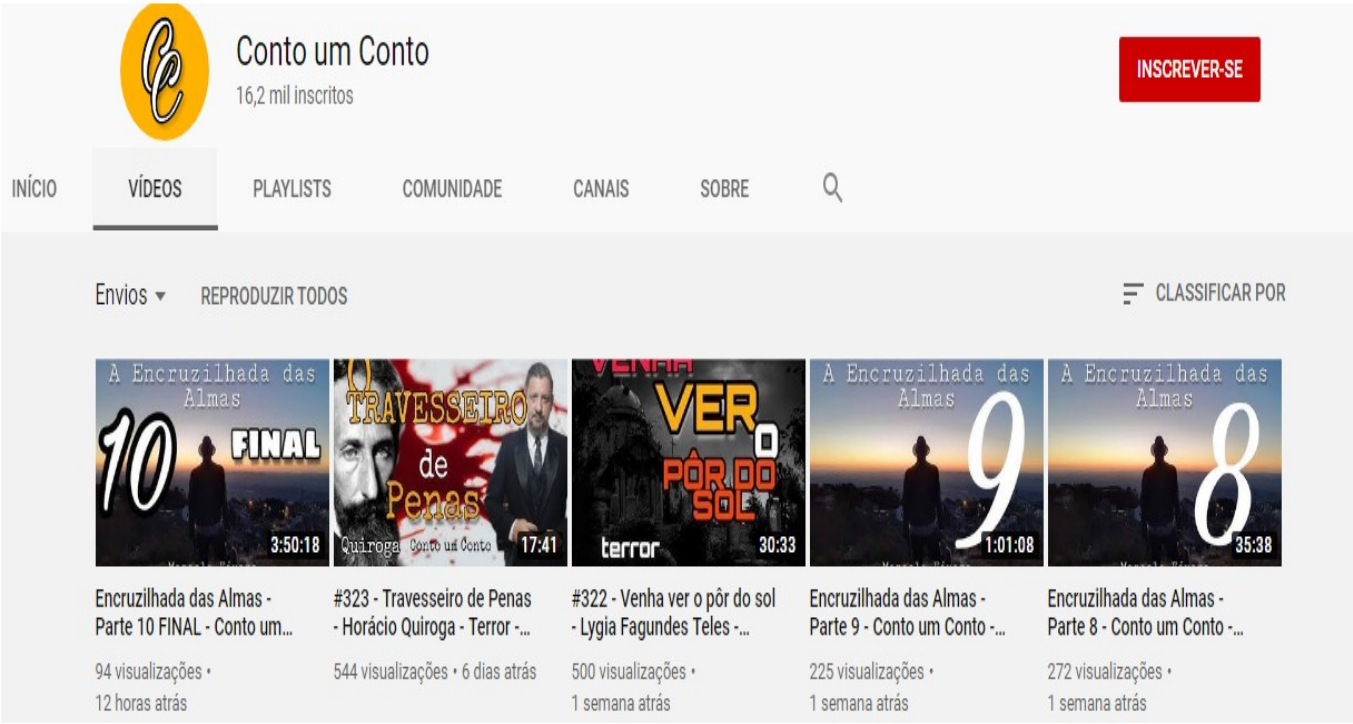
LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg



"Blog Concursos Literários"

Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

Blog: **https://concursos-literarios.blogspot.com.br/**

Facebook: **https://www.facebook.com/concursosliterarios/**

CONCURSOS

LITERÁRIOS

Academia Independente De Letras (AIL)

A ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (AIL), situada na cidade de São João/PE é uma associação civil de direito privado, com finalidades culturais, sem fins lucrativos.

http://academiaindependentedeletrasail.blogspot.com/

AAAHHrte zine

AAAHHrte é um zine-colagem de coisas interessantes encontradas por aí. O objetivo é apenas divulgar e valorizar a cultura, em suas variadas vertentes, para que seja apreciada, fomentada e preservada.
Quem quiser receber por mail o AAAHHrte 19 03 (PDF de 9,3 mb), ou as edições anteriores, é só pedir no wnyhyw@gmail.com .

Acesse para ler:

Zineteca Digital colaborativa:

https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1VOSRYuN_id71RG9ks00clzH9nSTGxyGE

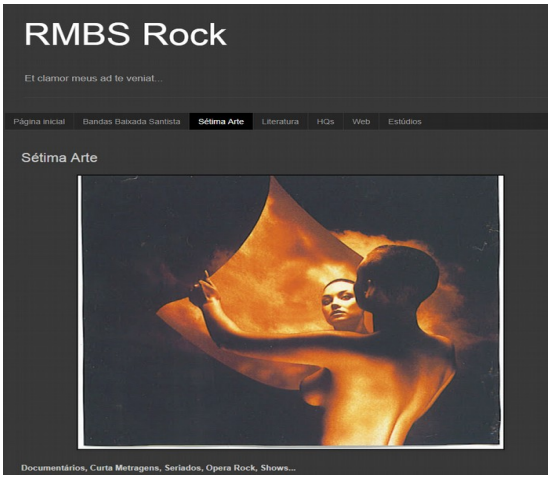
Blog RMBS Rock

Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

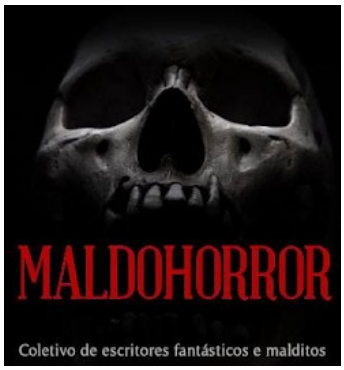
Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

https://rmbsrock.blogspot.com/



"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/



Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

Leiam a obra coletiva:

http://maldohorror.com.br/maldohorror/pandemonio/

Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/

"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)

Vamos mudar o mundo através das Palavras!!!

https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/